

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Análise do Sistema Ortográfico do Português Brasileiro
em Cartas do séc. XIX

Joanes Alves de Lima

Recife

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Análise do Sistema Ortográfico do Português Brasileiro
em Cartas do séc. XIX



Joanes Alves de Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre
em Lingüística.

Orientador: Prof^o Dr. Marlos de Barros Pessoa

Recife

2009

Lima, Joanes Alves de
Análise do sistema ortográfico do português
brasileiro em cartas do séc. XIX / Joanes Alves de
Lima. - Recife : O Autor, 2009.
166 folhas : quadros.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Pernambuco. CAC, Letras, 2009.

Inclui bibliografia.

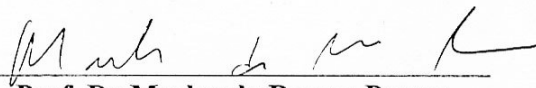
1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Ortografia -
Séc. XIX. 3. Etmologia. 4. Língua latina, (.Título.
801 CDU (2.ed.) UFPE
410 CDD (22.ed.) CAC2009-
20

JOANES ALVES DE LIMA

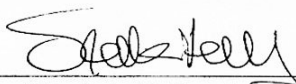
**Análise do Sistema Ortográfico do Português Brasileiro em Cartas do Séc.
XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

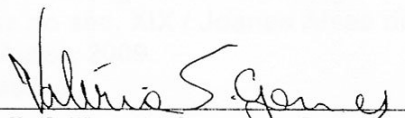
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
Orientador – LETRAS - UFPE



Prof. Dr.ª Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima
LETRAS - UFPE



Prof. Dr.ª Valéria Severina Gomes
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - UFRPE

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolho da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(Olavo Bilac)

A imitação constitui o alfa e o ômega da vida lingüística.

(Jespersen)

Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro!
E quanto mais excelente adquirir a prudência do que a prata!

(Provérbios 16:16)

A meus pais.

A Nalva, Caio e Amina

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a Deus por ter me concedido mais uma vitória na minha vida. Sem Ele, é claro, de nada adiantaria tanto esforço para a conclusão deste trabalho.

A meu orientador, a quem devo muito, Prof^o. Dr. Marlos de Barros Pessoa e a Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima pela paciência e pela ajuda indispensável para o andamento da pesquisa.

Aos professores do PPGLL/UFPE com os quais aprendi muito, em especial a Nelly Carvalho que me orientou no início do projeto. A Ângela Paiva Dionísio, a Abuêndia Padilha Pinto, a Stella Telles, a Marlos Pessoa, a Gilda Lins e a Antônio Carlos Xavier.

Aos meus colegas de curso no PPGLL/UFPE pela grande amizade que fizemos durante o tempo que passamos juntos.

A minha família que sempre me deu forças e não deixou que eu desistisse dos meus objetivos. A todos pela compreensão e ajuda nos momentos de minhas lucubrações.

A Caio, meu filho, responsável pela digitação desta dissertação. A minha irmã Ângela que sempre torceu por mim.

Enfim, a todos que me ajudaram nesta caminhada, em especial ao colega Prof^o Hudson Ribeiro da Silva, grande amigo.

RESUMO

Como é sabido, até o século XIX, ainda não tínhamos uma convenção que uniformizasse a grafia da Língua Portuguesa. Esse fato favorecia a variação da escrita dessa língua. Partindo dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo analisar a escrita da variedade do português do Brasil em cartas de leitores do século XIX publicadas em jornais pernambucos, buscando alcançar as motivações lingüísticas que poderiam responder pela variação da escrita vocabular entre os diferentes autores observados. Para tal foi analisado um corpus de 26 cartas de autores diferentes entre 1827 a 1873. Nesses documentos observamos primeiro o sistema vocálico, isto é, os encontros vocálicos ditongos e hiatos; as vogais átonas pretônicas, as vogais tônicas, as vogais átonas postônicas e as principais transformações que elas sofreram na passagem para o português. Em seguida, analisamos o sistema consonantal: as consoantes iniciais, as mediais, as consoantes geminadas, os grupos consonantais de origem grega e de origem latina e por que sua inserção na Língua Portuguesa. Dessa forma, constatamos que o nosso sistema se caracterizava pela imitação aos autores greco - latinos e a sua doutrina em matéria ortográfica cujo parâmetro a ser seguido era a arte de bem escrever baseado na tradição latina. Acreditamos que os fenômenos apresentados na análise servirão para que entendamos melhor como o sistema português se comportava no século XIX antes da reforma proposta por Gonçalves Viana em 1904.

Palavras – chave: sistema ortográfico. imitação latina. transformação. etimologia.

ABSTRACT

As it's known, until the 19th century, we still didn't have a convention which put the writing of Portuguese Language into a pattern. This fact favored the writing range of this language. Starting from this reality, the present work goals analyzing the variety of the writing towards Brazilian Portuguese in letters from readers dating the 19th century published in newspaper from *pernambuco*, searching to reach the linguistics motivations which could answer for the variation of the vocabulary writing among the different observed authors. For that, a corpus made up of 26 letters by different authors between 1827 and 1873 was analyzed. In these documents, it was first observed the vocal system, that is, the vocal linkings, diphthongs and hiatus; the preton unstressed vocals, the stressed vocals, the poston unstressed vocals and the main transformations they undergo while turning into portuguese. After that, the consonant system was also analyzed; the initial consonants, the intermediate ones, the geminated consonants, the consonant groups of greek origin and of latin origin and the reason of their insertion into the portuguese language. This way, it was realized that our system was characterized by the imitation of the greek - latin authors and their doctrine towards ortographic subject in which the parameter to be followed was the art of writing well based on the latin tradition. We believe that the phenomena presented in the analyses will act so that we may understand better how the portuguese system worked during the 19th century before the reformation proposed by Gonçalves Viana in 1904.

Key words: ortographic system. latin imitation. transformation. ethmology.

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------|----|
| RESUMO | 07 |
| ABSTRACT | 08 |
| INTRODUÇÃO | 12 |

CAPÍTULO I – História externa e interna da língua portuguesa

| | |
|---|----|
| 1. História externa da língua portuguesa | 15 |
| 2. História interna da língua portuguesa..... | 19 |
| 3. A normatização da língua | 23 |
| 4. As gramaticografias latina e vernácula..... | 26 |
| 5. Ortografias renascentistas | 27 |
| 6. As bases do sistema ortográfico português..... | 36 |
| 7. A ortografia nacional (1904)..... | 36 |
| 8. A imprensa brasileira e a escrita | 38 |
| 8.1. A imprensa áulica | 41 |
| 8.2. O comércio do livro | 43 |
| 8.3. A imprensa da independência | 44 |

CAPÍTULO II – O sistema vocálico

| | |
|--|----|
| 1. O sistema vocálico do português..... | 47 |
| 1.1. Sons vocais elementares e fonemas..... | 47 |
| 2. A diferença entre vogal e consoante..... | 48 |
| 3. As vogais portuguesas | 49 |
| 4. As vogais portuguesas em posição átona..... | 51 |
| 5. O sistema vocálico do latim clássico e do latim vulgar..... | 53 |
| 6. O acento tônico | 54 |
| 7. O acento secundário | 55 |
| 8. As vogais do latim clássico e do latim vulgar..... | 55 |

| | |
|---|----|
| 9. As vogais latinas tônicas..... | 57 |
| 10. As vogais latinas átonas iniciais..... | 60 |
| 10.1. As vogais latinas átonas pretônicas | 61 |
| 10.2. As vogais latinas átonas postônicas..... | 61 |
| 10.3. As vogais latinas átonas finais..... | 62 |
| 11. As semivogais i e u..... | 63 |
| 12. As vogais nasais | 64 |
| 13. O hiato | 65 |
| 14. Os ditongos | 67 |
| 14. 1. Ditongos decrescentes..... | 67 |
| 14. 2. Ditongo crescente | 68 |

CAPÍTULO III – O sistema consonantal

| | |
|---|----|
| 1. As consoantes do português na visão estrururalista de Câmara Jr..... | 71 |
| 1.1. O sistema consonantal..... | 71 |
| 2. As consoantes latinas e as portuguesas..... | 74 |
| 2.1. Consoantes iniciais simples..... | 77 |
| 2.2. Consoantes mediais simples..... | 78 |
| 2.3. Consoantes finais simples | 80 |
| 3. Grupos consonantais..... | 80 |
| 3.1. Grupos iniciais próprios..... | 81 |
| 3.2. Grupos iniciais impróprios..... | 82 |
| 4. Grupos mediais (consoantes geminadas)..... | 83 |
| 5. Grupos mediais próprios..... | 85 |
| 6. Grupos mediais impróprios..... | 87 |
| 7. Grupos de três consoantes..... | 90 |
| 8. Grupos de consoante e semivogal | 90 |
| 8.1. Consoantes seguidas da semivogal -i- | 90 |
| 8.2. Consoantes seguidas da semivogal -u- | 91 |
| 9. A sílaba em português | 92 |

CAPÍTULO IV – Análise do *corpus*

| | |
|---|-----|
| 1. O português brasileiro impresso no século XIX | 96 |
| 2. Levantamento e classificação dos casos | 96 |
| 2.1. Sibilante início de sílabas: s/z, ss/c, ss/ç, s/c, x/ch e fim de sílaba s/z | 97 |
| 2.2. Ditongo final | 98 |
| 2.3. Ditongo nasal..... | 99 |
| 2.4. Ocorrências do <i>h</i> mudo ou nos dígrafos <i>ph</i> , <i>th</i> , <i>ch</i> e <i>rh</i> | 99 |
| 2.5. Lexicalização..... | 100 |
| 2.6. Vogais pretônicas (alçamento, abaixamento)..... | 101 |
| 2.7. Vogais tônicas (mudança vocálica) | 101 |
| 2.8. Vogais postônicas (alçamento e-i e o-u)..... | 102 |
| 2.9. Acentuação gráfica | 102 |
| 2.10. Consoantes mudas e travamento consonantal | 102 |
| 2.11. Metátese | 104 |
| 2.12. Abreviaturas | 104 |
| 2.13. Consoantes duplas | 104 |
| 2.14. Vogais nasais em posição final de vocábulo..... | 105 |
| 2.15. O plural dos nomes terminados em <i>L</i> | 105 |
| 2.16. O apóstrofo..... | 106 |
| 2.17. O uso do <i>Y</i> | 106 |
| 2.18. O til | 106 |
| 3. Classificação dos casos quanto aos critérios ortográficos | 107 |
| 3.1. Casos decorrentes da etimologia e da analogia..... | 107 |
| 3.2. Casos decorrentes da pronúncia | 110 |
| 3.3. Casos decorrentes do uso | 110 |
| | |
| CONCLUSÃO | 127 |
| REFERÊNCIAS | 130 |
| ANEXOS | 137 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o sistema ortográfico do português brasileiro do século XIX em cartas de leitores impressas em jornais de pernambuco. São 26 correspondências de diferentes autores. Os documentos analisados vão desde a década de 20 à década de 70. Neles podemos observar como variava o sistema ortográfico uma vez que não havia ainda uma convenção e o critério observado ora era o fonético, ora era o etimológico. Sendo assim, é provável que os autores se pautassem pela tradição latina sob a égide de quatro critérios ortográficos, segundo Gonçalves (1992): o etimológico, o analógico, a pronúncia e o uso. Contudo, veremos que embora o objetivo fosse imitar os autores latinos e a sua doutrina em matéria ortográfica, isso não era seguido à risca visto que nas cartas analisadas encontramos a mesma palavra escrita de forma diferente no mesmo autor e entre autores contrariando a etimologia da palavra.

Por outro lado, vale lembrar que “a valorização da erudição greco – latina aliada ao gosto da época, ao luxo ou extravagância ortográfica fazia parte do contexto cultural dos séculos XVIII e XIX”, Gonçalves (op. cit.). Nessa perspectiva, mostraremos o sistema ortográfico português no século XIX antes do trabalho publicado por Gonçalves Viana em 1904, a *Ortografia Nacional* que, segundo Houaiss (1991), revelou uma análise da história interna da língua bem como suas tendências fonéticas. Vale frisar que os princípios norteadores desse trabalho foram: a eliminação dos símbolos de origem grega th, ph, rh, y e ch (com som de k); eliminação das consoantes latinas geminadas; a eliminação das consoantes mudas e por fim a regularização da acentuação gráfica.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro discorremos sobre a história externa e interna da língua portuguesa. No discorrimento da história externa, fizemos um percurso histórico buscando a origem da língua que falamos hoje no Brasil, começando pela fundação de Roma no século IX ou VIII a.C. aproximadamente passando pelas fases do latim literário, isto é, o período anteclassico, o clássico e o pós – clássico o qual redundou no baixo latim, até o século XIII d.C período em que se começa a encontrar registros escritos que podem favorecer o entendimento da história interna da Língua Portuguesa (Neto, 1976) e (Houaiss, 1991).

É bom lembrar aqui que as línguas românicas ou o período do romance principia com a queda de Roma no século V após a invasão dos bárbaros. Segundo Neto (1976: 86), “o início do século V marca uma nova era: a Idade Média, o mundo antigo, corroído de vícios, desmorona de todo. Nessa época, por tais alterações havia passado o latim que se pode dizer que ele saíra da memória dos homens, continuando, porém, a existir em nova fase: o romance”.

Em seguida, apresentamos a proposta de Houaiss (1991) sobre a história interna do português que delimita três períodos, a saber: o pré – histórico, das origens até o século IX sem nenhum documento escrito; o proto – histórico do século IX ao século XIII com presença de palavras portuguesas em textos latino – bárbaros e finalmente o histórico, do século XIII até nossos dias com textos totalmente escritos em português. Por fim, mostramos não só alguns ortografistas a partir do século XVI, tais como: Fernão de Oliveira, Magalhães Gândavo, João de Barros, Madureira Feijó e suas soluções ortográficas para a Língua Portuguesa na tentativa de regulamentá-la, como também a importância da imprensa para a difusão da escrita no início do século XIX com a chegada da corte joanina ao Brasil em 1808.

No segundo capítulo, apresentamos a evolução do sistema vocálico do português verificando as vogais em posição tônica e em posição átona, os ditongos e os hiatos latinos de acordo com Nunes (1975), Neto (1976), Coutinho (1976) e Teyssier (2007). Aliado a isso, assinalamos ainda as transformações que as vogais latinas sofreram na passagem para o português. Ademais, salientamos a proposta de Câmara Jr.(1980) para as vogais portuguesas e para a estrutura da sílaba.

No capítulo 3 vimos o sistema consonantal do português na visão estruturalista de Câmara Jr. (1980). É bom lembrar que o autor propôs um quadro em grupos triangulares para as 19 consoantes portuguesas. Em seguida, traçamos de acordo com as gramáticas históricas as consoantes simples iniciais, as mediais, as finais e os grupos de três consoantes. Os grupos consonantais próprios e impróprios no início e no meio das palavras também foram vistos nesta sessão. Neste capítulo ainda abordamos, de forma sucinta, as consoantes geminadas latinas no interior das palavras. Como é sabido, essas consoantes se reduziram a consoantes simples em português. Nos termos de Coutinho (1976) esta simplificação já se havia operado no próprio latim vulgar.

O capítulo 4 é dedicado à análise do nosso *corpus*, isto é, as 26 cartas de leitores da imprensa pernambuca entre 1827 a 1873. Em 1.1. enfatizamos o português brasileiro impresso no século XIX. No item seguinte 1.2., apresentamos o levantamento e a

classificação dos casos, ao todo 18, começando com o uso das sibilantes no início e no final das sílabas e concluimos essa seção com o uso do til. Em 1.3. discutimos a classificação dos casos quanto aos quatro critérios ortográficos propostos por Gonçalves (1992), a saber: o etimológico, o analógico, a pronúncia e o uso. Finalmente, mostramos as freqüentes variações ortográficas em um mesmo autor e entre autores e em seguida, na página 127, apresentamos a nossa conclusão.

CAPÍTULO I

1. História externa da língua portuguesa

Aqui veremos um pouco da história da língua portuguesa, isto é, sua origem com a fundação de Roma no século VIII a.C.; o período áureo do latim clássico, a invasão de povos germânicos no século V d.C. ao Império romano do ocidente até a chegada dos muçulmanos em 711 d.C. em solo peninsular. Depois, abordaremos a história externa e a interna da língua portuguesa; a expulsão dos mouros pelos cristãos e por fim as principais fases apresentada para a Língua Portuguesa por alguns estudiosos.

Como é sabido, o Português originou-se do latim, língua falada na região do Lácio na Península Itálica. Nessa região, por volta do século VIII a.C. foi fundada Roma que a princípio não passava de uma simples cidade. Contudo, por ter uma localização estratégica, nos séculos seguintes, veio a exercer o poder sobre algumas das cidades mais importantes. Os romanos, dotados de grande tino político e guerreiro, já no século III a.C. passaram a dominar toda a Itália. Segundo Haury (1989: 10):

As conquistas romanas começaram em fins do século IV a.C. e continuaram até pouco depois do século I da era Cristã. Roma, que vivera uma lendária monarquia e uma áurea república, tornou-se a capital do mundo e implantou, oficialmente, em 27 a.C., o Império.

Nos termos de Coutinho (1976), a princípio só existia simplesmente o latim. Com o passar do tempo, o idioma dos romanos serve também como instrumento literário. Nesse período, já são registradas distinções entre duas variedades: a do latim clássico e do latim vulgar. O primeiro foi também chamado pelos escritores latinos de *consuetudo*, *urbanus* ou *sermo quotidianus* e o segundo de *sermo vulgaris*. Mas como afirma Coutinho “*não eram duas línguas diferentes e sim dois aspectos da mesma língua já que um surgiu do outro, como a árvore da semente.*” (op.cit. p. 29).

Vejamos o que Coutinho diz a respeito de uma carta de Cícero a um amigo:

Cícero nos fala dessa dualidade de emprego do latim numa carta que escreveu ao seu amigo Paeto: “Quid tibi ego videor in epistulis? Nonne plebeio sermone agere tecum? Causas agimus subtilius, ornatius: epistulas vero cotidianis verbis texere solemus. “Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a língua vulgar, pois não é?... Nos discursos aprimoro mais: nas cartas, porém, teço as frases com expressões cotidianas.”(op. cit. p. 29).

Diz-se latim clássico a língua escrita pelos grandes escritores. Caracterizava-se pela elegância do estilo, pelo apuro do vocabulário e pela “correção” gramatical, em outros termos, uma língua artificial e rígida.

Por outro lado, chamava-se latim vulgar o latim falado pela plebe, isto é, pelas pessoas incultas e analfabetas da sociedade romana que não tinham preocupações artísticas ou literárias. A essas classes pertenciam os soldados, os marinheiros, os artífices, os agricultores, os barbeiros, os sapateiros, etc. Neto (1979: 37) divide o latim literário em três fases, a saber:

- I. Período antigo ou anteclassico (época de Plauto, Lívio Andronico, Ênio e Terêncio).
- II. Período áureo dos grandes autores clássicos (época de Virgílio, Cícero, Horácio, Augusto, etc).
- III. Período da decadência, isto é, pós-clássico que mais tarde do século II ao V d.C. redundou no baixo latim usado pelos padres da igreja. Nesse período, o latim começou a desagregar-se à proporção que a civilização romana se enfraquecia e empobrecia.

De acordo com o autor, essa última é a fase de predominância do latim vulgar que vai do século II ao século V d.C. quando Roma foi invadida pelos bárbaros. Como sabemos, nesse período realizaram-se várias mudanças na estrutura da língua, isto é, na fonética, na morfologia e na sintaxe ¹. Veremos a mudança fonética mais tarde no capítulo II.

Para Souza (1990: 23), não é difícil compreender como a língua e a civilização latinas, em um período relativamente curto de três séculos apenas impuseram-se a povos tão diversos, na cultura e na “raça” implantando seu império. Como é sabido, desse processo resultou a romanização, em outras palavras, o domínio sócio- político e cultural dos romanos sobre as regiões conquistadas. Assim sendo, dividiram a península

¹ As mudanças na morfologia e na sintaxe podem ser vistas em Neto (1979: 39).

em três províncias: Tarraconense, Bética e Lusitânia. À zona ocidental da Península Ibérica que compreende a Galiza e quase todo Portugal, chamaram Lusitânia. Uma vez seduzidos pelo prestígio político-social dos conquistadores, os habitantes das regiões ocupadas não resistiram por muito tempo e terminaram adotando a língua de Roma em detrimento do próprio idioma. Estava formado, pois, o Império romano do ocidente.

Segundo Haury (1989: 8), a Língua Portuguesa e os demais idiomas românicos resultaram de uma lenta e conturbada transformação através dos séculos, de uma outra língua, a latina, que por sua vez originou-se de uma outra, a indo-européia falada por um povo sem história chamado ariano ou ária.

No início do séc. XIX, pensava-se que a língua latina fosse proveniente da grega e este do sânscrito (língua sagrada dos Hindus). Mas, como sabemos, o grande filólogo alemão Franz Bopp provou pelo método da gramática comparada, no que diz respeito aos fatos fonéticos, morfológicos e sintáticos, o parentesco lingüístico das línguas indo-européias, isto é, o sânscrito, o grego, o latim, o lituânio, o gótico e o alemão.

Segundo Nunes (1975: 3), o indo-europeu se fracionou em diversos ramos, a saber: germânico, itálico, báltico, eslavo, celta, albanês, grego e o armênio. Conforme esse autor, todas as línguas atualmente faladas na Europa, exceto o turco do grupo basco, provêm desses sete primeiros.

Como sabemos, a península sofreu várias invasões. Em 409 d.C invasores germânicos - vândalos, suevos e alanos - seguidos mais tarde pelos visogodos invadem o solo peninsular dando início a um dos períodos mais obscuros da história dessa região, que só terminará em 711, com a chegada muçulmana.

Com a invasão dos bárbaros em 476 d.C ao Império romano do ocidente, desapareceu a nobreza e com ela as escolas e a preocupação com a cultura ficou confinada nos mosteiros. Logo, o latim clássico, escrito gramaticalmente, cheio de palavras novas e da contribuição grega serviu de língua oficial das ciências na Idade Média. Todavia, ao lado deste, surgiu outro latim, misturado com o léxico de outras línguas chamado “*latim bárbaro*” e empregado pelos tabeliães em contratos, testamentos, doações e escritas de ordem jurídica.

Nunes (1975) nos lembra ainda que a língua corrente *sermo vulgaris* usava certas palavras que a fala culta rejeitava ou evitava dizer. De um lado, o povo usava *caballus*, e os letrados diziam *equus*. Os cultos diziam *felis* e a plebe, *cattus*. Para as formas literárias *vetulus*, *vobiscum*, *ansa*, o analfabeto dizia *veclus*, *voscum*, *asa*, etc.

Nessa época, afirma Neto (1976), o latim já havia passado por várias alterações a ponto de sair da memória dos homens continuando, porém, a existir em nova fase: o romance. Segundo esse pesquisador, “Romance é um falar intermediário entre o latim corrente e as línguas neolatinas. Ao romance falado na Lusitânia, que vai do século V ao século IX chamaremos lusitânico”. (op.cit. p. 86).

Nos termos de Bueno (1955), Nunes (1975), Piel (1989) e Castro (1991) do século V d.C em diante com a invasão dos germanos e a definitiva queda de Roma, inicia-se o período do romance, fase embrionária das línguas românicas: francês, italiano, espanhol, romeno, rético, dalmático, sardo, galego e português. Logo, “*O latim falado foi paulatinamente substituindo as línguas primitivas na maioria das províncias ocidentais, transformando-se no decorrer do tempo nas modernas línguas neolatinas*” (Robins, 1967: 35).

Por outro lado, Neto (1976: 86) a esse respeito, assim escreve:

A partir, porém, daquela data, esmagados os romanos pelas invasões dos bárbaros, perdida a unidade nacional, cada província passou a ter evolução à parte. Por essa razão a língua foi-se a pouco e pouco diversificando, a ponto de revestir hoje as várias formas a que chamamos línguas românicas. Assim o francês é a continuação do latim outrora falado no Norte da Gália; o romeno é a continuação do latim outrora falado na Dácia; o português, a continuação do latim falado antigamente na faixa ocidental da Península Ibérica.

Em 711 os muçulmanos invadem e em pouco tempo conquistam a Península Ibérica, incluindo a Lusitânia e a Gallaecia. Vale lembrar que esses muçulmanos árabes foram chamados mais tarde pelos povos ibéricos de mouros.

A reconquista cristã, partindo do norte, vai aos poucos expulsando os mouros para o sul. Era, pois, uma guerra santa, abençoada e beneficiada pelos papas. Dessarte, “*A reconquista se movimenta na forma de três lanças impelidas para o coração dos infiéis: uma astúria – leonesa, a noroeste, outra castelhana, no centro e outra a leste, aragonesa. Território a território, lenta e penosamente, vai-se de novo erguendo a bandeira de Cristo*” (Neto, 1976: 72). Logo, o reino independente de Portugal nascerá no século XII durante esse período. Por outro lado, a Espanha muçulmana domina os inimigos cristãos por volta do ano 1000, época em que o califado de Córdoba destrói Compostela sob a liderança auspiciosa de Al – Mansur.

Contudo, no início do século XI, os reinos cristãos de Leão, Aragão, Navarra e Castela iniciam um movimento ofensivo que se tornara irresistível. Em 1064 Coimbra é reconquistada, em 1147, Santarém e Lisboa. Évora em 1165. Com a tomada de Faro em 1249, o território de Portugal está completamente formado e o resto da península só seria reconquistada definitivamente bem mais tarde em 1492 quando os reis católicos da Espanha se apoderam do reino de Granada. Teyssier (2007: 7) nos assevera que:

A Reconquista provocou importantes movimentos de populações. Os territórios retomados aos “mouros” estavam freqüentemente despovoados. Os soberanos cristãos “repovoavam” esses territórios e entre os novos habitantes havia em geral uma forte proporção de povos vindos do Norte. Foi assim que o galego-português recobriu pouco a pouco, toda a parte central e meridional do território português.

Sabe-se que o latim encontrou nas regiões conquistadas povos de raças e civilizações diferentes cada qual com sua expressão idiomática, mas, apesar de triunfar sobre essas línguas, o latim sofreu na fonética e no léxico influências que representam sinais das línguas faladas antes nas regiões latinizadas.

Segundo Haug (1989), eis alguns povos cujas línguas representaram o substrato lingüístico do latim: lígures, ilírios e etruscos (na Península Itálica); celtas (na Bretanha); iberos, gregos, fenícios, cartagineses, celtas e bascos (na Península Ibérica); cartagineses (ou púnicos) (no norte da África).

Na Lusitânia pré-romana, os celtas deram o maior valor lingüístico para a estruturação da língua portuguesa. Vejamos alguns substantivos no léxico de origem celta: cavalo (< caballus), carro (< carrus); cerveja (< cerevisia); saia (< sagum); cabana (< cappana); gato (< cattus).

Dito isso, vejamos agora como a história estuda a Língua Portuguesa e suas várias fases desde o latim até hoje. Começaremos, pois, com a história interna da língua portuguesa.

2. História interna da língua portuguesa

De acordo com Coutinho (1976) e Houaiss (1991), o português só terá história a partir do século XIII período em que aparecem os primeiros documentos escritos.

Contudo, antes desse período, para esses estudiosos, é possível situar dois estágios de evolução: uma quando o idioma, embora falado, não possuía registros, chamado pré-história e outra quando começou a aparecer as primeiras palavras em textos escritos, chamado proto-história. Assim, Houaiss (1991: 10) apresenta-nos três períodos para o português:

- a) Pré-histórico – Das origens até o século IX. Sem documentação.
- b) Proto-histórico – Do século IX ao século XIII. Presença de palavras portuguesas em textos latino-bárbaros (mistura de formas latinas com formas romances).
- c) Histórico – Do século XIII aos nossos dias. Textos totalmente escritos em Português (ou Galego-Português).

Para o autor, esse último período – o histórico - por apresentar peculiaridades lingüísticas, costuma ser dividido em duas fases: a arcaica, que vai do século XIII ao XVI – momento em que se elabora a nossa primeira gramática -, e a moderna que vai do século XVI até os dias atuais.

Segundo Neto (1976: 91), o período arcaico pode ser dividido em duas partes:

- 1) A fase trovadoresca que vai do século XII até 1350, chamada galego-portuguesa;
- 2) A fase da prosa histórica exclusivamente portuguesa começando em 1350 até o século XVI, início da fase moderna.

De acordo com Haury (1989), a fase pré-histórica é o período de evolução do latim falado na região da Galiza e na Lusitânia, desde a conquista da Península Ibérica até a formação dos romanos no séc. V, época em que o romance galaico-português se definiu como língua falada nas duas margens do Rio Minho. Segundo o autor:

O século IX marca o estágio de definição do romance galaico-português como língua corrente, falada a princípio na região noroeste da Península Ibérica e levada, depois, com o movimento da Reconquista, para o sul e o séc. XII registra o fato histórico da independência de Portugal” (op. cit. p. 20).

Na fase proto-histórica palavras e expressões do romance galaico-português começaram a aparecer em documentos escritos em latim bárbaro. São testamentos, doações, documentos públicos, documentos jurídicos, contratos de compra e venda com locuções e vocábulos do romance numa forma ainda pseudolatina.

A fase histórica, que começa no século XIII até nossos dias, subdivide-se em duas, a arcaica e a moderna tendo como marco divisório o século XVI momento em que se elabora, por exemplo, nossa primeira gramática e a publicação de “Os Lusíadas” de Camões em 1572.

Por fim, Neto (1976: 85), descreve as várias fases da língua portuguesa desde o latim até o século XX da seguinte forma:

- 1.º) **latim lusitânico** (falado na Lusitânia) – vai até o século V;
- 2.º) **romance lusitânico** (falado na Lusitânia) – vai do V ao IX século. O português propriamente dito ainda não existe.
- 3.º) **português proto-histórico** – vai do IX ao XII século. Nessa época já existe o português como língua falada, mas não se escrevia.
- 4.º) **português arcaico** – vai do século XII ao século XVI.
- 5.º) **português moderno** – vai do século XVI ao XX.

Quanto à história da ortografia, de acordo com Kemmler (1996: 120) alguns estudiosos nos apresentam os seguintes quadros:

Conquanto na nossa ortografia nunca tinha havido completa uniformidade, nota-se, isso não obstante, diferença sensível entre a usada nos artigos escritos e a que se praticou nos que se lhes seguiram, o que me leva a dividir a sua história em dois períodos: um, ao qual poderá chamar-se fonético, que começa com os princípios da língua e dura até o século XVI, outro, que denominarei pseudo-etimológico e se estende do século XVII aos nossos dias.

NUNES (1975)

A história da ortografia portuguesa divide-se em três períodos: a) o período fonético, que coincide com o período do português arcaico; b) o período

etimológico, que se estende do Renascimento até o século XX e c) o período reformado, que principia com a adoção pelo governo português da nova ortografia, em 1916.

WILLIAM (1991)

Divide-se assim a história da nossa ortografia em três períodos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado.

Período fonético. Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar das irregularidades gráficas que se observam na transcrição das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.

Período pseudo-etimológico. Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, em que aparece a “ortografia nacional” de Gonçalves Viana. O que caracteriza este período é o emprego das consoantes geminadas e insonoras, dos grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como *y*, *k* e *w*, sempre que ocorram nas palavras originárias.

Período simplificado. Principia com a publicação da “Ortografia Nacional” de Gonçalves Viana, em 1904 e chega até os nossos dias. De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro.

COUTINHO (1976)

A história da ortografia portuguesa pode dividir-se em três períodos:

- a) **o fonético**, que coincide com a fase arcaica da Língua, vai até o século XVI;
- b) **o pseudo-etimológico**, inaugurado no Renascimento, estende-se até os primeiros anos do séc. XX;
- c) **o histórico-científico**, que se inicia com a adoção da chamada nova ortografia, começa em 1911.

LIMA (1967)

Podemos distinguir los siguientes períodos en la historia de la ortografía portuguesa:

- 1) Período denominado sin gran precisión fonético, que corresponde a la época del portugués arcaico.
- 2) Período etimológico, iniciado con el Renacimiento y que se prolonga hasta principios de nuestro siglo.
- 3) Período de las reformas ortográficas, que abarca desde el año 1916 hasta nuestros días, incluyendo la del Convenio luso-brasileño de 1945, por el que se intentó fijar definitivamente, uniformándola, la ortografía de la lengua a ambos lados del Atlántico.²

CUESTA (1971)

Como se pode ver, os autores supracitados dividem a história da ortografia portuguesa em três períodos: o fonético, o etimológico e o período simplificado a partir da “Ortografia Nacional” de Gonçalves Viana em 1904. Com exceção de Nunes (1975) que a divide em dois períodos apenas: o fonético e o pseudo-etimológico.

Com o crescimento do império grego no séc. III a.C, surgiu a necessidade de uma normatização da língua. É o que veremos a seguir:

3. A normatização da língua

Segundo Bagno (2007), a necessidade de normatizar a língua surgiu no séc. III a.C. período do domínio grego sob o comando auspicioso de Alexandre III, o grande. Como sabemos, esse rei macedônio conquistou um enorme território que foi desde a Grécia³, na Europa, até o Egito, na África, passando pelo Oriente Médio, Mesopotâmia e chegando até o rio Indo no limite entre o grande império Persa e a Índia. Sendo assim, como assinala o autor, a noção de erro nasceu no mundo ocidental junto com as primeiras descrições sistemáticas da língua grega na cidade de Alexandria, no Egito,

² 1) Período denominado sem grande precisão fonética, que corresponde a época do português arcaico.

2) Período etimológico, iniciado com o Renascimento e que se prolonga até os princípios de nosso tempo.

3) Período das reformas ortográficas, que vari desde o ano 1916 até nossos dias, incluindo o Convênio luso-brasileiro de 1945 pelo que se tentou assegurar definitivamente uniformizando a ortografia da língua a ambos os lados do Atlântico.

³ Segundo Bagno (2007), o nome da Grécia, na língua grega, é Hellas, de onde vem Hélade, em português.

conhecida como o mais importante centro de cultura helenística⁴ no século III a C. Na página 63, o autor supracitado nos afirma:

Como a língua grega tinha se tornado o idioma internacional dentro do império pelas conquistas de Alexandre, surgiu a necessidade de normatizar essa língua, ou seja, de criar um padrão uniforme e homogêneo que se erguesse acima das diferenças regionais e sociais para se transformar num instrumento de unificação política e cultural. Essa tarefa de constituição de uma norma unificada, de um padrão de correção, foi empreendida pelos sábios que trabalhavam justamente na Biblioteca de Alexandria, os filólogos (“amantes da palavra”).

Por outro lado, nas sociedades em que as línguas se transformaram não só em símbolos de unidade política, mas também em identidade nacional, deu-se a idéia de que a escrita literária consagrada serviria de base para a constituição de um ideal de língua “certa” e com o português não foi diferente, como nos lembra Bagno, (op. cit.).

Para Neto (2001), o processo de instituir uma língua que servisse de veículo de comunicação entre a figura do rei e os cidadãos começou na Europa no período chamado Renascimento no séc. XV. Nos termos de Bagno (2007), os intelectuais renascentistas foram os grandes responsáveis pela criação de novos vocábulos eruditos em português. Camões, por exemplo, criou muitas palavras e usou-as em sua obra poética “Os Lusíadas”, tais como: aurífero, diáfano, etéreo, fatídico, malévolos, tuba, etc. Ora, não é por acaso que essa epopéia publicada em 1572 é tomada como o marco de separação entre o “português arcaico” e o “português moderno”.

A essa altura, vale salientar que a “*Gramática da língua castelhana*” de Antônio de Nebrija, de 1492, foi a primeira gramática normativa das línguas européias. Por outro lado, as primeiras gramáticas da língua portuguesa datam desse período. Em 1536 Fernão de Oliveira escreve a “*Gramática da linguagem portuguesa*”. Depois em 1540 João de Barros publica também a “*Gramática da Língua portuguesa*”. Em 1574 foi a vez de Pero de Magalhães Gândavo escrever as “*Regras que ensinam a maneira de escrever*”, seguida pela “*Ortografia da língua portuguesa*” de Duarte Nunes de Leão em 1576. Veremos essas obras mais adiante.

⁴ O helenismo, período do domínio grego sob o comando de Alexandre III (356-323 a. C). Alexandria (no Egito) foi considerada o centro mais importante da cultura grega. Bagno (2007).

É importante lembrar que esses gramáticos renascentistas portugueses, na tentativa de valorizar a própria língua, insistiam em mostrar a estreita semelhança entre o português e o latim. Em 1606, Duarte Nunes de Leão postulou: *“E por a muita semelhança que a nossa língua tem com ela (a latina) e que é a maior que nenhuma língua tem com outra, e tal que em muitas palavras e períodos podemos falar que sejam justamente latinos e portugueses”* (Leão, apud Bagno, 2007: 90).

Segundo Bagno (2007), os gramáticos e os intelectuais renascentistas recorriam ao latim com o objetivo de criar novas palavras. Esses empréstimos recebem o nome de latinismos. Por certo, tanto o português como as demais línguas ocidentais modernas passaram por essa relatinização. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 01:

| LATIM | PORTUGUÊS | |
|----------|------------------|------------------|
| | FORMAÇÃO ERUDITA | FORMAÇÃO POPULAR |
| clavu- | clavo | cravo |
| digitu- | dígito | dedo |
| duplu- | duplo | dobro |
| frígidu- | frígido | frio |
| óculu- | óculo | olho |
| mácula- | mácula | malha |
| másculu- | másculo | macho |
| matéria- | matéria | madeira |
| plaga- | plaga | chaga |

(adaptado de Bagno, 2007)

Diante dessa trajetória rumo à normatização, finalizamos essa seção retomando o que Bagno (2007) salienta. No entanto, para que a norma-padrão atenda às exigências de uma língua oficial, de uma língua literária, de uma língua de ensino e de uma língua institucionalizada, segundo o autor, será preciso ela:

- a) criar um modo único de escrever essa língua, daí a necessidade de uma oficial que é uma lei promulgada em todo os países pelo poder central;

- b) catalogar o repertório lexical dessa língua, origem dos dicionários, que interessam tradicionalmente por listar e definir as palavras que pertencem às variedades de maior prestígio social e cultural;
- c) criar novos vocábulos (sobretudo técnicos e científicos) para que a língua se torne veículo de uma cultura erudita, acadêmica;
- d) estabelecer as regras de uso “correto” da língua, origem das normativas, que descrevem e prescrevem os modos de usar a língua mais próximos da tradição literária e das variedades de prestígio;
- e) criar instituições que divulguem e preservem essa língua padronizada, primordial da escola, dentro de uma visão tradicional de ensino de língua, das academias de língua e de outras instituições. (op.cit. p. 90).

4. As gramaticografias latina e vernácula

Quanto ao estudo da ortografia latina, os ortógrafos não estavam preocupados com o estabelecimento de um sistema gráfico coerente. Sendo assim, trataram, sobretudo, de aspectos isolados de dúvidas que lhes surgiram. Portanto, veremos de forma sucinta algumas das obras ortográficas e gramaticais mais importantes a partir do Renascimento até 1904 quando Gonçalves Viana propôs um sistema coerente de uma ortografia portuguesa simplificada.

Por outro lado, é bom lembrar que a ortografia latina que nós hoje conhecemos remonta ao primeiro século d.C , ou melhor, do tempo de Quintiliano, Suetônio, Sêneca, etc. Em Kemmler (1996), lemos:

Dentro da ortografia latina a questão principal era sobre se esta devia ser a base etimológica ou orientada para a fonética. Por mais estranho que o fato possa parecer a uma pessoa que hoje se dedica à ortografia de uma língua românica, a maioria dos ortógrafos latinos considerou a grafia desta como sendo fonética (fonográfica). Houve, já dentro da própria latinidade uma modesta discussão ortográfica (op.cit. p. 10)

No entanto, os lingüistas latinos já reconheciam as diferentes realizações entre fala e escrita. Para Prisciano Cesarense (sécs. V/VI d.C) era abusiva a confusão entre

“litera” e “elementum”, em outras palavras, entre a partícula mínima grafada e a partícula mínima proferida. Para ele: “*Litera est minima pars vocis compositae*”.⁵

Os gramáticos latinos distinguiram as letras em vogais e consoantes, sendo que essas últimas eram divididas em semivogais e mudas. Élio Donato séc. IV (apud Kemmler 1996) afirmou que “*vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam faciunt. Sunt autem quinque a, e, i, o, u*”.⁶

O inventário grafemático latino era composto de 23 letras, a saber: <a,b,c,d,e,f,g,h,i,k,l,m,n,o,p,q,r,s,t,u,x,y,z> do qual Donato exclui <h, k> como sendo desnecessários e <y, z> como sendo gregos e não próprios do latim e <x> como uma letra dupla com som de <ks>. Essa exclusão parece ser motivada pelas preocupações de Donato de ter uma ortografia fonográfica. Na preconização de Kemmler, este é o inventário da gramaticografia latina transmitido por Varrão, Prisciano, Audax, Isidoro, Mário Vitorino, João Balbo, etc.

Todavia, com o aparecimento de sons desconhecidos ao latim nas línguas vernáculas, os primeiros lingüistas das línguas românicas ora tiveram a necessidade de atribuir aos grafemas que já existiam outras funções, ora tiveram a necessidade de criar novos grafemas. A seguir, veremos algumas obras ortográficas mais importantes a partir do séc. XVI.

5. Ortografias renascentistas

Como dissemos antes, o português começa a ser escrito no séc. XIII. Mas só no renascimento no séc. XVI a nossa língua começa a ser considerada digna para receber uma gramática própria. A esse respeito, Gonçalves (1992: 41) pondera:

Com o movimento humanista renascentista, as línguas modernas (românicas) – e o português entre elas – passam a ser, pela primeira vez, objeto de descrições gramaticais, ou melhor, de moldes normativos, que se aplicam até ao domínio da (orto) grafia. A norma lingüística até então conhecida era a do latim, enquanto as línguas vulgares, essencialmente orais, eram consideradas instrumentos relativamente grosseiros, não merecendo qualquer descrição ou atenção por parte da gente culta.

⁵ A letra é a menor parte da palavra.

⁶ As vogais são proferidas sozinhas e formam sílaba. São cinco a, e, i, o, u.

Comecemos, pois, por Fernão de Oliveira que em 1536 escreveu *A gramática da linguagem portuguesa*. Em sua obra, Oliveira destacou observações não só fonológicas, mas também inovações ortográficas distinguindo as vogais em grandes e pequenas (abertas e fechadas). Ele observou no nosso sistema vocálico oito fonemas. Isso porque havia apenas cinco grafemas herdados, por isso propôs o aumento do alfabeto mediante a adoção de letras do alfabeto grego. Além disso, segundo Kemmler (1996: 21), Fernão de Oliveira:

Só considera ditongos os que hoje chamamos ditongos decrescentes (orais e nasais): <ae> *tomae*, <ãe> *pães*, <ao> *pao*, <ao> *pão* <ãy> *mãy*, <ei> *tomei*, <eo> [ɰw] *çeo*, [ew] *deus*, <eu> *meu*, <io> *fugio*, <oe> *foe*, <oi> *caracois*, <õe> *põe*, <oi> *boi*, <ou> *dou*, <ui> *fuy*. Verifica-se que ele preferiu as grafias <-e, -o, -y> para o segundo elemento que hoje se costuma considerar semivocálico. O último destes três grafemas aparece também quando em palavras com hiato românico se deu a epêntese da semivogal anterior [j] *feyo*, *meyo*, etc.

À letra <h> Oliveira não pode atribuir aspiração fonética, mas gráfica. Com isto quer dizer que a grafia de palavras como honra, hõrrado com <h> teria mais a ver com costumes ortográficos do que com realidades fonéticas. Ele considera semivogais os grafemas <l, r, s, z>, definindo-as como consoantes nas quais as sílabas podem terminar.

Em 1540, João de Barros publica “*A Grammatica da Língua Portuguesa*” impressa por Luís Rodrigues, em Lisboa. Nos termos de Gonçalves (1992), esses são os primeiros gramáticos a tentar regulamentar a ortografia portuguesa. Assim, os capítulos destinados à ortografia inseriam-se num espírito normativo visando elevar a língua nacional a um plano atingido pelas línguas da Antiguidade Clássica. Nesse afã, a autora nos assevera:

Em perfeita consonância com o contexto cultural da época, de revitalização e emulação dos modelos greco-latinos, aqueles gramáticos vão estender à ortografia o que faziam ao descrever a língua portuguesa; aproximá-la, tanto quanto possível, do ideal de perfeição e de pureza – a língua latina. Isto pressupôs, obviamente, o regresso à matriz e, pouco a pouco, a recuperação da etimologia (do grego étimo, quer dizer, da relação com a origem, fazendo com

que a forma gráfica das palavras constituísse objecto de conhecimento. Constata-se, no entanto, a hesitação entre duas tendências: a da vernaculização e a da latinização. (op. cit. p. 42).

Segundo Kemmler (1996: 25), Barros, em suas propostas, apresenta:

Um número reduzido de sete ditongos decrescentes <ay, au, ei, eu, ou, oi, ui>. Com estes grafemas é muito mais claro que o segundo elemento do ditongo é de natureza de usar os grafemas dos outros ditongos, Barros tende a usar <y>, tanto para eliminar o hiato românico como também no ditongo [aj]. Ele não inclui nos ditongos nasais, mas, negando para português a existência do ditongo nasal [ãw] grafado <ão> propõe para as sílabas finais <-am, -em, -im, -om, -um> no plural o uso do til nos grafemas <-ãe, -ëe, -ĩi, -õo, -ũu> que aparentemente não considera ditongos (*Pães, homëes, ceitĩis, bõos, atũus*). Quanto à grafia de [k], ou melhor, à situação dos grafemas <c, ç> aos respectivos sons, Barros vai algo para além do que diz o seu antecessor: ele tenciona desterrar do português o dígrafo <qu> com valor de [k]. Preferia que o som fosse representado só pelo grafema <c> seguido de a,e,i,o,u. Mas reconhece, mesmo quando <qu> não tem o valor de [kw] (*qual, quam, quão*), mas sim de [k], que diante de <e,i> seria indispensável (*que, qui*), diante <a> só às vezes (*qua*) e em frente de <o, u> (*quomo, qume*) nunca seria lícito.

De acordo com Kemmler, as “*Regras que Ensinam a Maneira de Escrever*” de Pero de Magalhães Gândavo de 1574 de apenas 36 folhas constituem o primeiro tratado ortográfico propriamente dito impresso em Lisboa no tórculo de Antônio Gonçalves. Foi a obra com maior êxito livreiro anterior a Madureira Feijó (séc. XVIII). Nas Regras, Gândavo propõe o seguinte:

- a) O acento agudo no artigo feminino A mais preposição A quando formam crase;
- b) O uso de <y> com valor de semivogal (*mayor, rey, foy*);
- c) Os pares mínimos gráficos *passos e paços, cozer e coser, cella e sella*;
- d) O uso de <h> para distinguir a forma verbal do verbo ser “he” na 3ª pessoa do indicativo da conjunção aditiva “e”;
- e) O uso de <h> quando a justificativa é etimológica. (*homem, honra*);

f) O uso de consoantes dobradas previstas nas formas nominais e verbais prefixados (accidente, affirmo, innumerável).

Por fim, sobre o alfabeto, Gãndavo (apud Kemmler, 1996: 31) nos afirma:

Nesta arte do escreuer ha vinte letras, ou vinte e hua com este Y grego, a fora H, que lhe não chamão os Latinos letra, senão aspiração. Destas vinte e hua, são seis vogaes e quinze consoantes. As vogaes são estas, a, e, i, o, u, y. As consoantes as mais que restão. Também he necessário saber fazer todas estas grandes (ou maiúsculas por melhor dizer como lhe chamão os Latinos) para vesarem dellas (como a diante direy nas partes onde forem necessárias. As quaes se fazem desta maneira seguinte. A, B, C, D, E F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Z, Y.

Em 1576, também em Lisboa, no prelo de João de Barreira, Duarte Nunes de Leão publica “*A Orthographia da Lingoa Portvgvesa*”. E propõe as seguintes soluções:

- a) Uso de acentos gráficos em palavras homógrafas, isto é, acento agudo, circunflexo e grave;
- b) O apóstrofo indicando a elisão como em (anel d’ouro, d’elle);
- c) Sete ditongos decrescentes <ai, au, ei, eu, oi, ou, ui> um ditongo crescente <ao>, três ditongos nasais decrescentes <ãe, ão, õe> e as vogais nasais dos hiatos <ãa, ěe, ĩi, õo, ũu>;
- d) Uso da fricativa <v> no início da palavra e no interior sempre <u>;
- e) Abolição de <y> como representação da semivogal [j] nos ditongos com uso limitado deste grafema, devendo ocorrer somente em palavras de origem grega;
- f) Para as consoantes oclusivas das seguintes palavras (qualitate, quantitate, nunquam, quinque, etc) propõe a grafia etimologizante com <qu>;
- g) O <h> não só aparece nos dígrafos <ch, lh, nh>, mas também nos dígrafos <ph, rh, th> sempre quando for justificado pela etimologia (homem, honra).

Além dessas propostas, segundo Kemmler, a obra de Leão ainda contém um catálogo de erratas, emendas e uma lista de palavras homógrafas.

Em 1631, Álvaro Ferreira de Vera lança “*A orthographia, ou modo para escrever certo na Língua Portuguesa*” de apenas 47 folhas. Só houve uma impressão.

Segundo Kemmler, Vera é o continuador fiel das idéias de Leão. Para o grupo <ph> grego ele prevê tanto esta grafia como o <f> latino (orthographia ou ortografia) e para o <ch> latino com valor de <k> ele prefere o uso de <qui, co> (monarquia em vez de monarchia). Vera, por sua vez, defendia que: “Devemos escrever como pronunciamos e pronunciar como escrevemos”.

A “*Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*” de João de Morais Madureira Feijó - uma espécie de Bíblia ortográfica da época - foi impressa por Miguel Rodrigues, em Lisboa no ano de 1734. Sobre essa obra, Gonçalves (1992: 18) assim nos escreve:

A Orhographia, de Madureira Feijó, representa um ponto alto, pela negativa ou pela afirmativa, na história da ortografia portuguesa, quer pela aceitação que mereceu, quer pelo modo como contribuiu para prolongar no tempo grafias mais ou menos obsoletas ou extravagantes que, decerto, terão agravado a penalização escolar e, conseqüentemente, social, das camadas que mais recentemente tinham tido acesso à escrita, permitindo ainda que a pecha vergonhosa do erro orto(gráfico) separasse definitivamente o uso do vulgo e o dos doutos. A popularidade de que gozou a obra de Feijó radica, possivelmente, na tentativa de reduzir a ortografia a princípios traduzidos em regras.

Cabe aqui uma apresentação mais minuciosa da obra desse ortógrafo uma vez que foi considerada um “*vade mecum*” ortográfico do séc. XVIII devido a sua importância.

Como sabemos, a “*natura, a analogia, o consuetudo e a auctoritas*”, em outras palavras, a etimologia, a tradição, a pronúncia e o uso, são os princípios constituintes da Latinitas (gramática latina) desde o tempo de Varrão. Portanto, os autores latinos seriam os inspiradores dos critérios ortográficos de Madureira Feijó. Dessarte, o sistema ortográfico português traçado por esse estudioso, segundo Gonçalves (1992), foi fruto do conflito entre essas forças. No entanto, em Feijó, esses dois últimos critérios ortográficos terão um papel menos importante do que o etimológico. Por tudo isso, esse será o princípio vinculador da ortografia à matriz ao estabelecer um elo entre a grafia portuguesa e os correspondentes latinos.

Na postulação de Gonçalves(1992), a etimologia, a pronúncia e o uso são os três critérios fundamentais da ortografia que se encontram na obra feijoense, mas com atenção especial ao componente etimológico (o estudo da origem de uma palavra). Por outro lado, é bom lembrar que além de a *Orthografia* privilegiar o critério etimológico, ela ainda é reforçada pelo critério analógico.

A essa altura, gostaríamos de citar uma passagem da obra de Feijó (apud Gonçalves, 1992: 58-9):

Se havemos de imitar a Orthografia Latina na Orthografia Portuguesa? Todos os nossos Auctores confessaõ, e devem confessar todos aquellos, que professaraõ a latinidade, que a nossa lingua he filha da lingua latina. E se perguntarmos em que? Ou porque? Respondem, que na similhaça dos nomes, na imitação dos verbos, e na propriedade dos vocábulos. E eu acrescento que o naõ he menos no som da perfeita pronunciaçaõ; tanto, que já houve curiosos, que compuseraõ poemas inteiros, que com pouca mudança de pronunciaçaõ, já se lem em Portuguez, e já se lem em Latim. Dizem também, que a nossa língua vay subindo ao auge da perfeiçaõ: e se examinarmos donde lhe nascem estes argumentos, diraõ que he, porque esta filha cada dia se vai enriquecendo com a herança das palavras, que cada vez mais participa daquella mãy.

Para Feijó, a perfeição da grafia da Língua Portuguesa deveria seguir o modelo latino ainda que dessa confluência decorressem numerosas inconseqüências entre os planos fônico e gráfico. Ademais, para esse pesquisador português, caso a ortografia latina não fosse imitada, ocorreriam alguns inconvenientes às palavras portuguesas, como por exemplo, a confusão ou o equívoco quanto à analogia e à etimologia das palavras.

Como nota Gonçalves (1992), o alfabeto apresentado é constituído pelos símbolos tradicionais e consta de 24 letras, ou melhor, três a mais do que o alfabeto latino clássico, o de Cícero, por exemplo, e uma a mais do que o alfabeto de Prisciano. Embora tenha sofrido várias modificações, o alfabeto que herdamos e que usamos hoje para transcrever a língua portuguesa, segundo Feijó é o seguinte: a,b,c,d,e,f,g,h,i,j,k,l,m,n,o,p,q,r,s,t,u,v,x,y,z.

Primeiramente, deu-se conta da natureza diferente entre as vogais abertas e fechadas. Para esse ortógrafo, há, no português, os ditongos orais <ae, ai, ao, au, ay, ei, eo, eu, ey, io, oe, ou, oy>. Quanto aos ditongos nasais ele reconhece apenas <aã, ãe,

õe> (irmã, cães, põem). Como Feijó atribuiu sons diversos aos grafemas <ce, ci>, <ça, co, çu > e <s> ele propôs:

a) Uma distinção rigorosa e escreve (çapato, faço, açúcar, cebola, simão em vez de sapato, fasso, assucar, sebola, cimão). Para Feijó, se alguém não fosse capaz de distinguir pela pronúncia para escrever <s> ou <c>, ele deveria recorrer aos critérios da etimologia e da analogia. Sendo assim, Feijó dá uma ampla lista de palavras que começam com <ce, ci>, <ça, ço, çu> e <sa, se, si, so, su>. Por outro lado, ele ainda coloca o problema de <s> com valor de [z] e de <ss>. Contudo, para resolver a questão de <s> ou <z>, dá uma lista com palavras grafadas com <z> (azar, azia, almazem, fréguezia, poetiza, marquez, feliz, portugez, crúz) e conclui nos seguintes termos: todas as palavras que não se inserem nas listas, escrevem-se com <s> (princesa, duquesa, pusemos, etc.). Nos termos de Lindley Cintra (1983) por volta do século XIII já se verificava a confusão entre <-s->, <-ss-> e <ç> ou <ce, ci> e também entre <-s-> e <-z->, devido à simplificação na língua falada do sistema das sibilantes. O autor, assim, conclui: “É que a africada /dz/, grafada <z> e a africada /ts/, grafada <ç> ou <ce, ci>, tendiam para a perda do respectivo elemento oclusivo, originando a redução do sistema em que se inscreviam”.

b) A inutilidade do grafema <k> de origem grega para o português;

c) A letra <h> continua preenchendo o papel que tinha nas ortografias anteriores servindo de sinal distintivo nas formas verbais (he, hia) e nos dígrafos <ch, lh, nh>. Segundo Lindley Cintra os dígrafos <nh> e <lh> tem origem provençal e torna-se freqüente seu uso a partir dos anos 1265 – 1275 datas entre as quais medeia a reforma da chancelaria real.

Os nexos consonânticos <bd, cç, ct, gd, gm, gn, mn, mpt, pç, ps, pt> que aparecem nas palavras (abdicação, acção, facto, enigma, cognome, solemnidade, sumptuoso, etc) alcançam com Feijó todo o poder que iriam perdurar nos séculos XVIII, XIX e XX. Enquanto o grupo <rh> é pouco usados pelo ortógrafo, como na palavra (rhythmo), e quanto ao <th> aspirado, aconselha seu uso especialmente em palavras classificadas como cultismos (amphitheatro, método, Pithágoras). Finalmente Feijó costuma dobrar grande parte das consoantes: <b,c,d,f,g,l,m,n,p,t> (sabbado, dictionario, suffrágio, Vienna, apparato, atenção, additamento, etc).

Depois de Madureira Feijó, ainda surgiram muitos ortógrafos no séc XVIII propondo soluções ortográficas para o nosso sistema. Entre eles, citaremos: Luís Caetano de Lima (1736), Frei Luís do Monte Carmelo (1767), Francisco Félix Carneiro Sotomaior (1783), Luís António Verney (1746). Doravante, ater-nos-emos ao opúsculo “*Considerações sobre a Orthographia Portugueza*” de José Barbosa Leão publicado em finais de 1875 como sendo um dos grandes projetos de reforma no século XIX. Nos termos de Kemmler, Leão “iniciou uma prolongada discussão sobre uma reforma fonético – fonográfica que naturalmente não deixou de influenciar a posterioridade”.

Mais adiante, vemos em Kemmler (1996: 92-3) as seguintes soluções ortográficas propostas por José Barbosa Leão:

- a) acentuação com acento agudo das vogais [a], [e], [o] e [i], [u] tônicas e com acento circunflexo de [a], [e], [o] fechadas;
- b) grafia com <i,u> em vez de <e,o> das vogais átonas proferidas [i], [u] também quando se trata do elemento semivocálico de um ditongo e (tritongo), seja ele oral ou nasal;
- c) manutenção dos ditongos [ej], [ow] grafados <ei,ou> que em Lisboa seriam ou não proferidos [aj], [o];
- d) substituição de <y> por <i>;
- e) separação gráfica de vogais em hiato que de outra maneira se poderiam considerar ditongos (paraíso, saúde);
- f) grafia com <is> ou <êis> de seqüências grafadas antes com <ex> (izame-exame, pretêistu-pretexto);
- g) uso único do til como sinal de nasalidade. Os grafemas <m, n> serão limitados às realizações consonânticas. Os ditongos nasais receberiam o til nas duas vogais. A tonicidade de vogal ou ditongo nasal seria indicada mediante o acento agudo no meio do til;
- h) embora admita para a sibilante surda grafias como por exemplo doce, corça, falso, osso, maximo, Barbosa Leão prefere a substituição por <ce, ci, ça,ço,çu>;
- i) representação de [z] por <ja, je, ji, jo, ju>. O grafema <g> passaria unicamente a ser usado para a oclusiva sonora, sendo grafado durante um período provisório <ghe, ghi> para indicar a não-realização da <u> gráfica;
- j) grafia com <q> da oclusiva surda [k] passando <x> com valor de [ks] a ser escrito <qç> (fiqço, fluqço, seqço);

- l) criação de dois novos grafemas para representar a lateral *lh* e a nasal palatal *nh*;
- m) simplificação de consoantes dobradas e eliminação de consoantes não proferidas;
- n) manutenção de <k, y, w> em palavras estrangeiras;
- o) grafia com hífen de formas verbais clíticas (amar-te-hão, dar-lhes-hieis).

Por fim, Barbosa Leão estabeleceu que o alfabeto português constaria de:

- a) 29 letras. 9 vogais que se chamam *á, a, é, ê, e, í, ó, ô, u*; e 20 consoantes que se chamam: *ébe, éme, épe, éfe, éve, éce, éze, éde, éte, és, éje, éxe, éle, élhe, éne, énhe, erre, ére, ége, éqe*.
- b) De 24 sinais suplementares, ou melhor, 7 vogais nasais, que se chamam *ãn, én, ên, ín, ón, ôn, ún*, 11 ditongos orais *ái, áu, éi, êi, éu, êu, iu, ói, ôi, óu, ui* e 6 ditongos nasais *ãi, ãu, ěi, õi, õu, ũi*. (Kemmler, 1996: 94).

Por outro lado, os esforços de Barbosa Leão não cessaram e em 1877 ele promoveu um movimento em favor da reforma. Naquele mesmo ano houve uma reunião pública por pessoas qualificadas que a ela concorreram e por fim elegeram uma comissão encarregada de estudar a reforma. Eis algumas propostas do parecer da comissão do Porto:

- a) As vogais abertas que não são tônicas recebem acento grave (àcerca, esquècer, mòrdomo);
- b) O dígrafo (ch) com valor de [ʃ] acabou sendo substituído pelo grafema único <x>;
- c) A criação de novos sinais gráficos para representar as várias realizações do vocalismo português;
- d) Exceção à acentuação gráfica nas palavras terminadas em <al, ar, el, er, il, ol, or, ul, ur>, receberiam acento só as formas verbais com o pronome enclítico: (vêl-o, comêl-a);
- e) A criação de grafemas para os dois sons palatais [λ] e [ɲ];
- f) Colocar trema no Û nos grupos *güe, güi, qüe, qüi* quando essa semivogal for pronunciada;
- g) Em contexto intervocálico continuou duplicada e vibrante múltipla;
- h) No contexto intervocálico, manter-se-iam duplicado <-ss-> para evitar que <-s-> fosse pronunciado como [z].

Com a morte de Barbosa Leão em 1888, os jornais noticiaram o malogro do projeto de reforma. O jornal “*O Primeiro de Janeiro*”, portanto, se pronunciou nestes termos: “Empreendeu ultimamente uma campanha, em que se viu afinal quase só, mas infatigável, a favor de reformação da nossa caótica orthographia, que pretendia fosse em sentido fonético”(Kemmler, 1996: 97).

6. As bases do sistema ortográfico português

Como sabemos, só mais tarde, em 1904, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu, baseando-se em trabalhos pioneiros em vários domínios da lingüística portuguesa, conseguem influenciar a situação ortográfica de tal modo que levou a língua a uma normalização servindo de base as demais reformas ulteriores. Diferentemente das obras anteriores, esses filólogos tentaram reconciliar os dois sistemas de escrita opostos, isto é, a grafia fonética e a grafia etimológica.

Uma vez influenciados pela lingüística histórico – comparativa, eles reconhecem que sendo a língua um fato social, era impossível uma pessoa introduzir uma mudança lingüística ou ortográfica, ou seja, lembrando o mestre genebrino em suas palavras sobre a langue em oposição a parole.

Segundo Kemmler (1996):

Assim, Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu não chamam esta ortografia nem sônica (etc.), nem etimológica, mas simplesmente “Ortografia Portuguesa”, devendo esta ser “uniforme e cientificamente sistemática”. Visto que este sistema se encontra situado no meio caminho entre a mera etimologia e a mera fonografia, verifica-se que estamos perante a Ortografia Simplificada, sistema que chegaria a dominar até os nossos dias (op. cit. p. 102).

7. A ortografia nacional (1904)

É bom lembrar que foi com a “*Ortografia Nacional, Simplificação e Unificação Sistemática das Ortografias Portuguesas*” de 1904 com 454 páginas que Gonçalves Viana propôs um sistema coerente de uma ortografia portuguesa simplificada.

Ademais, nesta obra, o autor se baseia no princípio de que a ortografia é fruto da história da língua no tempo e no espaço, dito de outra forma, é a orientação da grafia por fenômenos históricos e dialetológicos.

De acordo com Kemmler (1996: 112), entre as muitas propostas de Gonçalves Viana na ortografia, observamos:

1) Reformulação da acentuação gráfica⁷ que previa o uso de acento agudo nas vogais abertas e de acento circunflexo nas vogais fechadas. Isso ocorreria nos seguintes casos:

- a) acentuar a antepenúltima sílaba tônica (ápice, espírito, apóstolo, mágoa, fúria, róseo, ânsia, mímica, etc);
- b) acentuar as monossílabas tônicas e as oxítonas terminados em < a, e, o, am, em> (pá, pé, pó, maré, avô, vintém, alguém etc);
- c) Acentuar a penúltima sílaba de todas as palavras que não terminassem em <a, e, o, am, em> (carácter, cônsul, amável, Vênus, etc);
- d) Acentuar a primeira pessoa do plural do presente do indicativo (louvámos);
- e) Uso do acento diferencial como em (péla, pélo, pólo) para diferenciar de (pela, pelo, pólo);
- f) Acentuar o I e o U tônicos dos hiatos (saúde, saída)

2) Manter a distinção entre <-s-> e <-z-> intervocálicos (defesa, portugueses, mas avareza, juízo)

3) Grafar “g” inicial antes de e, i, em palavras primitivas ou derivadas conforme a etimologia e grafar <-j-> em posição intervocálica (elejer, reajir)

4) Simplificação das consoantes dobradas e agrupadas.

5) Eliminar todas as palavras aportuguesadas e aportuguesar os grafemas <w, y>.

6) Eliminar a letra <h> sempre que não for em posição inicial, justificada pela etimologia.

Devido à boa recepção da obra a “*Ortografia Nacional*” de 1904, Gonçalves Viana em colaboração com Vasconcelos Abreu publicaram em 1909 o “*Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*”. Segundo Kemmler, essas obras iriam servir de base para a elaboração da ortografia simplificada em 1911. A 15 de fevereiro desse mesmo ano, o ministro do interior do Governo Provisório, António José de

⁷ Não veremos aqui todas as propostas de Gonçalves Viana para a acentuação gráfica por acharmos desnecessário para o nosso estudo. Contudo, elas podem ser vistas em Kemmler (1996: 112).

Almeida, nomeou uma comissão a fim de introduzir as seguintes alterações no sistema da “*Ortografia Nacional*”. Gonçalves Viana (apud Kemmler 1996: 114-15), então:

- a) Conservou o *h* inicial etimológico, e portanto é por esta letra, e não pela vogal seguinte, como os vocábulos estão escritos que eles terão de ser ortografados.
- b) Manteve o *x* os seus valores actuais, ao passo que no VOCABULÁRIO, como na ORTOGRAFIA NACIONAL, ele é substituído por *cs*, *ss*, *s*, conforme a sua pronúncia no dialeto literário, e apenas é empregado com o seu valor de inicial, e o de (e)is, no prefixo *ex*.
- c) Conservou *ge*, *gi* etimológicos, mesmo no meio das palavras, onde o VOCABULÁRIO empregou *je*, *ji*.
- d) Substituiu por *s* o *z* final etimológico dos vocábulos e nomes próprios em que a sílaba predominante não é a última, ex. *alferes*, *Rodrigues*, e não *alférez*, *Rodriguez*, eliminando, portanto, o acento gráfico; mas conserva o *z* quando a sílaba final é predominante, como em *vez*, *altivez*. Substituiu também por *s* o *z* final da sílaba, como em *mezquita*, que se escreverá *mesquita*.
- e) Substituiu pelo acento circunflexo o agudo, nas vogais nasais; ex. *ânsia*, *ausência*, *vergôntea*, ou antes de consoante nasal, como *ânimo*, quando sejam fechadas. Semelhantemente, acentua como o circunflexo, e não com o agudo, como se faz no VOCABULÁRIO, o ditongo final em, *ens*, dos polissílabos em que é predominante, como em *armazém*, *armazêns*, *vintêm*, *vintêns*, *contêm*, *contêns*, do verbo *conter*.

Por fim, essa comissão era composta pelos seguintes filólogos: Carolina Michaelis de Vasconcelos, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, António Cândido de Figueiredo, Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos.

Vejamos agora a importância que a imprensa no Brasil teve para a difusão da escrita no século. XIX .

8. A imprensa brasileira e a escrita

A imprensa foi instalada no Brasil com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, em 1808, tornando-se, assim, o principal veículo de informação e divulgação da língua escrita (Sodré, 1999). Segundo o autor, antes disso, instalaram-se no Recife

em 1706 e no Rio de Janeiro em 1746 pequenas tipografias que logo tiveram suas atividades suspensas por autoridades locais.

Por outro lado, Gonçalves (1992) nos afirma que em Portugal com o aparecimento da imprensa no início do séc. XVI acentuou-se a questão da normalização ortográfica. Fraga (2005) nota que até o início do século XIX, a circulação dos impressos foi bastante restrita. Só por volta de 1830 multiplicam-se não só o número de periódicos em circulação, mas também o número de leitores. Além disso, a imprensa brasileira, segundo a autora, facilitou a interação escritor/leitor/ouvinte e contribuiu para a difusão da língua escrita. Sobre a importância do impresso, em Pessoa (2005: 19) lemos:

O impresso é tratado aqui como produto de uma cultura, a cultura do impresso. A entrada da tecnologia do impresso no Ocidente influenciou a concepção do texto, além das suas formas de divulgação e veiculação, com efeitos, é evidente, sobre as formas da leitura. Embora se possa dizer que a leitura silenciosa começa a ganhar corpo por volta do século XIII com a instituição das universidades, do século XVII em diante, as relações com essa nova tecnologia têm efeitos cada vez mais marcantes no processo de manuseio de textos. Um outro momento importante é o século XVIII, quando os jornais passam a desempenhar preponderante papel na veiculação dos textos, contribuindo para a alfabetização e dando nascimento a uma literatura no bojo do Romantismo em expansão.

Silva (2004) assinala que a imprensa foi proibida no período colonial, mas só a partir da década de 20 teve um avanço espantoso. Para a autora, a imprensa desse período desempenhou um papel de suma importância uma vez que se destacou nas lutas políticas, na independência, na abolição e na República. De acordo com Guedes e Berlingk (2000), esse meio de comunicação permitiu não só a difusão da documentação literária como também o papel dos jornais que proliferaram por todo o país durante o século XIX.

De acordo com Sodré (1999), não foi fácil o desenvolvimento da imprensa no Brasil devido à turbulenta fase em que se processava a independência. Para o autor, houve sérios problemas, tais como: a estruturação do Estado e a separação entre a colônia e a metrópole. Logo, tudo isso colaborou para o surgimento nesse veículo de

comunicação o estilo jornalístico-panfletário de discursos inflamados e linguagem com insinuações maldosas.

A instalação da imprensa fica dificultada devido às condições coloniais adversas porque o escravismo dominante nesse período era contrário à cultura e à nova técnica de sua difusão. Segundo Sodré, a etapa econômica e social que a colônia atravessava foi fator primordial a não-instalação da imprensa.

Contudo, em 1706, graças ao governador Francisco de Castro Morais foi instalada no Recife uma pequena tipografia para a impressão de letras de câmbio e orações devotas. Por outro lado, a corte régia de 8 de junho desse mesmo ano liquida a tentativa determinando, assim, o seqüestro das letras impressas e a notificação dos donos e os oficiais de tipografia que não consentissem nem imprimissem livros ou papéis avulsos.

Conforme Sodré, o primeiro folheto impresso no Brasil foi a “Relação da Entrada” na tipografia de António Isidoro da Fonseca. Mais tarde confiscou-se todo esse material de impressão.

Para esse pesquisador, o livro foi visto no Brasil nesse período sempre com extrema desconfiança, só recomendado nas mãos de religiosos. Por outro lado, eles entravam na colônia de contrabando. A polícia fiscalizava severamente as livrarias e os livreiros. Papéis, gazetas e livros eram vendidos no cais por marinheiros ingleses. Porém, com a abertura dos portos, eles passaram a entrar na colônia brasileira em maior volume. As providências não tardariam. A 14 de outubro de 1808 ordenou-se aos juízes da alfândega que não admitiessem o despacho de livros ou papéis impressos sem que fosse mostrada a licença do Desembargo do Paço. Coube a Paulo Fernandes Vieira, intendente geral da polícia, baixar a 30 de maio de 1809 um edital determinado que os anúncios, os avisos e notícias de livros à venda nacionais ou estrangeiros só fossem publicados após aprovação policial. Entrava, então, em circulação o “Correio Brasiliense” e os livros começaram a sair dos prelos antes destinados às Secretarias dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.

Sendo assim, nos termos de Sodré, o arremedo de imprensa surgiu no Brasil com a transferência da corte Joanina em 1808. Conforme esse autor, António de Araújo, futuro conde da Barca, na confusão ao fugir de Portugal, mandou colocar no porão da “Medusa” todo o material fotográfico, comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra. Ao chegar na colônia, foi instalado nos baixos de sua casa, à rua dos Borbonos.

Para Sodré, as notícias colocadas no Jornal Oficial em nada constituía atração para o público. A “Gazeta do Rio de Janeiro” afirmava com toda a fidelidade o estado de saúde de todos os príncipes da Europa e às vezes suas páginas eram ilustradas com alguns documentos oficiais, dias de natalícios, odes e panegíricos da família reinante.

No entanto, muitos exilados fizeram jornais fora dos seus países como a intenção de participar das lutas internas, como “O Correio Brasiliense” que Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu em Londres. Seu número inaugural apareceu em 1º de junho de 1808, três meses antes de surgir na corte a “Gazeta do Rio de Janeiro”.

Em 11 de setembro de 1811, D. Rodrigo de Sousa Coutinho determinou aos governadores de Portugal a proibição do jornal de Hipólito da Costa em todo o seu reino e domínio. Por fim, “O Correio Brasiliense” desaparece no ano da independência visto que seu pensamento a respeito das reformas era claro como nos mostra Sodré (1999: 28):

Ninguém deseja mais do que nós as reformas úteis, mas ninguém aborrece mais do que nós sejam essas reformas feitas pelo povo. Reconhecemos as más conseqüências desse modo de reformas, mas feitos pelo governo, e urgimos que o governo os deve fazer enquanto é tempo, para que se evite serem feitos pelo povo.

8.1. A imprensa áulica

Depois da “Gazeta do Rio de Janeiro”, primeiro jornal oficial, surgiu na Bahia “A Idade de Ouro do Brasil”. O jornal “As variedades ou ensaios de literatura” tirou dois números apenas em 1812. Durou só dois anos. “O Patriota”, do mesmo gênero, durou um ano apenas de janeiro de 1813 a dezembro de 1814, cujo fundador foi Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Em 1809, surge em Lisboa “As Reflexões sobre O Correio Brasiliense” redigido por Frei Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão. Saíram seis números apenas da “Imprensa Régia” à custa do governo. Em 1811, em Londres surgiu o primeiro jornal denominado “O Investigador Português” recebido debaixo dos auspícios de S.A.R o príncipe Regente Nosso Senhor, desaparecendo em fevereiro de 1818. Em substituição, surgiu “O Contemporâneo” redigido por Manuel Inácio Martins Pamplona. Outros periódicos, que circulavam em Londres, entraram no Brasil não estipendiado pelo governo de D. João. “O Português

ou *Mercúrio Político*”, comercial e literário; “*O Espelho*” de João Bernardo da Rocha visando especialmente os comerciantes começou a circular em abril de 1814 e findou em dezembro de 1821 combatendo D. João e sua política. Eis o edital proibindo a circulação e a venda desse periódico, segundo Sodré (1999: 33):

Em conformidade da régia provisão de 9 de julho próximo passado deste corrente ano, que me foi expedida pela mesa do desembargo do paço, remeto a Vmcê em dos editais que acompanhava a mesma régia provisão para Vmcê fazer publica nessa vila e afixar no lugar de costume pelo qual S. Mage proíbe a introdução de periódico intitulado - O Português, fazendo aprender todos os exemplares que do tal periódico existirem, remetendo-os a este juízo para serem remetidos à mesa do desembargo do paço como me ordena.

Em outubro do mesmo ano, outra lei foi baixada, agora proibindo o mesmo periódico ser impresso sob o título de “*Campeão*” ou “*Amigo do Rei e do Povo*”.

Em Minas, surgiu o “*Abelha do Itacolomi*” em 14 de janeiro de 1824 sob o auspício do português Manuel Joaquim Barbosa Pimenta e Sal que improvisou uma tipografia inteira aparelhando o tórculo e fundindo as letras. Após a conclusão da oficina, nos anos de 1821, Pimenta e Sal solicitou isenção militar para os seus artífices alegando a prontificação de uma tipografia cujo nome seria “*Patriótica*” já que o emprego de letras e máquinas foram construídas na mesma cidade imperial.

No Pará, repetiu-se a façanha por João Francisco Madeira que em 1820 abriu e fundiu caracteres e construiu o tórculo, podendo apresentar à Junta do Governo Provisional, em letra de forma requerimento para usar a sua oficina. Atendido começou a imprimir pequenos avulsos.

Conforme Sodré (1999), da “*Imprensa Régia*” começaram a sair artífices e em 1809 construía-se o primeiro prelo de madeira. No ano seguinte, anexava-se uma fundição de tipos. Parece, segundo o autor, que neste mesmo ano surgiu a arte da gravura provavelmente com artífices trazidos pelo Frei José Mariano da Conceição Veloso da oficina metropolitana. Logo, apareceram desenhistas, tipógrafos e gravadores.

No ano de 1821 surgiram mais duas tipografias no Rio de Janeiro: a “*Nova Tipografia*” e a de “*Moreira e Garcez*”. No ano seguinte, o da “*Independência*”. Logo após instalaram-se mais quatro: a de “*Silva Porto e C&a*” de Felizardo Joaquim da

Silva Morais e Manuel Joaquim da Silva Porto. A de “Santos e Sousa” a do “Diário do Rio de Janeiro” de Zeferino Vito de Meireles, oriundos da imprensa Régia; e a de “Torres e Costa” de Inocêncio Francisco Torres e Vicente Justiniano da Costa.

No Recife, o comerciante Ricardo Rodrigues Catanho importou em 1815 uma oficina tipográfica. Mas para o seu funcionamento solicitou permissão que só foi concedido em novembro do ano seguinte. Mas essa tipografia não teve êxito por falta de pessoal habilitado.

Dois frades, um inglês e um marinheiro francês, rebelados de 1817, imprimiram aquilo que caracteriza, a rigor, o início da imprensa brasileira. Em 28 de março daquele mesmo ano realmente era impresso ali o documento político conhecido como “Preciso”, no qual José Luiz de Mendonça afirmava as razões dos revolucionários e colocava, dessa forma, o problema da liberdade, como plano secundário, no processo da independência. Como é sabido, o movimento foi sufocado e as autoridades o consideraram de “infame abuso”, determinando o seu fechamento e remetendo o material impresso para a corte.

8.2. O comércio do livro

Para Gilmont (apud Pessoa 2005: 19), nos primeiros momentos da fundação da Imprensa “Os impressos moldavam-se pelos manuscritos. À medida que os impressos se familiarizam com a nova tecnologia, o livro impresso ganha progressivamente feições próprias”.

Segundo Eisenstein (apud Fraga 2005: 63) a imprensa causou um impacto muito grande ao proporcionar às sociedades uma maior circulação de informação por meio de livros e jornais. Mais adiante, Fraga (2005: 64) afirma:

É importante destacar que a circulação dos impressos foi bastante restrita até o início do séc. XIX, e só por volta de 1830, o número de periódicos em circulação se multiplica e, paralelamente, multiplica-se o número de leitores. Assim, as notícias locais e as vindas da Europa, a disputa política entre os liberais e conservadores, abolicionistas e escravocratas, republicanos e monarquistas passa a ser discutida nas praças para a gente comum e pouco letrada daquela época.

Logo, para a autora, as marcas características da imprensa brasileira no início do século XIX facilitaram a interação entre escritor/ leitor/ouvinte contribuindo de forma decisiva para a difusão da língua escrita.

Como afirma Sodré (1999), havia na corte em 1813 apenas duas livrarias, ambas de franceses, Paul Martins Filho e Jean Robert Bougeors. Em 1821, esse número pulou para nove. Esse mesmo autor assim nos assevera na página 37:

Havia, assim, em público razoável considerado o peso dos longos séculos de passado colonial e de tudo o que isso significa sempre e aqui particularmente, de atraso, ignorância e miséria. Essa expansão do comercio de livros estava em consonância com as condições políticas que evoluíram rapidamente.

Em 1817, os revolucionários pernambucanos elaboraram um artigo na constituição republicana que prescrevia: “A liberdade da imprensa é proclamada, ficando, porém, o autor de qualquer obra e seus impressos sujeitos a responder pelos ataques à religião, à constituição, aos bons costumes e ao caráter dos indivíduos na maneira determinada pelas leis em vigor”.

Mais adiante, na página 40, conforme Sodré, entre as bases da constituição, as cortes de Lisboa proclamaram a liberdade de imprensa nos seguintes termos:

A livre comunicação do pensamento é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode conseqüentemente, sem dependência de censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, contanto que haja de responder pelo abuso desta liberdade nos casos e na forma que a lei determina.

8.3. A imprensa da independência

De acordo com Sodré, o desenvolvimento da imprensa no Brasil não foi fácil devido à turbulenta fase em que se processava a independência. É bom lembrar que a separação entre Brasil e Portugal resultou de um longo processo; as condições políticas evoluíram, as personagens mudaram ou por substituição ou por alterações de condutor e também de pensamento, ou melhor, houve uma sucessão de problemas. Para esse autor, depois da independência consumada, o problema principal passou a ser outro: o da estrutura do estado. De outro lado, havia a separação entre a colônia e a metrópole e,

além disso, a própria estruturação do Estado. Entretanto, conforme Sodré, é uma ilusão pensar que a idéia de separação da colônia surgiu subitamente. Foi o contrário, ela só ocorreu às vésperas do ato de 7 de setembro de 1822. Esse ato não atingiu a todos os que participavam das lutas políticas, uns o aceitaram mais cedo; outros, mais tarde. Dessa forma, o processo de independência foi longo, tortuoso e cheio de altos e baixos dependendo de muitos fatores. Tudo isso contribuiu de forma significativa na imprensa daquele período.

Quanto à imprensa brasileira, havia restrição à sua liberdade devido às forças feudais européias, à metrópole portuguesa e seu governo. A sua liberdade interessava à burguesia européia e as forças internas que se opunham contra o colonialismo. Para Sodré, “O processo da independência sofre a natural queda de ritmo no seu desenvolvimento. Não há perspectiva alguma para a imprensa brasileira. Não existem as condições materiais mínimas” (Sodré, 1999: 45).

Após a proclamação da independência em setembro de 1822, outro problema surge: a unidade que se forjara para alcançar a separação, cessa. Agora é outro o problema da estruturação do Estado. Direita e esquerda que antes trabalhavam no mesmo sentido, separam-se. A direita age rápido e anula-se a liberdade de imprensa no país com atentados a jornalistas associados a pequenos jornais.

Segundo Sodré, apareceu no Recife o primeiro periódico brasileiro que circula sob os efeitos do movimento portuense. O primeiro número da “Aurora Pernambucana” foi orientado pelo governador e redigido por seu genro, o português Rodrigo da Fonseca Magalhães. Seu intento era defender junto ao público a causa do rei e da nação. Durou menos de seis meses, saindo em quatro páginas vendido a 8 réis o exemplar.

Em 1821 no dia 1º de junho, aparecia na corte o “Diário do Rio de Janeiro” fundado e redigido pelo português Zeferino Vitor de Meireles. De acordo com Sodré, foi o primeiro jornal informativo a circular no Brasil, preocupando-se com problemas locais dando o máximo de informações particulares e anúncios: furtos, assassinatos, reclamações, divertimento, meteorologia, correios que tratava de escravos fugidos, leilões, vendas, achados e alugueis, aparecendo só até às 8 h da noite.

A imprensa no ano da independência e no ano da constituinte é dissolvida com a direita em ascensão. Ademais, é bom lembrar que em 1822 apareceram uns poucos jornais, já que o ambiente começava a ficar difícil para esse meio de comunicação. Sendo assim, citaremos alguns, os de maior importância: “O Correio do Rio de Janeiro”

fundado por Soares Lisboa em 1º de agosto de 1823, juntou-se aos Andradas e lançaram “O Tamoio” a fim de se defenderem. Anistiado pelo imperador, embarcou para a Europa, passando por Recife, decidiu descer e aderir à causa dos que faziam a Confederação do Equador. A 25 de junho fundou “O Desengano dos Brasileiros” tirando apenas 6 números. No Recife, a 4 de junho de 1822 surgia “O Conciliador Nacional” dirigido pelo ilustre beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama, lente de Retórica do seminário de Olinda.

Ainda no Recife surgia “O Maribondo” de 1822, com duração de dois meses apenas, escrito pelo padre José Marinho Falcão Padilha. Na corte desse mesmo ano circulava o semanário “Regulador Brasílico-Luso” redigido pelo frei Francisco de Sampaio defendendo a união entre Brasil e Portugal e o governo dos Andradas. Depois passou a chamar-se “Regulador Brasileiro”. Quando essa imprensa áulica desapareceu, o frade passou a dirigir “O Diário do Governo”. Em setembro de 1822 circulava no Recife a “Gazeta Pernambucana”. A 6 de junho, Luís Augusto May fundador e redator de “A Malagueta” sofreu um atentado em sua residência. A notícia foi publicada em “O Espelho”.

Segundo Sodré, o ambiente na corte era de tensão. Os ministros da guerra e da justiça pediram demissão. Preparava-se um golpe contra a assembléia. Os oficiais da guarnição apresentaram ao imperador as verrinas que vinham recebendo da imprensa. Por outro lado, a assembléia respondeu com moderação: pedia-se acusação cabal, com menção dos oficiais e dos jornais “O Tamoio” e “A Sentinela” tendo como redatores responsáveis os Andradas.

Os Andradas se defenderam e a Assembléia convidou o ministro do império para dar explicações. Já eram cinco horas da manhã. Terminou, assim, a longa noite de tensão. Reinava o absolutismo e “O Tamoio” e “A Sentinela” deixaram de circular.

Pelo o que foi visto acima sobre a imprensa no Brasil no século XIX, fica fácil entender a importância que esse meio de comunicação teve para a Língua Portuguesa uma vez que, como afirmam Sodré (1999) e Fraga (2005), serviu como o principal veículo de informação e divulgação do nosso idioma, em outros termos, facilitou a interação entre escritor/leitor/ouvinte contribuindo de forma decisiva para a difusão da língua escrita.

É, pois, nesse contexto histórico de difusão da palavra escrita na mídia, que vamos analisar o uso da grafia no Brasil. Antes, porém, vamos descrever o sistema vocálico do português.

CAPÍTULO II

1. O sistema vocálico do português

Abordaremos neste capítulo não só o acento tônico e o secundário usados no latim clássico, mas também o sistema vocálico em posição acentuada e em posição não-acentuada, isto é, pretônica, postônica não-final e postônica final. Além do mais, veremos os hiatos, os ditongos latinos e os românicos que surgiram ao longo do período arcaico e as vogais nasais no final de palavras.

1.1. Sons vocais elementares e fonemas

Segundo Câmara Jr. (1980), os sons vocais elementares classificam-se em vogais ou consoantes. Para o autor, a divisão resulta de um processo psíquico da parte da pessoa que fala e da pessoa que ouve. Nos termos de Câmara Jr., com os estudos do lingüista norte-americano Edward Sapir e do franco-suíço Ferdinand de Saussure e outros, criou-se, ao lado do som vocal elementar, o conceito de fonema.

O princípio doutrinário desse conceito é que no som vocal elementar o que vai interessar na comunicação lingüística “é um pequeno número de propriedades articulatórias e acústicas ou traços e não todo o conjunto da emissão fônica” (Câmara Jr., 1980: 33). Esses traços, também chamados distintivos, servem para distinguir numa língua dada uns sons vocais dos outros. Dessa forma, cada conjunto de traços distintivos opõe entre si as formas da língua possuindo ou não em seu lugar outro fonema, como se dá em português: vala, vela; soco, suco. Dito isso, atentemos, pois, para as seguintes definições de fonema: segundo Jakobson (apud Câmara Jr. op.cit.) “são as propriedades fônicas concorrentes que se usam numa dada língua para distinguir vocábulos de significação diferente”. Para Saussure, os fonemas são entidades opositivas, relativas e negativas. Para Bühler, os fonemas eram tijolos para a constituição das palavras. Para Sapir, apenas caracterizam o desempenho que lhes cabe na língua.

Segundo Câmara Jr.(1980), no início, a tendência fora de considerar os fonemas “como elementos indecomponíveis”, por isso o Congresso Fonológico Internacional de

1930 em Praga definiu-os como sendo “unidades fonológicas não suscetíveis de dissociação em outras unidades inferiores”. Bloomfield, na esteira do pensamento lingüístico de Sapir, postulou que o fonema “seria uma unidade mínima de traços sônicos distintivos”. e finalmente para Trubetzkoy e Jakobson “o fonema é o conjunto de traços fonologicamente relevantes numa estrutura fônica”. (Câmara Jr. 1980: 30,31).

Sabe-se, pois, que um mesmo fonema varia na sua realização conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante. Isso acontece com o /l/ português que quando pré-vocálico é dental ou anterior e quando pós-vocálico é posterior ou velar, por exemplo: lata, mal.

Por outro lado, sendo o fonema um conceito da língua oral, não deve ser confundido com a letra na língua escrita. Por isso em português temos exemplo de um mesmo fonema poder ser representado com letra diferente como em: aço e asso; beleza e chinesa, chá e xá. Nos termos de Câmara Jr., isso só acontece no sistema ortográfico de qualquer língua por acaso. Na fonética, quando a preocupação é de indicar o som e não o fonema, coloca-se a representação gráfica entre barras ([...]). O autor ainda nos afirma que quando o fonema abrange vários sons vocais elementares são chamados de “variantes” ou “alofones” de um fonema. Cagliari (2002) nos lembra que os alofones são os representantes fonéticos dos fonemas e que estes são representados entre duas barras inclinadas / / e aqueles entre colchetes quadrados []. Em português, por exemplo, isso acontece nas vogais /e/ e /o/ átonos em final de sílaba chamados por Câmara Jr. de alofones “posicionais”. Para o autor, esses alofones são de suma importância já que caracterizam o conjunto de fonemas da língua, ou melhor, dão o sotaque local da nossa fala distinguindo os falares regionais.

2. A diferença entre vogal e consoante

Segundo a tradição da corrente estruturalista, Câmara Jr. (1980) apresenta-nos dois critérios para estabelecer a diferença entre vogal e consoante. O primeiro ele diz ser mais fonético do que fonêmico e o segundo é o comportamento do fonema na unidade superior da sílaba. No primeiro critério, o autor considera a vogal como sendo um som que é produzido pela ressonância bucal em que a corrente de ar passa sem impedimento algum. A propósito, para os gregos, as vogais eram elementos fônicos suscetíveis a funcionarem sozinhos. Na consoante, ao contrário, na passagem da

corrente de ar ocorre uma oclusão ou fechamento, uma contração ou aperto, uma oclusão parcial ou uma tremulação da língua imprimindo uma vibração à corrente de ar (Câmara Jr., 1980). Tudo isso dá para as consoantes, conforme o autor supracitado 1) ordem de oclusivas (plosivas); 2) constrictivas (fricativas); 3) nasais com oclusão, mas com ressonância plena nas fossas nasais (devido ao abaixamento da úvula no fundo do véu palatino); 4) laterais com desvio lateral da corrente de ar; 5) vibrantes com rápida ou prolongada vibração da língua.

No segundo critério, de um lado as vogais e as consoantes líquidas ou nasais, muito raro, podem ser o centro da sílaba. De outro, as consoantes aparecem em volta desse centro.

Halle (apud Lemle, 1988) nos lembra que há uma outra diferença entre os sistemas mais tradicionais de classificação dos sons e o sistema dos traços distintivos, isto é, a maneira de tratar as duas principais classes de segmentos: as vogais e as consoantes. Segundo o autor, na maioria dos sistemas tradicionais, essas duas classes são descritas em termos de traços diferentes uns dos outros. Enquanto que as consoantes são descritas em termos de “pontos de articulação”, as vogais são descritas em termos do chamado “triângulo das vogais” ou “sistema vocálico triangular”, segundo Trubetzkoy.

Como é sabido, em português não há sílaba sem um centro ou ápice (vogal). Por outro lado, Câmara Jr. (1980) assevera que a sílaba é formada de um aclave, de um ápice e de um declive. De acordo com Bisol (2001), o ápice é constituído por uma vogal; o aclave, por uma ou duas consoantes e o declive pelas seguintes consoantes /s/, /r/. /l/ ou ainda pela semivogal /j,w/. Bisol não descarta a possibilidade de haver uma consoante nasal no declive por considerar as vogais nasais fonologicamente “vogais fechadas por consoante nasal”. Em português, as sílabas livres predominam sobre as travadas, dito de outra forma, as consoantes, elementos marginais, podem ser prevocálicas ou posvocálicas. Se há elemento posvocálico, a sílaba é travada ou fechada. Caso não haja esse elemento, a sílaba é livre ou aberta, Câmara Jr. (1980).

3. As vogais portuguesas

Já vimos que para Trubetzkoy (1939), as vogais constituem um sistema vocálico triangular. Câmara Jr. (1980: 41) apresenta esses fonemas do português como um

triângulo. De um lado, com uma série de vogais anteriores com um avanço da parte anterior da língua gradualmente elevada e de outro uma série de vogais posteriores com um recuo da parte posterior da língua gradualmente elevada. Nestas vogais, há um arredondamento gradual dos lábios. A vogal /a/ aparece como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais (anteriores, central e posteriores) e a elevação gradual da língua na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de (vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas), como podemos ver em (1):

(1) vogais em posição tônica

| | | | | |
|--------|-------------|---------|------------|---------|
| Altas | /u/ | | /i/ | |
| Médias | | /ô/ | /ê/ | 2º grau |
| Médias | | /ò/ | /è/ | 1º grau |
| Baixa | | /a/ | | |
| | posteriores | central | anteriores | |

(Câmara Jr., 1980: 41)

De acordo com Battisti (2001: 160), as vogais em posição tônica criam oposições do tipo s[a]co, s[e]co, s[]co, s[o]co, s[]co. Mas quando a sílaba tônica vier seguida por uma consoante nasal [n] ou [m] a oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus desaparece. Neste caso, ocorrem apenas as médias de 2º grau (/e/ e /o/), ex.: l[e]nda, p[o]nto e nunca as de 1º grau. l[]nda, p[]nto.

Para Câmara Jr. (1977: 54) a configuração do nosso sistema de vogais se modificaria caso o /â/ abafado, posterior que aparece diante de consoante nasal, como em *amo*, *ano*, fosse levado em conta. Contudo, o autor nos lembra que nestas circunstâncias, trata-se de um simples alofone.

Sendo assim, Câmara Jr. (1980: 43) apresenta as vogais em posição tônica diante de consoante nasal da seguinte forma, como se vê em (2):

(2) vogais em posição tônica diante da nasal

| | | | |
|--------|-----------|---------|----------|
| altas | /u/ | | /i/ |
| médias | /o/ | | /e/ |
| baixa | | /a/ | |
| | | [â] | |
| | posterior | central | anterior |

(Câmara Jr., 1980: 43)

4. As vogais portuguesas em posição átona

Como é sabido, o sistema vocálico de sete vogais em posição tônica reduz-se, já que certas posições são suprimidas. Câmara Jr. chama essa redução de neutralização, isto é, a perda de um traço distintivo reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica: caf[] – caf[e]teira, b[]lo – b[e]leza. Sendo assim, por causa da neutralização entre as vogais médias de 1º e 2º graus e a conservação das médias de 2º grau, o sistema da pretônica também se reduz a cinco semelhante ao sistema em posição da tônica diante de nasal, como em (3):

(3) vogais em posição pretônica:

| | | | |
|--------|-----------|---------|----------|
| altas | /u/ | | /i/ |
| médias | /o/ | | /e/ |
| baixa | | /a/ | |
| | Posterior | central | anterior |

(Câmara Jr., 1980: 44)

Além disso, quando a vogal aparece em posição postônica não-final, dá-se a neutralização entre as posteriores /o/ e /u/, mas não entre as anteriores /e/ e /i/, como se vê abaixo em (4):

(4) vogais em posição postônica não-final:

| | | | |
|--------|-----------|---------|----------|
| altas | /u/ | | /i/ |
| médias | /.../ | | /e/ |
| baixa | | /a/ | |
| | posterior | central | anterior |

(Câmara Jr., 1980: 44)

Por fim, as vogais em sílabas átonas finais seguidas de *s* ou não, ficam reduzidas a três uma vez que ocorre a neutralização entre as médias e as altas, ex.: mat[i], mat[u], mat[a]. Neste caso, o traço que distingue /e/ e /i/ de um lado e /o/ e /u/ de outro é neutralizado, como em (5):

(5) vogais em posição postônica final diante de *s* ou não:

| | | | |
|-------|-----------|---------|----------|
| altas | /u/ | | /i/ |
| baixa | | /a/ | |
| | posterior | central | anterior |

(Câmara Jr., 1980: 44)

Note que na posição pretônica pág. 51, há além da neutralização das vogais médias de 1º grau acarretando a perda das vogais /□ / e /□ / como em b[□]lo, b[e]leza – p[□]lo, p[o]lar, a harmonia vocálica por meio da qual as vogais médias pretônicas assimilam a altura da vogal alta da sílaba seguinte. Por isso encontramos variantes como p[e]pino; p[i]pino, c[o]ruja e c[u]ruja, (Battisti 2001).

Com as vogais em posição postônica não-final das proparoxítonas dá-se a neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, mas não entre as vogais anteriores /e/ e /i/. nos termos de Câmara Jr., a oposição entre /o/ e /u/ é uma mera convenção da língua escrita. Ex: côm[u]do por cómodo e abób[u]ra por abóbora.

Com as vogais átonas finais diante de /s/ ou não, Câmara Jr. (1977) nos afirma que do ponto de vista fonêmico não há oposição distintiva entre essas vogais reduzidas /i/ e /u/. Na posição átona final essas vogais são falsamente tidas como intermediárias que figuram sistematicamente em vez do /e/ e do /i/ de um lado e de outro, em vez do /o/ e do /u/. O autor lembra que a atual ortografia, inspirada em Gonçalves Viana, adotou as formas *quase* e *tribo* em vez dos tradicionais *quasi* e *tribu*. Para o autor, o

principio fonêmico que aí subjaz é a indistinção entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/ em posição átona final. Da mesma sorte, a distinção entre júri e jure (verbo jurar) ou ânus e anos (pl. de ano) é inteiramente gráfica.

Ainda segundo Câmara Jr. (1977), quando em posição não-final se manifesta uma situação análoga e o contraste distintivo entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/ desaparece tornando-se simplesmente gráficas distinções como em *comprido* e *cumprido*, *cear* e *ciar*. Sendo assim, o uso de /o/ e /u/, /e/ e /i/ é arbitrário em vocábulos perfeitamente homônimos.

Na postulação de Nunes (1975), as vogais átonas bem como as sílabas também átonas às vezes alteraram-se até desaparecerem, mas quando persistiam tomaram um som tão fraco que mal se podia ouvir. Como sabemos, as vogais átonas no português são apenas cinco: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Ficam reduzidas a três: *a*, *e*, *o*, quando finais. Isso porque *e* e *i* como *o* e *u* se confundem geralmente dando um único som. Além disso, na escrita o *i* e *u* não se usam sendo substituídos por *e* e *o*. Deduz-se daí que das vogais átonas, “a” é a mais resistente. Em Nunes (1975: 56) lemos:

A sorte das vogais átonas depende do lugar que ocupam na palavra e da sua posição relativamente ao acento tônico, sendo as iniciais e as finais as que mais resistências possuem; as médias atenuam-se por forma tal, que desaparecem freqüentemente.

5. O sistema vocálico do latim clássico e do latim vulgar

Nos termos de Nunes (1975), a nossa maior riqueza vocal proveio do latim. Logo, é evidente que essa transmissão, feita através de muitas gerações, não podia de forma alguma chegar até nós intacta. Ela passou por várias transformações. Sem dúvida, os fonemas sofreram modificações e quedas na passagem do latim para o português. Mas, como frisa o autor “O acento tônico tem resistido aos rudes golpes de seu terrível inimigo: o tempo”. É o que veremos a seguir:

6. O acento tônico

Como é sabido, em toda palavra latina formada por duas ou mais sílabas havia uma que era pronunciada com elevação de voz maior do que as outras, chamada sílaba tônica. As que restavam eram chamadas átonas que podiam ser pretônicas ou postônicas dependendo da posição em que apareciam antes ou depois daquela. Nunes lembra que o acento era chamado de tom para se distinguir do de intensidade, isto é, o acento propriamente dito, que era um esforço maior empregado na emissão da sílaba de cada palavra.

Para o autor, esse acento existiu no latim pré-literário vindo a cair no princípio do período literário subsistindo apenas o primeiro. Veja que as palavras *chama, fresta, paz, vide, dona, olho, ombro*, etc. continuam a ser acentuadas nas mesmas sílabas das latinas correspondentes *flama, fenestra, pace, vite, domina, oculo, umeru*.

Nas palavras de três sílabas ou mais, o acento recaía na penúltima se esta fosse longa, *salute, palumba, amicum, capillum*, e recaía na antepenúltima se a penúltima fosse breve, *limite, domina, arborem, hominem*.

Como sabemos, o português conservou esse acento, mas há casos em que essa fixidez sofreu alteração advinda do próprio latim vulgar. Nunes (1975) reduz a três esses casos cujas origens são fonéticas, morfológicas e analógicas. Vejamos, pois, as causas fonéticas:

1º) Nas palavras em que um *e* ou um *i* tônico se achava em hiato + vogal, o latim vulgar acentuava a mais sonora ou aberta de duas vogais juntas e transpunha o acento para a segunda delas eliminando a primeira quando ela não era absorvida pela consoante precedente. Assim o clássico acentuava *mulfere*, *linteolu*, *pariete* e o vulgar *muliere*, *linteolu pariete* (mulher, lençol, parede, respectivamente).

2º) Nas palavras polissílabas a vogal que estava na sílaba fraca, seguida de um grupo formado por oclusiva e líquida recebia ou não o acento tônico no latim clássico. O vulgar, porém, acentuou-a, mas continuou mantendo a antiga quantidade. Desse modo, palavras como *álacre*, *integru*, *cólubra*, *catedra*, *ténebras*, passaram a acentuar-se *alecre*, *integru*, *colubra*, *cátedra*, *tenebras* (alegre, inteiro, cobra, cadeira, trevas, respectivamente) (Nunes, 1975: 32).

7. O acento secundário

Além do acento tônico, havia outro em latim, o secundário, que caía sempre na primeira sílaba da palavra e se fundia com aquele, caso a palavra tivesse duas sílabas apenas. Sendo assim, palavras como *māgnitudo* e *genista*, além das sílabas tônicas **tu** e **nis**, os romanos acentuavam também as iniciais **ma** e **ge**. Mas na palavra *lupus* os dois acentos se confundiam.

Ao lado do acento de intensidade, o latim possuía também o acento de altura ou tônico que desempenhava um papel de suma importância na palavra já que impedia o desaparecimento da vogal ou sílaba sobre a qual recaía. Mas esse acento estava sujeito a várias gradações na sua altura podendo ser agudo ou grave ou ao mesmo tempo agudo e grave, ora elevando-se a voz, ora abaixando-se na emissão dos sons a ele sujeitos. Segundo Nunes (1975), isso dava à frase maior melodia e fazia do latim uma língua bastante harmoniosa como o grego.

Por volta dos séculos II ou III, o acento de altura se fundiu com o de intensidade e de melodioso tornou-se quase que protetor do som, em outros termos, continuou a marcar as mesmas sílabas de antes, mas agora com esforço especial a fim de não deixar perder o som da vogal. Daí por diante, desapareceu a distinção entre vogais breves e longas e a duração ou quantidade foi substituída pelo timbre ou qualidade. Dessarte, as cinco vogais do latim clássico, ou melhor, as dez, uma vez que cada uma exigia na sua emissão o dobro do tempo da outra por ter a duração passado a timbre e também porque o *a* que era longo se fundiu com o *o* breve e ainda o *i* e o *u* que eram breves coincidiram no som com o *e* e o *o* longos, ficando, pois, as vogais latinas reduzidas a sete (Silva, 1996: 50).

8. As vogais do latim clássico e do latim vulgar

O latim possuía cinco vogais: *a*, *e*, *i*, *o*, *u* que podiam ser longas e breves segundo o maior ou menor tempo gasto na sua emissão (chamado de quantidade). As longas obrigavam a uma inflexão mais demorada da voz. Quanto às breves, isso quase não ocorria. Na emissão de uma vogal longa, os romanos gastavam o tempo equivalente ao de duas breves, (Coutinho 1976).

Além das vogais, o latim usava também o sinal *y*, mas só em palavras de origem grega já que nesta língua ele tinha um som intermédio entre o *i* e o *u*. Dessa forma, ele

foi representado no romance por *u* ou *i* ou por *o* ou *e* conforme a sua quantidade. Vejamos o quadro comparativo das vogais tônicas incluindo os ditongos *ae* e *oe* no latim clássico e no latim vulgar.

Quadro 01:

| Latim Clássico | Latim Vulgar | Exemplos |
|----------------|--------------|--|
| ā, ă | a | fāba > fava, prātu > prado, amātum > amado |
| ē, ae | é | dēce > dez, caecu > cego, tērra > terra |
| ē, ĭ, oe | ê | acētū > azedo, ĭlle > ele, coena > ceia |
| ī | i | fīlu > fio, rīvu > rio, fīcum > figo |
| ō | ó | rōta > roda, lōcu > logo, pōrta > porta |
| ō, ū | ô | sudōre > suor, lūtu > lodo, būcca > boca |
| ū | u | acūme > gume, fūmu > fumo, pūrum > puro |

Observando o sistema originário das vogais, Souza (1990: 37) assinala que:

- a) no latim Clássico, o sistema vocálico era triangular. Opunham-se palatais e velares; longas e breves; fechadas e abertas.
- b) no latim vulgar o sistema permanece triangular, mas as diferenças de quantidade foram eliminadas e só o grau de abertura manteve seu significado fonológico.

De acordo com a autora, as longas, de maior quantidade, foram se distanciando cada vez mais das breves já que estas eram mais abertas e aquelas mais fechadas. Na articulação das vogais breves, a língua não se elevada tanto quanto o fazia para as longas. Dessa forma, esse movimento articulatório trouxe um nivelamento para o *i* e o *u* breves ao se pronunciarem mais para baixo confundindo-se respectivamente com *e* e *o* fechados, por exemplo: *site* > *sede*, *lupu* > *lobo*.

Souza (1990) afirma que já na época clássica, as longas eram articuladas mais fechadas, isto é, mais tensas. Por outro lado, as breves, ao contrário, permitiam maior flexibilidade articulatória e, por isso, eram chamadas pelos gramáticos latinos *vogais relaxadas*. Sua pronúncia era mais rápida. A autora nos lembra que a braquia (*υ*) valia 50% do macron (*-*). Como sabemos, Foi respeitando esse ritmo que se fundou a prosódia latina e se regularizou a acentuação das palavras.

Vejamos um quadro sinóptico das transformações vocálicas do latim clássico ao português.

Quadro 02:

| | Anteriores | | | Centrais | Posteriores | | |
|-----------------------|------------|------|---|----------|-------------|------|---|
| Latim Clássico | ī | ĩ, ē | ě | ǎ, ā, | ǒ | ō, ŭ | ū |
| Português | i | ê | ɛ | a | ɔ | ô | u |

(Souza, 1990: 37)

Vale lembrar que as tônicas chegam quase inalteradas ao português, enquanto que as átonas sofreram síncope especialmente quando pós-tônica. Isso explica a razão de palavras proparoxítonas se tornarem paroxítonas na fala popular: *pulica* > *pulga*; *oculum* > *olho*; *calidu* > *caldo*.

Nunes (1975) observa que essa redução foi ainda mais longe, quando as vogais não eram tônicas, isto é, no interior da palavra as vogais *e* e *o* abertas ou fechadas ficavam mudas. O mesmo ocorria com o *i* e o *u* finais. Logo, as sete vogais do latim vulgar reduziram-se a cinco quando átonas no interior da palavra, e a três quando átonas finais.

9. As vogais latinas tônicas

1) **ǎ e ā**: a vogal tônica **á** do latim vulgar se manteve em português, por exemplo: *ǎquila* > *águia*, *cǎpulu* > *cabo*, *fāba* > *fava*, *bonitǎte* > *bondade*, *mǎricu* > *amargo*, *grǎtia* > *graça*, *pǎce* > *paz*, *mǎre* > *mar*.

No entanto, há casos em que esse *a* tônico pode ser representado por alguma das duas vogais *e* ou *o*. Para Nunes, tal fato pode ocorrer por causa ou da dissimilação vocálica como ocorria no popular. Abantesma ou avantesma – correspondente ao greco-latino *phantasma*, ou a suposta relação com outra palavra como em *erva*, *êvodo* do lat. *arbutu*, ou por ação de outra língua ou importação estrangeira: *tagu* > *tejo* (árabe).

Quando o *a* tônico era seguido ou separado por uma consoante apenas que caía ou persistia conforme a sua natureza das semivogais *i* e *u*, o *a* tônico atraía essas semivogais ou passava para *e* e *o* formando os ditongos *ei*, *oi*, *ou*, *au*: *amai* > *amei*, *fratre* > *fraire* > *freire*, *area* > *eira*, *magicu* > *meigo*, *caseu* > *queijo*, *basiu* > *beijo*, *lacte*

> leite, mataxa > madeira, saxu > seixo, amaut > amou, capui > coube, sapui > soube, habui > houve.

2) **ĕ, ae > é:** a vogal e tônica do latim vulgar persiste em geral no português, por exemplo: fĕlle > fel, dĕce > dez, pĕde > pé, hĕrba > erva, nĕbula > névoa, ĕgua > égua, fĕrru > ferro.

Quando o *e* tônico vinha seguido das semivogais *i* ou *u* ou consoante vocalizável, passava para *ê* formado os ditongos *êi*, *êu*: matĕria > madeira, lĕctu > leito, pĕctu > peito, mĕu > meu, Dĕus > Deus, profĕctu > proveito.

Nos termos de Coutinho (1976) muito raro se encontra o *e* representado por *i*: pagĕnse > país. Ao *i* da sílaba posterior se tem atribuído a alteração do *e* em *i* nos proparoxítonos latinos: dĕbita > dívida, dĕcima > dízima. Para o autor o *ĕ* dá *ê* ainda pela ação da semivogal: supĕrbia > soberba, prĕtiu > preço, tĕrtiu > terço, cerĕsia > cerveja. Segundo Coutinho, a vogal final *a* pode influir ainda sobre o *ĕ* exterior, tornando-o aberto: apothĕca > bodega, monĕta > moeda, rĕgula > regra.

3) **ĕ, ĭ e oe > ê:** o *ê* tônico continua a subsistir em português como nos exemplos: mercĕde > mercee > mercê, catĕna > cadea > cadeia, plĕnu > cheo > cheio, candĕla > candeia, arborĕtu > arvoreda, mĕnse > mês, vĕna > vea > veia, vĭce > vez, pĭllu > pêlo, capĭllu > cabelo, consĭliu > conselho. De acordo com Coutinho, o *ê* de coelho (cunĭculu) foi o resultado da confusão entre os sufixos *ĭculo* e *ĭculu* (latinos).

No entanto, há casos em que o *ê* tônico não se combina com as semivogais *i* e *u* ou com o *i* final, mas passa para um *i* por meio da metafoia, como em: tagĕnia > tainha, tinea > tinha, cĕreu > círio, vindĕmia > vindima, navĭgiu > navio, e em muitos nomes de sufixos em: ĭciu, ĭcia, ĭtiu, ĭtia, ĭtie, ĭculu, ĭcula, ĭlia, ĭliu. Por exemplo: erĭciu > ouriço, pellĭcea > peliça, vĭtiu > viço, iustĭtia > justiça, cupidĭtia > cobiça, novĭculu > novilho, mirabĭlia > maravilha, ervĭlia > ervilha, milĭu > milho. Para Nunes, muitos destes vocábulos devem ter vindo da literatura ou sofrido influência literária.

4) **ī > i:** o *i* tônico do latim vulgar manteve-se em português, por exemplo: fĭlu > fio, rĭvu > rio, fĭliu > filho, fĭcu > figo, rĭpa > riba, vacĭvu > vazio, formĭca > formiga, spĭna > espinha, etc. No entanto, a permuta do *i* em *ê* deu-se provavelmente no séc. III, período em que a vogal *ī* estava representada por *ê* na palavra *pega*, do latim *pica*, ou influência de *pegar* na forma *pega*.

Segundo Coutinho (1976) em palavras como *cĭtrea* > cidra, *cupidĭtia* > cobiça, *ervĭlia* > ervilha, *mirabĭlia* > maravilha, etc., a existência do *i* nestas palavras explica-se pela presença da semivogal em latim. O hiato também é causa da conservação dessa vogal: *dĭa* > dia, *pĭu* > pio, *vĭa* > via. Antes de *nct*, *-ndc* e em palavras eruditas, manteve-se o *i*: *cĭncta* > cinta, *pĭncto* > pinto, *vĭnd(i)co* > vingo, *artĭculu* > artigo, *lĭbru* > livro, *malĭgnu* > malino (arc.) *mĭssa* > missa, *epĭscopu* > bispo.

5) **ō > ó:** o *ó* tônico do latim vulgar persistiu em português, por exemplo: *rōsa* > rosa, *rōta* > roda, *nōve* > nove, *cōlōbra* > coovra (arc.) > cobra, *lōcu* > logo, *nōtula* > nódoa, *sōcra* > sogra, etc. O *ō* seguido da vogal final *u* ou da semivogal *i* encontrava-se, às vezes, representando por *ô* no português: *pōrcu* > porco, *fōcu* > fogo, *jōcu* > jogo, *hōdie* > hoje, *fōrtia* > força. Em palavras eruditas o *ō* aparecia aberto: *sacerdōte* > sacerdote, *vōtus* > voto, *velōce* > veloz, *ferōce* > feroz. Nas palavras minōre > menor, *meliōre* > melhor, *peiōre* > pior, o *ō* latino tornou-se também aberto por analogia com *mōr* em que essa vogal resultou da contração de *oo*. Por influência do *a* final, o *o* continuou aberto: *hōra* > hora, *fōrma* > forma, *formōsa* > formosa. O *ō* seguido de *i* final passou a *u*: *pōsi* > possui > pus, *pōti* > potui > pude. O *ō* ainda aparece representado por *u* diante de *nh*. *testimōniu* > testemunho. O *ō* latino passou em português a *u* pela influência da semivogal da sílaba seguinte: *dōrmio* > durmo, *cōmpleo* > complio > cumpro.

Por fim, o *ō* latino passou a *o* fechado nos ditongos *oi* e *ou* em português: *ōcto* > oito, *nōcte* > noite, *dōctu* > douto, *dormitōriu* > dormidoiro, *tonsōria* > tesoura, *versōria* > vassoira.

6) **ō, ū > ô:** a vogal *ô* do latim vulgar subsistiu na língua portuguesa, por exemplo: *flōre* > flor, *amōre* > amor, *tōtu* > todo, *ōvu* > ovo, *colōre*, *coor* (arc) > cor, *cōrte* > corte, *lūtu* > lodo, *lūpu*, lobo, *scūpa* > escova, *būcca* > boca, *pūtre* > podre, *rūpto* > roto, *gūtta* > gota.

7) **ū > u:** o *u* tônico subsistiu em português, por exemplo: *acūtu* > agudo, *lūna* > lua, *nūdu* > nu, *verrūca* > verruga, *pūgnu* > punho, *acūccula* > agulha, *ūngula* > unha. Diante do grupo consonantal *nct* e de hiato, o *u* se manteve: *ūncto* > unto, *jūnctu* > junto, *dūas* > duas, *tūa* > tua, *sūa* > sua. As palavras *crūce* > cruz, *cūlpa* > culpa são de origem eclesiástica. Coutinho (1976) explica a conservação do *u* em *plūvia* > chuiva (arc.) > chuva por causa da semivogal *i*.

10. As vogais latinas átonas iniciais

As vogais átonas iniciais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ podem achar-se só ou precedidas de consoante. Mas a tendência é cair quando se acham entre consoantes. O *a* proveniente de *ă* ou *ā* do latim clássico persistiu. Eis alguns exemplos com essas vogais: 1º) **a**: *ăprile* > abril, *ăgusto* > agosto, *ămaricu* > amargo, *ărena* > areia, *ăviolu* > avô, *nărice* > nariz, *căpitia* > cabeça. 2º) **e**: *fěroce* > feroz, *měliore* > melhor, *sěniore* > senhor, *cěpulla* > cebola, *sěcuru* > seguro, *sěcretu* > segredo, *věranu* > verão. 3º) **i**: *dīcere* > dizer, *mīliariu* > milheiro, *prīmariu* > primeiro, *tītione* > tição. 4º) **o**: *cōcina* > cozinha, *dōlore* > doer, *fōrmica* > formiga, *jōcare* > jogar, *mōlinu* > moinho, *mōneta* > moeda, *cōlare* > coar. 5º) **u**: *mūrălia* > muralha, *mūtare* > mudar, *rūgito* > ruído, *sūdore* > suor, *crūdele* > cruel, *dūrītia* > dureza.

Nunes (1975) assinala que a troca do *i* átono por *e* é coisa muito antiga na língua, principalmente em sílaba inicial da palavra seguida de outra em que haja também a vogal *i*. Neste caso ocorre uma dissimilação. O autor dá-nos alguns exemplos: *dessimular*, *deferença*, *virtude*, *deficuldade*, *vezinho*, *trebutu*, etc. Também ocorre em sílaba não inicial, *restetuir*, *marterizar*, *lágrema*, *openião*, *ordenário*, etc. Isso, segundo Nunes, talvez explique por que essa troca perdurou por tanto tempo na língua.

As vogais *a* e *e* átonas iniciais seguidas das semivogais *i* ou *u* ou de consoante vocalizável, atraem-se e formam os ditongos *ei* e *ou*, por exemplo: *basiare* > beijar, *factura* > feita, *altariu* > outeiro, *habuerunt* > houveram, *capuistis* > coubestes, *sapuisse* > soubesse.

Quando as vogais átonas iniciais ficam em contato com a imediata tônica ou não pela queda da consoante intermédia, assimila-se a ela produzindo depois a crase. Segundo Nunes (1975), esse fato era muito observado na linguagem popular, ex: *calente*, *caente* > quente, *canale*, *caal* > cal, *palatiu*, *paaço* > paço, *vagativu*, *vaadio* > vadio, *balistariu*, *beesteiro* > besteiro, *palumbu*, *poombo* > pombo, *colobra*, *coobra* > cobra, *legere*, *leer* > ler, *sedere*, *seere* > ser, *tenere*, *teer* > ter, *videre*, *veer* > ver.

10. 1. As vogais latinas átonas pretônicas

As vogais pretônicas conservaram-se em geral, exceto se estavam precedidas de consoante *a* que podiam encostar-se formando com ela grupo. Isso só era possível com a vogal *i* ou com as seguintes consoantes: *m, n, l, r* ou *z*, proveniente de *-ci*. ex: *marabilia* > maravilha, *preconariu* > pregoeiro, *bonitate* > bondade, *penicellu* > pincel, *salicariu* > salgueiro, *belitate* > beldade, *caballicare* > cavalgar, *veritate* > verdade, *medicina* > meezinha > mezinha.

Tanto as pretônicas como as átonas iniciais também eram assimiladas às tônicas fundindo-se numa única, ex: *caeda* (do arc. *caer*) > *queeda* > queda, *excaescere* > *escaecer* (arc.) > esquecer, *cupiditia* > *cobiiça* > *cobiça*, *falacariu* > *faagueiro* > *fagueiro*.

10.2. As vogais latinas átonas postônicas

Como a tendência da língua era evitar as proparoxítonas, a postônica caía sempre que estava seguida de consoante ou precedida por esta formando grupo com a vogal que vinha antes ou depois, ex: *virīde* > verde, *teneru* > tenro, *lepōre* > lebre, *pulīca* > pulga, *opera* > obra, *oculu* > olho, *manīca* > manga.

Nunes (1975) observa que embora a tendência da língua fosse abolir as proparoxítonas, ela ainda conserva grande número delas: *vipēra* > víbora, *arbūtu* > érvodo, *decīma* > dízima, *debīta* > dívida, *hospīte* > hóspede, *persīcu* > pêssego, *lacrīma* > lágrima, *cubītu* > côvado.

Nos termos de Coutinho (1976: 107) verifica-se a queda das postônicas não finais no latim vulgar quando a vogal postônica se achava:

- 1) depois de uma consoante oclusiva e antes de uma lateral ou vibrante: *oculus* (oculus), *masclus* (masculus), *altra* (altera), *socrus* (socerus);
- 2) entre uma labial e outra consoante: *domnus* (dominus), *lamna* lamina);
- 3) entre uma vibrante ou lateral e outra consoante: *ardus* (aridus), *viridis* viridis), *caldus* (calidus), *soldus* (solidus);
- 4) depois de *s* e antes de outra consoante: *postus* (positus).

10.3. As vogais latinas átonas finais

Como é sabido, as quatro vogais latinas *ĕ, ē, ĭ, ī*, em fim de palavras reduziram-se a *e* com som de *i*, ex.: unde > onde, hodiē > hoje, quindecīm > quinze, dixī > disse, etc. o mesmo aconteceu a *ō, ō, ŭ, ū* quando finais reduziram-se a *o* com som de *u*, ex.: citō > cedo, quomodō > como, frūctu > fruto, lignū > lenho.

A vogal *e* cai depois das consoantes *r, l, s, z, n*, isto é, quando o fonema que com ele formava sílaba podia formar também com os fonemas anteriores (Coutinho, p.106). Ex.: amare > amar, debere > dever, amore > amor, canale > cal, crudele > cruel, fidele > fiel, partire > partir, mare > mar, mense > mês, cruce > cruz, narice > nariz, vorace > voraz, bene > bem, pane > pan (arc.) > pão.

As vogais finais que perderam a consoante intermédia ficando em contato com a tônica ou postônica ou separadas delas, fundiram-se com estas vogais na língua moderna, ex.: periculu > perigoo > perigo, articulu, artigo > artigo, aviolu, avoo > avô, matiana, maçãa > maçã.

Segundo Teyssier (2007), essas evoluções que acabamos de descrever foram produzidas nos séc. XIV e XV. Portanto, estavam concluídas por volta de 1500. Para esse pesquisador, permaneceram ainda na língua algumas seqüências de vogais em hiato que foram eliminadas posteriormente, como em *ŭa* escrito *hŭa*, feminino de um passou a uma a partir do séc. XVIII; os hiatos *e-o*, *e-a* foram suprimidos visto que apareceu um iode (*eio, eia*) ex.: cheo > cheio, creio > creio, candeia > candeia.

Em suma, vejamos um quadro do sistema vocálico do português por volta do ano 1500, segundo Teyssier (2007):

Quadro 03:

| | | VOGAIS | | | | | |
|------------|-----|---------|-----|-----------------------|-----|-------------------|-----|
| Pretônicas | | Tônicas | | Postônicas não-finais | | Postônicas Finais | |
| līl | lul | līl | lul | līl | lul | | |
| lel | lol | lel | lol | lel | lol | lel | lol |
| l□l | l□l | l□l | l□l | l□l | | | |
| | | | | l□l | | | |
| läl | | läl | | lal | | lal | |
| lal | | lal | | | | | |

Para Teyssier (2007), o sistema das vogais orais tônicas passa a compreender oito fonemas uma vez que a vogal **a** no português europeu, (PE) doravante, tem um

timbre aberto ([a]), apesar da presença da consoante nasal seguinte que nas palavras onde havia um *a* etimológico sempre fechou essa vogal em [ä]; ex.: cama, pano, cano, banho. Por outro lado, o PE pronuncia a desinência – amos da 1ª pessoa do presente do indicativo e do pretérito perfeito com [a] aberto diferente do português brasileiro que pronuncia esse [a] fechado.

Por fim, Em “Estrutura da Língua Portuguesa”, Câmara Jr. (1980) resume as vogais em posição postônica não-final a quatro, a saber: as altas *i* e *u*, uma média *e* anterior e por fim a vogal *a* central.

11. As semivogais *i* e *u*

Câmara Jr. (1980) observa uma derradeira posição átona para as vogais: o da chamada posição assilábica. Em outros termos, quando a vogal em vez de ser o centro da sílaba fica nas margens como as consoantes. O que acontece é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba formando o ditongo.

O autor supracitado, referindo-se às vogais assilábicas, postula que todo o sistema vocálico passaria a se resumir numa única oposição entre uma vogal anterior alta /i/ como em *pai* e *amei* e uma vogal posterior alta como em *mau* e *meu*. Na verdade, há uma tendência a considerar essas vogais uma consoante em português uma vez que funcionam como tal. Contudo, segundo o autor, considerar essas vogais como fonemas consonânticos seria aumentar o número das consoantes portuguesas.

Coutinho (1976) postula que a semivogal *i* passou a *j* a partir do Renascimento já que essa letra era desconhecida do latim, ex.: iam > já, ianuariu > janeiro, iocu > jogo, iuvene > jovem, etc. E a semivogal *u* passou a *v*, ex.: uos > vós, uacare > vagar, auena > aveia, nouu > novo, pauone > pavão. O autor observa a queda do *u* já que no latim vulgar, riuus > rius, auus > aus, flauus > flaus. Por fim, a representação da semivogal *u* por *v*, afirma Coutinho, só aparece em textos a partir do Renascimento. De acordo com Câmara Jr., em português as vogais nasais constituem um problema análogo às vogais assilábicas como veremos a seguir:

12. As vogais nasais

Como sabemos, nas línguas do mundo, a nasalidade das vogais apresenta duas formas estruturais: na preconização de Câmara Jr. (1980) uma é a nasalidade pura da vogal e a outra resulta do contato da vogal com uma consoante nasal da sílaba seguinte no mesmo vocábulo. Conforme o autor, esse segundo tipo de nasalidade não funciona para distinguir formas visto que não é de natureza fonológica, como em *lama*, *ano*, *tema*. Mas em *lança*, *cinto*, *lenda*, a nasalidade da vogal que aí aparece é, portanto, fonológica, isto é, tem valor distintivo. *Lança* distingue-se de *laça*; *cinto* de *cito* e *lenda* de *leda*. Nos termos de Câmara Jr. “a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal”. (op. cit. p. 43)

O autor ainda afirma que vogal nasal é o conjunto de vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba. Em outros termos, a nasalização da vogal é em português consequência obrigatória do travamento da sílaba por uma consoante nasal /m/, /n/ depois da vogal.⁸

Dando sustentação a sua tese, o autor comprova a existência dessa consoante nasal de travamento após a vogal com três fatos básicos: i) a não-realização de crase nasal final entre vocábulos, como em *lã azul* (*lãzul*). Note-se que a degeminação é possível em seqüência de vogais orais, como em *casa azul* ([kazazul]); ii) a realização exclusiva de /r/ múltiplo após a vogal nasal que só acontece se a sílaba for fechada por consoante: *honra*, *genro*, *tenro*. Nestas palavras o /r/ é forte como em *guelra*, *palra* e *Israel*. iii) a não-existência de hiatos nasalizados: *boa*, *lua* e nunca *bõa*, *lũa*.

Câmara Jr. (1980) ainda lembra que essa consoante nasal é indiferenciada quanto ao ponto de articulação sendo dental, labial, velar ou palatal de acordo com a consoante que a acompanha. Por isso, analisa a consoante nasal de travamento como arquifonema representado por /N/ simbolizando a neutralização dos traços articulatórios da nasal que em posição de ataque silábico é especificada às três consoantes nasais do sistema fonológico português: /m/, /n/, /ɲ/.

Lopez (1979 apud Battisti 2001), na esteira de Câmara Jr., afirma que em português não existem vogais nasais e sim vogais nasalizadas por uma consoante nasal no final da sílaba. A autora difere de Câmara Jr. por interpretar a nasal pós-vocálica como uma coronal, como em *fim-finar*, *bem-benefício*, *lã-lanifício*, etc, em que a consoante nasal coronal aparece no vocábulo derivado.

⁸ Faraco (2003) postula que as vogais nasais /ĩ/, /ẽ/, /ã/, /õ/, /ũ/ têm uma representação quase biunívoca. Essa relação só não é biunívoca visto que elas podem ter outras representações embora muito raras.

Silva (1996: 73) postula que as vogais nasais em final de palavras no português arcaico geralmente resultaram da apócope de elementos finais fazendo a nasal etimológica vir a fechar a sílaba e nasalizar a vogal precedente: *coratione* > *coraçõn*, *cane* > *can*, *amant* > *aman*, *amaverunt* > *amaron*. A autora nota que no latim clássico a nasal já fechava a sílaba como em *in* e *cum* (port. em e com). Além disso, outras nasais finais resultaram da fusão de vogais da mesma faixa de altura, conseqüência da síncope da vogal intervocálica: *alicūnu* > *algūu* > *algum*, *ūnu* > *ūu* > *um*, *fīi* > *fim*.

Segundo Silva (op. cit.) pode-se afirmar que no período arcaico não só aparecem em posição final o sistema de cinco vogais nasais (/ã/, /ɛ/, /i/, /õ/, /ū/), como também começa a processar-se a ditongação das nasais /õ/ e /ã/ no final de nomes e verbos. Para ela no séc. XVI essa ditongação já era própria do dialeto padrão de Portugal, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 04:

| latim clássico | port. arcaico | Séc. XVI dialeto padrão |
|------------------|---------------|-------------------------|
| <i>coratione</i> | coraçõn [õ] | coraçãõ |
| <i>cane</i> | can [ã] | cãõ |
| <i>amant</i> | aman [ã] | amam |
| <i>amaverunt</i> | amaron [õ] | amaram |

(Silva, 1996: 74)

Dito isso, vejamos agora o hiato e os ditongos latinos e os românicos:

13. O hiato

A junção de duas vogais semelhantes ou diferentes chama-se hiato. Ora, como sabemos, essa junção pode ter vindo do latim ou se ter dado dentro da língua pela queda de consoante intermediária. Nunes (1975) divide o hiato em latino e românico. Mas tanto num como noutro, a tendência é para o seu desaparecimento, frisa o autor.

Segundo Souza (1990: 40), havia uma tendência na língua vulgar de evitar os hiatos por serem de articulações mais difíceis. Isso era feito por meio de sucessivas transformações fonéticas, ei-las:

a) duas vogais iguais reunidas pela síncope de uma consoante medial, contraíam-se:
palatium -> *paaço* > *paço*

sanatium -> saadio > sadio

b) duas vogais iguais fundiam-se numa só, isto é, a átona na tônica.

teer -> ter

leer -> ler

veer -> ver

seer -> ser

c) duas vogais se fundiam pela assimilação mesmo sendo diferentes.

escaecer -> esquecer

paomba -> pomba

maestra -> mestre

sagita -> saeta -> seeta -> seta

d) quando caía uma das vogais absorvida por consoante precedente da mesma natureza.

angeo -> anjo

rigeo -> rijo

e) pela ditongação proveniente de um **i** epentético antes da átona final:

tea -> teia

cea -> ceia

feo -> feio

f) desenvolvimento de uma consoante entre duas vogais como nas seqüências **i-o** e **i-a**

que se tornaram inho, inha

vi - o -> vinu -> vinho

gali - a -> gallina -> galinha

mi - a -> minha

g) contração das duas vogais numa vogal única quando uma das duas era nasal.

lã - a -> lã

bõ – o -> bo -> bom

t ẽ – es -> tens

caente -> queente -> quente

Por fim, Souza (1990) lembra que o hiato permanecia quando a segunda vogal era **i** ou **u** (vogais altas). Neste caso o som mais forte prevalecia.

salire -> sair

salute -> saúde

14. Os ditongos

Câmara Jr. (1980) reconhece doze ditongos decrescentes e um crescente em português, a saber:

14.1. Ditongos decrescentes

/ai/ : pai

/ôi/ : boi

/au/ : pau

/ôu/ : vou

/ei/ : papéis

/ui/ : fui

/êi/ : rei

/óu/ : sol

/iu/ : viu

/éu/ : céu

/ói/ : rói

/eu/ : meu

O ditongo /ou/ acontece por causa da vocalização do /l/ posvocálico /ou/ : sol, pronunciado /sóu/.⁹

14.2. Ditongo crescente

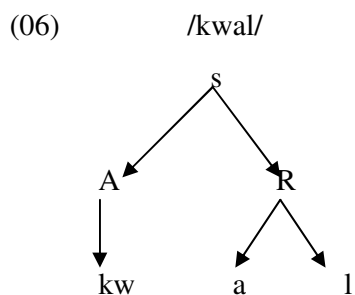
⁹ Nos termos de Faraco (2003) na maioria das variedades do português brasileiro a consoante /l/ no final de sílabas (grafada com a letra l) foi substituída por /w/ criando, assim, um ditongo onde não havia.

O ditongo crescente¹⁰ ocorre em português com a vogal assilábica /u/ depois de consoante plosiva labial diante de vogal silábica. Por exemplo:

(k, g) u seguida das vogais (a, é, ê, i, ó, ô), por exemplo: *qual, quando*.

Na postulação de Câmara Jr. (1977) e Bisol (1989) em português os verdadeiros ditongos são os decrescentes, ao passo que os crescentes variam livremente com o hiato (su.ar/ suar; vitóri.a/ vitória; gló.ri.a/ gló-ria).

Por outro lado a sequência formada por consoante velar /k/, /g/ + glide /w/ forma um ditongo crescente em nível pós-lexical como se vê abaixo em (06):



Note-se que a consoante velar + glide quando seguidas de a/o formam uma só unidade fonológica, ou melhor, um segmento consonantal.

Uma questão interessante é levantada por Câmara Jr. (1977) quanto à posição ocupada pela semivogal no ditongo decrescente se esta fica no núcleo ou na coda da sílaba. Por essa razão, questiona ele se o padrão dos ditongos decrescentes seria VC ou VV, já que VC pressupõe uma sílaba travada enquanto VV é uma sílaba aberta, considerada melhor, a partir dos seguintes argumentos propostos pelo autor:

(i) o r apresenta-se como forte depois de uma sílaba travada como em hon [r] a, is[r] ael, mas não depois de ditongo, eu [r] opeu, au[r] ora.

(ii) a facilidade com que se passa de um ditongo para um monotongo. (c[aj]xa, c[a] xa;) p[ej] xe, p[e] xe), ou ainda a fácil passagem de /i/ assilábico para [e] como em papa [e].

Por outro lado, Nunes (1975), Coutinho (1976), classificam os ditongos em latinos ou românicos conforme provêm do latim ou se formaram dentro do romance. Os principais ditongos latinos são: *ae, oe, au, eu*: os dois primeiros reduziram-se ainda na língua clássica, isto é, passaram às vogais *é* e *ê*. Como atestam os exemplos: *caelebs* >

¹⁰ Os ditongos crescentes são muito raros em português. No dizer de Câmara Jr. (1977) eles são flutuantes, isto é, ora funcionam como ditongos, ora funcionam como hiato, por exemplo: *ân.si.a* ou *ân.sia, sé.ri.e* ou *sé.rie*. Nesses ditongos a semivogal /y/ é grafada com a letra i e raramente com e; ao passo que a semivogal /w/ é grafada basicamente com a letra u e raramente a letra o.

celebs, saepes > sepes, saeta > seta, etc. Quando pretônico, o ditongo *ae* reduzia-se às vogais *i* ou *ê*: *aequale* > igual, *aetate* > idade, *aestivu* > estio, *aestimare* > esmar (arc.) e quando (tônico), reduzia-se à vogal *é*: *caelu* > céu, *caecu* > cego, *praesto* > presto, *faeces* > fezes. Esse ditongo já era pronunciado e na zona rural do Lácio em meado do séc. I a.C. penetrando em Roma e espalhando-se pelas províncias um século depois, segundo atesta o testemunho de Varrão: “*In latio rure edus qui in urbe, ut in multis a addito, aedus*”, Coutinho (1975: 108).

O ditongo *au* quer tônico, quer átono, era geralmente representado por *ou*: *thesauru* > tesouro, *tauru* > touro, *paucu* > pouco, *auru* > ouro, *mauru* > mouro, *causa* > cousa, *lauru* > louro, *áudio* > ouço, etc. Em português foi representado pela vogal *o*: *paupere* > pobre, *aurícula* > orícula > orelha. No início de palavra quando átono, esse ditongo perdia o *u* por dissimilação no latim vulgar se a sílaba tônica seguinte tivesse a vogal *u*: *augustu* > agustu > agosto, *auguriu* > aguriu > agoiro. Esse ditongo ainda podia: a) provir da queda de fonema medial: *amavit* > amaut > amou. b) originar-se por meio da transposição do *u* para a sílaba anterior: *habui* > haue > houve, *capui* > caube > coube, *sapui* > saube > soube. c) resultar da vocalização da consoante *l* antes de *c*, *p*, *t*: *palpare* > paupar > poupar, *alteru* > autro > outro.

O ditongo *eu* ocorria muito pouco em palavras latinas. Na linguagem popular, reduzia-se à vogal *o*: *eusebiu* > osébio, *eulália* > olália, *eugêniu* > ogênio.

É bom lembrar que *ae*, *oe*, *au* e *eu* são ditongos latinos (como vimos há pouco) e os demais que se conhecem no português *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, *au*, *eu*, *iu*, *ou* são de formação românica e resultam de várias alterações fonéticas. O ditongo *ei* perdeu o primeiro elemento quando átono na sílaba inicial da palavra e deixou cair o segundo quando tônico e seguido de consoante: *eigreija* > igreja, *eimigo* > imigo (arc.), *eisento* > isento, *einês* > Inês, *peior* (arc.) > pior, *peixote* > pixote, *feito* (arc.) > feto, *cereija* (arc.) > cereja, *cerveija* (arc.) > cerveja, *tareija* > tareja (arc.).

Segundo pesquisadores, o ditongo *ai* deve ter surgido no séc. IX na última fase do latim vulgar dando *ei* em português: *amai* > amei, *hai* > hei, *laico* > leigo, (Coutinho, 1970). Para o autor, o ditongo *ai* pode: **a)** originar-se da queda de fonema medial: *amai* > amavi > amei, *probai* > probavi > provei. **b)** provir da transposição da semivogal para a sílaba anterior: *aria* > aira > area > eira, *basiu* > baijo > beijo, *casiu* > caijo > queijo, *primariu* > primairo > primeiro. **c)** resultar da vocalização da primeira consoante do grupo *ct*: *lacte* > laite > leite, *lecto* > leito, *nocte* > noite.

Por outro lado, Nunes (1975) observa que os ditongos *ai*, *oi*, *ui* tônicos ou átonos seguidos de consoante, perderam o segundo elemento: baixo > baxo (pop.), graixa > graxa, coixa > coxa, coixo > coxo, doice (arc.) > doce, abuitre (arc.) > abutre, chuiva (arc.) > chuva, escuitar (pop.) > escutar, fruto (arc.) > fruto, cuitelo > cutelo, muigir (arc.) > mugir, etc.

Coutinho (1976 : 109,110) apresenta-nos as causas que contribuíram para o maior número de ditongos que existem no português:

- a) a síncope de um fonema medial: malu > mau, palu > pau, manu > mão, lege > lei, vadi > vai;
- b) a vocalização de consoante em certos grupos: alteru > outro, conceptu > conceito, absentia > ausência, regnu > reino, calce > cauce > coice;
- c) a metátese de um fonema: primariu > primairo > primeiro, librariu > livrairo > livreiro, ferrariu > ferrairo > ferreiro, denariu > diairo > dinheiro, operariu > abrairo > obreiro. Segundo o autor, o ditongo *ai* deu regularmente *ei* em transposição antiga, mas em época mais recente a metátese não aconteceu, por exemplo: ravia > raiva, capiam > cabia > caiba, sapiam > sabia > saiba.
- d) a epêntese de uma vogal para desfazer o hiato: creu > creio, tea > teia, freo (arc.) > frenu > freo > freio.

Por fim, o ditongo *ão* resulta das formas do português arcaico *ão*, *am* e *om* correspondentes ao latim clássico *anu*, *ane*, *one*, *ine*, *unt*, *um*, *on*, *ent*, *adunt*: veranu > verão, paganu > pagão, manu > mão, pane > pão, ratione > razão, oratione > oração, servitudine > servidão, multitudine > multidão, sunt > são, intum > então, non > não, dant > dão, stant > estão, vadunt > vão, (Coutinho, 1976: 110).

A seguir, abordaremos o sistema consonantal do português e as principais mudanças ocorridas nas consoantes simples iniciais, mediais e finais; nos grupos consonantais de origem latina e por fim as consoantes geminadas no interior das palavras.

CAPÍTULO III

1. As consoantes do português na visão estruturalista de Câmara Jr.

Nosso objetivo neste capítulo é demonstrar como se estruturava o sistema consonântico no período arcaico do português, isto é, as consoantes simples em posições iniciais, mediais e finais e os grupos consonantais iniciais próprios e impróprios; os mediais próprios e impróprios de origem latina, as consoantes geminadas mediais e por fim as consoantes seguidas de semivogal e o molde silábico do português.. Para tal, nosso ponto de partida será o latim clássico que confrontaremos com o português do séc. XIX. Mas antes, vejamos as consoantes do português na abordagem feita por Câmara Jr. (1977; 1980).

1.1. O sistema consonantal

A consoante, na visão estruturalista de Câmara Jr. (1977 e 1980), é o elemento que se combina com a vogal silábica para formar a sílaba. Portanto, manifesta diferenças articulatórias de acordo com a posição que ocupa na palavra, isto é: pré – vocálica, intervocálica e pós – vocálica.

Nos termos de Câmara Jr. (op. cit), na posição pré – vocálica, ocorre uma fase inicial de desobstrução da passagem do ar. Na posição pós – vocálica, ao contrário, a articulação se concentra na fase de cerramento e o abrimento da boca que produziu a vogal silábica se reduz para criar o elemento consonantal de travamento da sílaba. Por outro lado, as intervocálicas apresentam um enfraquecimento articulatorio e o aparecimento de alofones diferenciando-se das pré – vocálicas e pós – vocálicas que são mais fortes.

Existem 19 tipos de consoantes com oposições significativas na posição intervocálica, divididas, conforme o autor, em labiais, anteriores e posteriores em grupos triangulares, como se vê em (1):

(1) consoantes intervocálicas:

| | | | | | | |
|-----|-----|------|------|-----|-------|------|
| /p/ | /b/ | /f/ | /v/ | /m/ | /r/ | |
| /t/ | /d/ | /s/ | /z/ | /n/ | /l/ | /r'/ |
| /k/ | /g/ | /s'/ | /z'/ | /ɲ/ | /l,/' | |

Vejamos um exemplo para cada série. Os exemplos são do próprio autor:

/p/ : /b/ : roupa : rouba

/t/ : /d/ : rota : roda

/k/ : /g/ : roca : roga

/f/ : /v/ : mofo : movo

/s/ : /z/ : assa : asa

/s'/ : /z'/ : acho > ajo

/m/ : /n/ : /ɲ/ : amo : ano : anho

/l/ : /l,/' : mala : malha

/r/ : /r'/ : erra : era

Hyman (1975: 26) observando a teoria das oposições distintivas do mestre de Praga, assevera:

Trubetzkoy (1939) attempted a comprehensive taxonomy of the phonetic properties of the distinctive contrasts employed by languages. He was interested not only in how /p/ differs from /b/, but also in what the nature of the contrast was within a given phonological system. Thus, in his *Principles of Phonology*, he classified distinctive oppositions on the basis of (1) their relationship to the intire system of oppositions, (2) the relationship between opposition members, and (3) the extent of their distinctive force.¹¹

Sabe-se que, no português, na posição pré – vocálica, faltam certas consoantes como o /r/ brando e /l/ e /n/ palatais por causa da neutralização das posições entre /r/

¹¹ Trubetzkoy (1939) tentou fazer uma taxonomia compreensiva das propriedades fonéticas dos diferentes contrastes usados pelos idiomas. Ele estava interessado não somente em como /p/ difere do /b/ mas também como a natureza do contraste estava dentro do sistema fonológico. Desse modo, em seu princípio da fonologia, ele classificou as oposições diferentes com base em (1) seu relacionamento ao sistema de posições, (2) o relacionamento entre os membros de oposições, e (3) a extensão das forças distintivas.

forte e /r/ brando, entre líquida dental e palatal e entre nasal dental e palatal (Monaretto, 2001: 196). Em posição inicial, é muito raro no português aparecerem a líquida /l/ e a nasal /ɲ/ palatal, só em empréstimos, como (lhama : lama, nhata: nata). Já as vibrantes somente se opõem em posição intervocálica (ferre: fere, erra : era).

Vale lembrar que em grupo consonantal pré – vocálico no português, como segunda consoante, só aparecem laterais e vibrantes anteriores criando, então, contrastes como bloco: broco, clave: crave. Logo, o quadro das consoantes nesta posição resume-se drasticamente como se vê abaixo no quadro (01):

Quadro 01:

| Consoantes pré - vocálicas |
|--|
| Em CV: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/, /f/, /s/, /s'/, /v/, /z/, /z'/, /n/, /m/, /r/, /l/. |
| Como segunda consoante em CCV: /l/ e /r/ apenas |

Finalmente, as consoantes em posição pós – vocálica resumem-se a quatro, a saber: a líquida não - palatalizada /l/ (mal, balde) como uma variante posterior por alofonia posicional velar ou vocalizada /w/; /r/ (mar, porta); a fricativa /s/ e a nasal /n/, (Monaretto, 2001: 196). Vejamos o quadro seguinte:

Quadro 02:

| Consoantes pós - vocálicas |
|----------------------------|
| /s/, /n/, /l/, /r/ |

Parece que existem muitas consoantes em posição pós – vocálica, como em *ritmo, apto, pacto*, etc, mas é uma ilusão, como diz Câmara Jr. “*O que ocorre aí é a inclusão de uma vogal que fonemicamente fixa o primeiro membro do grupo consonantal como consoante pré – vocálica, criando uma nova sílaba*”. (Monaretto, 2001: 197).

Vale salientar que autor como Lopes (1979 apud Monaretto, 2001) não concorda com a maneira como Câmara Jr. representa essas consoantes finais como arquifonemas¹² /r/, /l/, /n/ e /s/. Para a autora, os fonemas nessa posição são especificados como coronais, já que alternam com /r/, /l/, /n/ e /z/ em posição

¹² O termo arquifonema foi criado por Nikolai Trubetzkoy, fonólogo da escola de Praga (1890-1939), representado por um símbolo, geralmente uma letra maiúscula indicando a perda do contraste entre dois fonemas, causada por uma neutralização.

intervocálica: <mar> - <marear>, <anel> - <anelar>, <fim> - <finar>, <voz> - <vozear>.

Apresentadas as consoantes na visão estruturalista de Câmara Jr., passemos agora a estudar o sistema do latim clássico em confronto com o sistema atual.

2. As consoantes latinas e as portuguesas

Em “*O Português Arcaico: Fonologia*”, Silva (1996) nos apresenta a diferença do sistema consonantal latino em relação ao português, assim:

Quadro 03: Sistema Latino “Clássico”

| modo de articulação \ ponto de articulação | | labiais das simples gem. | | anteriores das simples gem. | | posteriores das simples gem. | |
|--|-----|--------------------------|------|-----------------------------|------|------------------------------|------|
| | | | | | | | |
| oclusivas | su. | p | -pp- | t | -tt- | k | -kk- |
| | so. | b | -bb- | d | -dd- | g | -gg- |
| constritivas | su. | f | -ff- | s | -ss- | - | - |
| | so. | - | - | - | - | - | - |
| nasais | | m | -mm- | n | -nn- | - | - |
| laterais | | - | - | l | -ll- | - | - |
| vibrantes | | - | - | r | -rr- | - | - |

(Silva 1996: 77)

Quadro 04:

Sistema português atual

| modo de articulação \ ponto de articulação | | labiais | anteriores | posteriores |
|--|-------|-----------|------------|-------------|
| | | oclusivas | su. p | t |
| | so. b | d | g | |
| constritivas | su. f | s | s' | |
| | so. v | z | z' | |
| nasais | | m | n | |
| laterais | | - | l | |
| vibrantes | | - | r | |
| | | | R | |

(Silva 1996: 77)

Castro (1990: 105) postula que o sistema consonântico latino era relativamente simples, comparado ao português. Como se vê acima, era composto de duas séries de oclusivas, uma sonora /b/, /d/, /g/ e uma surda /p/, /t/, /k/, duas fricativas /f/, /s/, duas nasais /m/, /n/, uma lateral /l/ e uma vibrante /r/. O autor representa, pois, o mesmo sistema consonantal numa matriz de traços articulatórios de natureza binária da seguinte forma:

| | / | p | t | k | b | d | g | f | s | m | n | l | r | / |
|--------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| consonântico | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| silábico | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| soante | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | |
| contínuo | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | + |
| vozeado | - | - | - | + | + | + | - | - | - | + | + | + | + | |
| estridente | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | |
| nasal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | |
| alto | - | - | + | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | |
| baixo | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| recuado | - | - | + | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | |
| arredondado | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| anterior | + | + | - | + | + | - | - | + | + | + | + | + | + | |
| coronal | - | + | - | - | + | - | - | + | - | - | + | + | + | |

Como sabemos, o /k/ na escrita latina era representado por <c> e a aspirada /h/, representada por /h/ desapareceu ainda na época clássica, isto é, tornando-se sem valor fonético no sistema. As velares /k/ e /g/ apareciam freqüentemente acompanhadas da semivogal /w/, representadas por <qu> e <gu>. Segundo Castro (op. cit.), as semivogais se transformaram em consoantes na evolução do latim vulgar, por exemplo:

/j> d ʒ > ʒ / : ianuarius > janeiro

/w > b > v / : vaca [‘waka] > vaga

Nunes (1975) e Coutinho (1976) assimilam alterações na passagem de algumas consoantes latinas para o português. Para o segundo autor, essas alterações que nelas se notam já tinham ocorrido no latim, ou decorrem da influência da analogia, ou por causa de algum fonema vizinho. Vejamo – las:

1º) **l > n e r**: libellu > level (arc.) > nível, lusciniolu > luscinia > rouxinol (prov.). Segundo Nunes (op.cit. 84 - 5) havia duas espécies de *l*, isto é, um palatal e outro velar. O primeiro ocorria no início de palavra ou dentro dela seguido de *i* ou de outro *l*. Já o segundo, verificava-se no fim de palavra.

2º) **v > b**: vessica > bexiga, vota > boda, vagina > baina e vice – versa: vene > bene, birtus > virtus.

3º) **v > g e f**: vulpecula > golpelha, vastare > gastar, veruclu > ferrolho.

4º) **n > m**: nasturtiu > mastruço.

5º) **c > g** ainda no latim vulgar: cattu > gato, cávea > gávea, colla > gola.

6º) **c > ch** em palavras provindas do francês: capellu > chapéu, capu > chefe, caminata > chaminé.

7º) **m > l** por dissimilação: memorare > nembrar (arc.) > lembrar. Os sinais gráficos atuais *j* e *v* já citados acima, representavam os sons consonânticos que em certos casos tomavam as vogais *i* e *u*. iustiça > justiça, Iesus > Jesus, iudicium > júízo.

Muitos estudiosos distinguem as consoantes simples dos grupos consonantais. Na preconização de Nunes, os grupos são latinos ou românicos, ou melhor, os primeiros vieram do latim e os segundos resultaram da síncope de uma vogal, por exemplo: oc(u)lo > oclo > olho, apic(u)la > apicla > abelha, sup(e)rare.

2.1. Consoantes iniciais simples

Segundo a posição, as consoantes simples podem estar no início, no meio ou no final de palavras. Como sabemos, as consoantes iniciais simples não sofreram modificações quando passaram do latim para o português como se vê nos exemplos adiante:

- 1°) **p**: pacare > pagar, pace > paz, pede > pé, pulica > pulga, putare > podar.
- 2°) **b**: baca > baga, baculu > bago, basiu > beijo, bene > bem, benedicere > benzer, bonu > bom.
- 3°) **t**: tabanu : tavão, tabula > tábua, tauru > touro, timore > temor, tegula > telha.
- 4°) **d**: dare > dar, debere > dever, decem > dez, diabulu > diabo, dulce > doce.
- 5°) **c (k)**: capillu > cabelo, colobra > cobra, cuniculu > coelho, corvu > corvo.
- 6°) **g**: gutta > gota, gothu > godo, gubernare > governar, gurdu > gordo.
- 7°) **f**: faba > fava, facere > fazer, facticiu > feitiço, fibella > fivela, fastidiu > fastio, filiu > filho.
- 8°) **v**: vacca > vaca, vacivu > vazio, valeo > valho, vanu > vão, velu > véu, vena > veia, venire > vir, veranu > verão. Segundo Nunes (1975), às vezes o *v* era representado por *b*, a razão disso está na confusão que se estabeleceu entre as duas consoantes ainda no latim vulgar: vagina > bainha, vipera > bibora > varrer, barrer e bassoirra (pop.).
- 9°) **s**: salute > saúde, sapere > saber, sardina > sardinha, secare > segar, sentire > sentir, sonare > soar.
- 10°) **c (s)**: caecu > cego, caelu > céu, civitate > cidade, cito, cedo.
- 11°) **g e j**: gelare > gear, geminu > gêmeo, generu > genro, jacere > jazer, jactare > jeitar, januariu > janeiro, jam > já, jocu > jogo.
- 12°) **r**: radiu > raio, radice > raiz, rivu > rio, ratione > razão, rota > roda.
- 13°) **l**: lacte > leite, lancea > lança, lectione > lição, legere > ler, littera > letra, libru > livro, lupu > lobo.
- 14°) **m**: macula > malha, magistru > mestre, malu > mau, matre > madre, > mãe, mensa > mesa, mentire > mentir, molere > moer.
- 15°) **n**: narice > nariz, natica > nádega, nebula > névoa, nive > neve, nidu > ninho, notula > nódoa.

2.2. Consoantes mediais simples

As consoantes internas simples sofreram algumas modificações ou quedas. Em outros termos, as oclusivas surdas quando intervocálicas passaram a sonoras e as sonoras geralmente caíram. É o que veremos a seguir:

1°) **p > b**: *ripa > riba, cupa > cuba, apicula > abelha, sapore > sabor, cepulla > cebola, superbia > soberba, sapone > sabão.*

2°) **b > v**: *nebula > névoa, caballu > cavalo, faba > fava, nubine > nuvem, habere > haver.* A troca do *b* em *v* só se consolidou no latim no séc. II (Coutinho, 1976).

3°) **c (antes de a,o,u) > g**: *secare > segar, pacare > pagar, ciconia > cegonha, dico > digo, focu > fogo, acutu > agudo, acucula > agulha.* O **c** se conservou apenas em palavras eruditas e depois de ditongo: *provocare > provocar, diaconu > diácono, paucu > pouco, raucu > rouco.*

4°) **c (antes de e,i) > z**: *acetu : azedo, facere > fazer, dicere > dizer, dominicella > donzela, placere > prazer, vicinu > vizinho, medicina > mezinha.* Para Coutinho (1976: 113), parece que essa evolução foi a seguinte: *ky > ty > ts > tz.*

5°) **d**: sofreu queda: *gradu > grau, nodu > noo > nó, nudu > nuu > nu, videre > veer > ver, pede > pee > pé, foedu > feio, sedere > ser, rodere > roer, medicina > mezinha.*

6°) **f > v**: *aurifice > ouvires, profectu > proveito, defensa > devesa.* Segundo Coutinho (1976), essa mudança do *f* para *v* parece datar da última fase do latim vulgar. O grupo consonantal *ph* do grego passou para *v* no latim nestas palavras: *stephanu > estêvão, christophanu > cristóvão.*

7°) **g (antes de a,o,u)** podia permanecer, vocalizar-se ou cair: *paganu > pagão, rogare > rogar, navigare > navegar, plaga > praia, sagu > saio, legale > leal, aligare > aliar, vagativu > vadio.*

8°) **g (antes de e,i)** adquiriu som fricativo, mantendo-se em algumas palavras ou caindo em outras: *mugire > mugir, rugire > rugir, ferrugine > ferrugem, regina > rainha, sigillu > selo, digitu > dedo, lege > lei, rege > rei.*

9°) **l > cai**: *colore > cor, angelu > anjo, palu > pau, salute > saúde, voluntate > vontade, populu > povo.* Coutinho observa que em palavras como *calice > cálice, salariu > salário, calore > calor,* a permanência do **l** intervocálico explica-se por terem sido reconstruídas conforme os modelos latinos ou sofrido influência analógica ou ainda

procederem de outra língua. Para Coutinho (1976), não raro acontece a transposição do *l* em português: *oblitare* > *olvidar*, *sibilare* > *silvar*, *anhelitu* > *alento*, *merulu* > *melro*.

10°) **m** > **m**: *amare* > *amar*, *homine* > *homem*, *clamare* > *chamar*, *amicu* > *amigo*, *acume* > *gume*.

11°) **n**: esta consoante nasaliza a vogal com que está em contato. Na maioria dos casos essa nasalização depois desaparece: *luna* > *lua*, *ponere* > *põer* > *por*, *tenere* > *têr* > *ter*, *arena* > *arêa* > *areia*, *moneta* > *moeda* > *moeda*, *corona* > *corõa* > *coroa*, *avena* > *avêa* > *avea* > *aveia*, *bona* > *bõa* > *boa*. Nos termos de Coutinho (op. cit.), essa nasalização deve ter acontecido por volta do séc. XI ou talvez antes. Contudo, conforme o autor, ela continua: **a**) quando a tônica é a penúltima vogal da palavra e igual à última com a qual se funde: *mattiana* > *maçãa* > *maçã*, *lana* > *lãa* > *lã*, *donu* > *dõo* > *dom*, *anu* > *ũu* > *um*, *jejunu* > *jejũu* > *jejum*, *germana* > *irmã*; **b**) quando a tônica penúltima é *a* e a última *u*: *veranu* > *verão*, *seranu* > *serão*, *romanu* > *romão*, *canu* > *cão*, *granu* > *grão*, *planu* > *chão*; **c**) quando a última é *e* e a tônica outra vogal diferente caindo aquela no singular dos nomes: *cane* > *cam* (arc.) > *cães*, *pane* > *pam* (arc.) > *pão*, *devotione* > *devoçom* > *latrone* > *ladrom*; **d**) quando a tônica é *i* e a nasalização é representada por *nh* para evitar o hiato dando *inho*, *inha*: *vinu* > *vinho*, *regina* > *rainha*, *molinu* > *moinho*, *cocina* > *coquina* > *cozinha*, *festinu* > *festinho* (arc.), *manninu* > *maninho*, *sobrinu* > *sobrinho*, *gallina* > *galinha*, *pinu* > *pinho*. Como assinala o autor, o *n* ainda se explica: **a**) pela reconstituição da palavra conforme o modelo latino: *menos* > *meos* (arc.), *feno* > *feo* (arc.), *pena* > *pea* (arc.); **b**) quando sofre influência literária: *diácono* (arc. *diago*), *cônego* (arc. *cooigo*); **c**) por introdução da língua culta: *fortuna*, *ameno*, *sereno*. Em palavras como *anima* > *alma*, *astronomia* > *astrolomia*, houve dissimilação.

12°) **r** > **r**: *aranea* > *aranha*, *arena* > *areia*, *corona* > *coroa*, *amore* > *amor*, *charitate* > *caridade*.

13°) **s** > **z**: *causa* > *cousa*, *pausare* > *pousar*, *accusare* > *acusar*, *thesauru* > *tesouro*, *ausare* > *ousar*. Como vimos antes, o ditongo latino *au* deu *ou* em português. Segundo Coutinho, a sonorização do *-s-* se deu em algumas regiões da península provavelmente no final do latim vulgar.

14°) **t** > **d**: *solitate* > *soidade* > *saudade*, *totu* > *todo*, *fatu*, *fado*, *minutu* > *miúdo*, *maritu* > *marido*, *cogitare* > *cuidar*, *acutu* > *agudo*. O *th* de origem grega teve a mesma sorte: *spatha* > *espada*, *apotheca* > *bodega*.

2.3. Consoantes finais simples

As consoantes finais simples em português surgiram devido à queda de algum fonema final. Nas palavras latinas, todas as consoantes podiam figurar no final com exceção de *f, g, h, p e q*. Nos termos de Coutinho, o *m* final era pronunciado tão fraco que acabou desaparecendo no latim vulgar. Vejamos as consoantes finais latinas que permaneceram em português:

1º) As nasais **m** e **n** nas palavras monossilábicas: *cum* > *com*, *in* > *em*, *quem* > *quem*, *sum* > *som* (arc.).

2º) O **s** permaneceu: **a)** no plural dos nomes. *arbores* > *árvores*, *corvus* > *corvos*, *aves* > *aves*; **b)** nos advérbios: *magis* > *mais*, *minus* > *menos*; **c)** nas desinências dos verbos: *amas* > *amas*, *debemus* > *devemos*, *auditis* > *ouvis*; **d)** em alguns nomes próprios de origem eclesiástica: *Dominicus* > *Domingos*, *Marcus* > *Marcos*, *Mathias* > *Matias*, *Pilatus* > *Pilatos*, *Lucas* > *Lucas*.

3º) O **r** que se deslocou por metátese para junto da consoante anterior: *semper* > *sempre*, *super* > *sobre*.

As consoantes *l, s, r* se tornaram finais por causa da síncope do **e** final: *fidele* > *fiel*, *legale* > *legal*, *mare* > *mar*, *debere* > *dever*, *mense* > *mês*. O mesmo ocorreu com o **z** decorrente do **c** intervocálico: *luce* > *luze* > *luz*, *radice* > *raize* > *raiz*, *voce* > *voze* > *voz*.

O quadro abaixo mostra de forma resumida o estudo das consoantes simples:

Quadro 05:

| CONSOANTES SIMPLES | | |
|--------------------|------------------------------|--|
| POSIÇÃO | TRANSFORMAÇÃO | |
| iniciais | permanecem | |
| mediais | sonorizam caem (em geral) | quando surdas (intervocálicas) quando sonoras |
| finais | caem permanecem | caindo a vogal final |

(Souza 1990: 41)

3. Grupos consonantais

Feito o estudo da evolução das consoantes simples, nosso próximo passo será estudar os grupos consonantais. Como se sabe, dá-se o nome de grupo consonantal a reunião de duas ou mais consoantes no vocábulo. Segundo Coutinho (1976: 118), esses grupos classificam-se: **a)** quanto à formação, podem ser próprios ou impróprios. Os próprios são constituídos pela combinação das oclusivas ou da fricativa labial surda com qualquer das líquidas: *pr, br, tr, dr, cr, gr, fr, pl, bl, cl, gl e fl* e os impróprios, os que não estão nesse caso: *sc, sm, sp, st, pt, lt e gn*; **b)** quanto à posição, aparecem no início ou no meio dos vocábulos; **c)** quanto à procedência, eles podem ser divididos em latinos e românicos. Os latinos têm procedência do latim e os românicos, por sua vez, aparecem posteriormente no romance pela queda de vogais interiores: *lab(o)rare > lavar, lib(e)are > livrar, sulf(u)re > enxofre.*

3.1. Grupos iniciais próprios

Para as consoantes agrupadas, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 06:

| CONSOANTES AGRUPADAS | | | |
|----------------------|------------|----------------------------------|--|
| POSIÇÃO | FORMAÇÃO | MUDANÇA | CONDIÇÃO |
| iniciais | CONS. (+R) | mantêm-se | vocábulos antigos de introdução posterior |
| | CONS. (+L) | -> CH..... -> CONS. (+R)..... | |
| mediais | CONS. (+R) | mantêm-se | precedido de cons. |
| | CONS. (+L) | -> CH..... -> LH..... | precedido de cons. precedido de vogal |

(Souza 1990: 43)

De acordo com Coutinho (1976), os grupos consonantais iniciais seguidos de *r* conservaram-se em português, mas os seguidos de *l* modificaram-se. Vejamo-los:

1º) **br > br:** *braciu > brachiu > braço, breve > breve, brascas > bragas.* O grupo *bl* quando inicial passa a *br*: *blandum > brando, blitum > bredo, blasphemare >*

brasfemar. O mesmo acontece em posição medial: *nobilem* > nobre, *duplum* > dobro, *copla* > cobra. O grupo *bl* ainda por meio de sínopes ou de assimilações passou a *ll* e depois a *l*: *fabulare* > *fablar* > *fallar* > *falar*, *sub+illum* > *subillu* > *sollo* > *solo*.

2°) **dr** > **dr**: *dracone* > dragão.

3°) **fr** > **fr**: *frenu* > freio, *fratrem* > frade, *fructu* > fruto, *frigidu* > frio, *fractione* > fração.

4°) **gr** > **gr**: *granu* > grão, *gratum* > grado, *gradu* > grau, *grossu* > grosso, *grundire* > grunhir.

5°) **pr** > **pr**: *pratum* > prado, *pretium* > preço, *probare* > provar, *praecone* > pregão, *praepicare* > pregar.

6°) **tr** > **tr**: *trabem* > trave, *tractare* > tratar, *tribulu* > trilho, *truncu* > tronco.

7°) **cr** > **cr**: *crispu* > crespo, *creare* > criar, *cruce* > cruz, *crudele* > cruel, *credere* > crer. O grupo *cr* inicial pode dá ainda *gr*: *crate* > grade, *crassia* > graixa > graxa, *creta* > greda.

Os grupos consonantais iniciais próprios *cl*, *fl*, *pl* quando iniciais palatizaram-se em *ch*: *clamare* > chamar, *clavem* > chave, *clavic(u)la* > chavelha, *clupea* > choupa; *flammam* > chama, *flagare* > cheirar, *pleno* > cheio, *plano* > chão, *plorare* > chorar, *pluvia* > chuva, *plattu* > chato. Em palavras de uso mais literário o *l* passou a *r*: *clamare* > cramar, *clavo* > cravo, (Bueno, 1955). Coutinho (1976) lembra que esses mesmos grupos modificaram-se respectivamente em *cr*, *fr*, *pr* posteriormente: *clavo* > cravo, *claustra* > crasta, *flaccu* > fraco, *floccu* > froco, *fluxo* > frouxo, *flauta* > frauta (arc.), *plica* > prega, *plaga* > praia, *placere* > prazer.

8°) **gl** > **gr**: *glute* > grude, *gloria* > grória (arc.), *globulum* > grobo, *glandula* > grandola.

Nos termos de Bueno (op. cit) os grupos *br*, *cr*, *dr*, *fr*, *gr*, *pr* e *tr* vistos acima, quando iniciais, mantiveram-se em português.

3.2. Grupos iniciais impróprios

Os grupos consonantais impróprios *sc*, *sm*, *sp*, *st* quando apareciam no início de palavras recebiam um *e*: *scalata* > *scala* > escada, *scutella* > escudela, *scutu* > escudo,

scorpione > escorpião, smaragda > smaragdu > esmeralda, spatha > espada, speculu > espelho, sponsa > esposa, spatium > espaço, stare > estar, stagnu > estanho, sterco > esterco, strictu > estreito.

Vejamos um quadro sinóptico dos grupos iniciais latinos:

Quadro 07:

| Grupos iniciais | |
|---|---|
| 1º) Gupos próprios: <i>pr, br, tr, dr, cr, gr, fr</i> (passam inalterados para português) | Ex: pratu > prado, praecone > pregão, brachiu > braço, trabe > trave, dracone > dragão, cruce > cruz, fronte > fronte, graciullu > galho, prato > prado. |
| 2º) Gupos próprios: <i>cl, fl, pl, gl, bl</i> . (transformaram-se em <i>ch</i> e posteriormente em <i>cr, fr, pr, gr e br</i>) | Ex: clupea > choupa, clave > chave, flamma > chama, pleno > cheiro, floco > froco, platia > praça, glute > grude, blitu > breto |
| Grupos impróprios: <i>sc, sm, sp, st</i> (recebem um <i>e</i> no início das palavras) | Ex: scutu > escudo, scamnu > escano, stella > estrela, spatium > espaço, smaragdu > esmeralda. |

4. Grupos mediais (consoantes geminadas)

As consoantes internas duplas na sua passagem para o português reduziram-se a simples, com exceção dos grupos formados por *r* ou *s*, isto é, continuam já que têm valor diferente. Sendo assim:

1º) **bb > b**: abbate > abade, sabbatu > sábado.

2º) **cc > c**: vacca > vaca, succutere > sacudir, siccu > seco, bucca > boca, peccatu > pecado.

3º) **dd > d**: adducere > aduzer (arc.), additione > adição.

4º) **ff > f**: sufferre > sofrer, offendere > ofender, offerescere > offere > oferecer.

5º) **gg > g**: aggredire > agredi > agredir, aggravare > agravar.

6º) **ll > l**: capillu > cabelo, caepulla > cebola, caballu > cavalo, valle > vale.

7°) **mm > m:** summa > soma, gemma > gema, flamma > chama.

8°) **nn > n:** pannu > pano, annu > ano, evannare > abanar.

9°) **pp > p:** stuppa > estopa, puppe > popa, cippu > cepo.

10°) **tt > t:** sagitta > seta, cattu > gato, gutta > gota.

Segundo Gonçalves (1992: 85), para essas consoantes dobradas mediais, Madureira Feijó se utiliza do critério da analogia com o latim e explica as razões de tais duplicações nos seguintes termos: “*Há humas palavras, que dobrão letra por causa da sua composição (...). E há outras que dobrão de sua natureza (...)*”. Enfim, ele mesmo acaba dobrando grande parte dessas consoantes e dá uma ampla lista de exemplos, vejamos alguns: abbreviado, sabbado, dictionario, additamento, offerta, agravar, annular, suppor, philippe, illicito, atenção, immenso, (Kemmler, 1996). Por outro lado, em Gonçalves (1992: 86) lemos as formas latinas correspondentes para algumas palavras: affectar (do lat. affectare), suggestão (do lat. suggestione), colleção (do lat. collectione), abbreviar (do lat. abbreviare), allegar (do lat. allegare). Feijó introduziu ainda (ll) na preposição per + lo (artigo) escrevendo pello para diferenciar de pêlo (subst.).

Em *Gramática da Língua Portuguesa* Vazquez Cuesta (1971) diz que no português arcaico a geminação dessas consoantes era às vezes etimológica (cavallo < lat. caballum, hoje cavalo), mas em outra era arbitrária (pallavra < lat. parabolam, hoje palavra). Conforme o autor, no período etimológico houve uma adaptação das ortografias grega e latina em detrimento à fonética, como se pode observar nas palavras (escripto por escrito, feicto por feito, reigno por reino).

Vazquez Cuesta nos lembra que no período fonético os escrivães tiveram o desejo de representar foneticamente os sons das palavras. Contudo, como muitos deles não existiam no latim, os escritores ora adotavam velhas grafias, ora inventavam outras que, por certo, variavam segundo o critério de cada pessoa, (Silva, 1996). Isso explica no português arcaico a falta de unidade na grafia. Os sons apareciam de forma muito variada, isto é, muitas vezes uma mesma grafia era atribuída a sons diferentes. Nesse período eram freqüentes: **a)** as confusões entre *qu* e *c* (cinquo por cinco); *gu* e *g* (amigua por amiga, algem por alguém); entre *i* e *y* (muyto por muito) e entre *u* e *v* (liuro por livro); **b)** a geminação de duas vogais iguais devido à queda da consoante intervocálica (cree < lat. credit, hoje crê; poboo < lat. populum, hoje povo); **c)** uso

freqüente de duas vogais como meio de indicar a quantidade (longa) das vogais nasais (seentir < lat. sentire, hoje sentir, lioões < lat. leones, hoje leões).

Os grupos *rr* e *ss* continuaram no português: *currere* > *correr*, *ferru* > *ferro*, *turre* > *torre*, *ossu* > *osso*, *possum* > *posso*, *tusse* > *tosse*, *possidere* > *possuir*.

5. Grupos mediais próprios

Os grupos consonantais próprios de origem latina ou românica *cl*, *fl*, *pl* precedidos de consoantes em português, palatizaram-se em *ch*, mas os grupos *cl*, *fl*, *pl*, *bl* e *gl* precedidos de vogal mudaram para *lh*. Nos termos de Nunes (1975 e Coutinho 1976) esses grupos posteriormente se transformaram respectivamente em *cr*, *gr*, *fr*, *br* ou *pr*, *br*, ou *vr*, *gr*. O grupo *tl* passou a *cl* no próprio latim. Dessa forma:

1°) **cl** > **ch**, ou **lh**, **gr** ou **cr**: *manc(u)la* > *macula* > *mancha*, *masc(u)la* > *macho*, *marc(u)latu* > *machado*, *trunc(u)lu* > *troncho*, *oc(u)lu* > *olho*, *peduc(u)lu* > *pedic(u)lu* > *piolho*, *ovic(u)la* > *ovelha*, *oric(u)la* > *aurícula* > *orelha*, *apic(u)la* > *abelha*, *eclésia* > *igreja*, *joc(u)lare* > *jogar* > *jogral*, *concludere* > *concluir* (arc.).

Silva (1996: 86) afirma que o grupo *cl* pode ser situado entre os séculos V e VIII, ou melhor, entre a queda do Império Romano e o surgimento das variantes românicas decorrentes da perda da vogal átona não-acentuada resultando na palatal /l,/: *oculu* > *oc'lu* > *o/l,o*, *apicula* > *apic'la* > *abe/l,a*, *scopulu* > *scop'lu* > *esco/l,o*.

Por outro lado, a autora situa as palatizações das seqüências latinas /cl/ posteriores ao século VIII que resultou na africada, depois constrictiva /ts/ > /s/: *implere* > *encher*, *plaga* > *chaga*, *clamare* > *chamar*, *flamma* > *chama*, *afflare* > *achar*. Mas, às vezes, essas seqüências não apresentam como resultado a palatalização e sim a mudança da lateral pala vibrante: *place* > *prazer*, *clavo* > *cravo*, *flaccu* > *fraco*.

Como se pode ver, para esse novo fonema /ts/ > /s/ foi utilizado um grafema não existente na escrita latina, <ch>, e para as palatalizações do /ni/ e /li/, <nh> e <lh> respectivamente, já que o latim não tinha palatais, por exemplo: *filium* > *filho*, *gallina* > *galia* > *galinha*, *alliu* > *alho*, *juniu* > *junho*. Em suma, temos:

Quadro 08:

| |
|---------------|
| /ts/ > s > ch |
| ly > lh |
| ny > nh |

2° **fl** > **ch** ou **fr**: *inflare* > *inchar*, *afflare* > *achar*, *affligere* > *afrigir* (arc.).

3° **pl** > **ch**, **lh**, **pr** ou **br**: *implere* > *encher*, *amplu* > *ancho* (arc.) *scop(u)lu* > *escolho*, *manup(u)lu* > *manipulus* > *molho*, *spec(u)lu* > *espelho*, *implicare* > *empregar*, *implicita* > *implicita* > *empreita*, *duplare* > *dobrar*, *duplu* > *dobro*.

4° **bl** > **lh**, **br** ou **vr**: *trib(u)lu* > *trilho*, *trib(u)lare* > *trilhar*, *obligare* > *obrigar*, *parab(o)la* > *paravra* > *palavra*, *vocab(u)lu* > *vocabro* (arc.)

5° **gl** > **lh** ou **gr**: *coag(u)lu* > *coalho*, *teg(u)la* > *telha*, *reg(u)la* > *regra*, *negligentia* > *negrigencia* (arc.)

6° **tl** > **cl** > **ch** ou **cl** > **lh**: *ast(u)la* > *ascla* > *acha*, *vet(u)lu* > *veclu* > *velho*, *rot(u)la* > *rocla* > *rolha*.

Além desses grupos vistos acima, ainda há outros, tais como: *br*, *cr*, *dr*, *fr*, *gr*, *pr* e *tr* que quando aparecem precedidos de consoantes, conservam-se no português. Por outro lado, eles podem modificar-se em *vr*, *gr* ou *br*, *dr* quando precedidos de uma vogal, exceto os grupos *dr* e *gr*:

1° **br** > **br** ou **vr**: *septembre* > *setembro*, *novembre* > *novembro*, *membu* > *membro*, *sub + (il)la + umbra* > *sombra*, *libro* > *livro*, *lab(o)rare* > *lavar*.

2° **cr** > **cr** ou **gr**: *prescriptu* > *praescripto* > *prescrito*, *scribere* > *escrever*, *lacrima* > *lágrima*, *macru* > *magro*, *socru* > *sogro*, *vinuacre* > *vinagre*, *sacratu* > *sagrado*, *sacrare* > *sagrar*.

3° **dr** > **dr**: *lorandru* > *loendro*. Às vezes há uma vocalização do d: *cat(h)edra* > *cadeira* ou assimilação: *adretrade* > *arredar*.

4° **fr** > **fr**, **br** ou **vr**: *exfricare* > *esfregar*, *sulf(u)re* > *enxofre*, *afrcu* > *abrego* ou *avrego* (arc.), *bif(e)ra* > *bevra*.

5° **gr** > **gr**: *nigru* > *negro*. Neste grupo, o g pode ainda sofrer vocalização: *integrare* > *inteirar*, *flagrare* > *fragrare* > *cheirar*. Nos termos de Nunes (1975: 119) a conservação do g no grupo intervocálico *gr*, deve ter acontecido posterior à sua vocalização como se vê em *airo* e *agro*, *nero* e *negro*.

6º) **pr** > **pr** ou **br**: comp(e)rare > comparare > comprar, scalpru > escopro, approbare > aprovar, dispreiare > desprezar, apprendere > apprehendere > aprender, apprimere > apremar, capra > cabra, aprile > abril, op(e)ra > obra, lep(o)re > lebre.

7º) **tr** > **tr** ou **dr**: monstrate > mostrar, ostrea > ostra, lit(e)ra > letra, quattro > quatro, latrone > ladrão, vitriu > vidro, petra > pedra, Petru > Pedro.

Como explica Coutinho (op. cit.) nas palavras *patre* > *pai*, *matre* > *mãe*, houve síncope do *tr*. Segundo o autor, isso é dificilmente explicável além de muitos atribuírem a queda do *r* no grupo *tr* por causa da pronúncia infantil: *pade*, *made*, mas para o autor, *pade*, *made* são formas do latim vulgar.

6. Grupos mediais impróprios

Nos grupos consonantais impróprios latinos ou românicos *ct*, *lt*, *pt*, *bs*, *gn*, *gm*, *gd*, *lc* e *lp* precedidos de vogal, geralmente vocaliza-se a primeira consoante.

Segundo Nunes (1975: 124) nestes grupos convém observar a primeira das consoantes que o compõem conforme ela seja oclusiva ou fricativa. Se a consoante inicial é oclusiva, esta geralmente se altera ao passo que a segunda persiste. Logo, as alterações por que a primeira consoante pode passar são de três espécies: **a**) vocalização: *actu* > *eito*, *octubre* > *oitubro* > *outubro*, *delictu* > *deleito* (arc.), *fructu* > *fruito* (arc.); **b**) assimilação à consoante imediata que se dá com a labial *p*: *septe* > *sete*, *exemptu* > *isento*, *septembre* > *setembro*, *ipse* > *esse*; **c**) queda das consoantes *b* e *d* principalmente quando terminam um prefixo: *abscondere* > *asconder* (arc.) > *esconder*, *substare* > *sustar*, *subterrare* > *soterrar*, *advocatu* > *avogado* (arc.), *adversariu* > *aversaio*.

Nos grupos em que a primeira consoante é constrictiva, ela se mantém em geral quando a segunda é oclusiva, exceto o *b* que depois de vibrante ou lateral passa a *v*: *vispa* > *vespa*, *suspiriu* > *suspiro*, *crispu* > *crespo*, *gusto* > *gosto*, *masticare* > *mastigar*, *fastidiu* > *fastio*, *turpe* > *torpe*, *corpu* > *corpo*, *curtare* > *cortar*, *ordine* > *ordem*, *mortalia* > *mortualia* > *mortalha*, *surdu* > *surdo*, *arbore* > *árvore*, *arboretu* > *arvoredo*, *carbone* > *carvão*, *turbare* > *turvar*, etc.

1° **ct > ut ou it**: doctu > douto, lacte > leite, lectu > leito, biscoctu > biscoito, directu > direito, lectore > leitor, secta > seita. Em mactare > matar, tractare > tratar houve assimilação do *c* ao *t*.

2° **lt > ut ou it**: alt(e)ru > outro, altariu > outeiro, multu > muito, cultelu > cuitelo (arc.) > cutelo.

3° **pt > it ou ut**: preceptu > preceito, conceptu > conceito, conceptione > conceição, baptizare > bautizar (arc.). Pode ocorrer ainda assimilação do *p* ou *t*: aptare > atar, scriptu > escrito, nepta > neta, septem > sete.

4° **bs > us**: absentia > ausência, abscondere > asconder (arc.) > esconder, substare > sustar, substantia > substância.

5° **lc > uc**: falce > fouce, dulce > doce, calce > couce.

6° **lp > up**: palpare > poupar, talparia > talpa > toupeira.

7° **gn > in ou nh**: regnu > reino, regnare > reinar, pugnu > punho, lignu > lenho, cognatu > cunhado, tammagnu > tamanho.

8° **gm > im**: flegma > phlegma > freima (arc.), pigmenta > pimenta, houve a vocalização da gutural *g*.

9° **gd > ud**: magdalena > maudalena (arc.), smaragda > esmerauda (arc.) > esmeralda.

10° **ps > ss**: com assimilação da primeira consoante: gypsu > gesso, ipse > esse.

11° **rs > ss**: adversu > avesso, versu > vesso (arc.), persicu > pêssego, ursu > usso (arc.), persona > pessoa.

12° **dv > v**: adversu > avesso, advento > avento (arc.)

13° **mn > n**: autumnu > outono, dom(i)nu > dono, somnu > sono, somniu > sonho, somniare > sonhar.

14° **sc** com assimilação da consoante seguinte: patescere > padecer, gratescere > agradecer (arc.) > agradecer, cognocere > conhecer, merescere > merecer.

15° **mt > nd**: com(i)le > conde, sem(i)ta > senda.

16° **ns > s**: mensa > mesa, esponsa > esposa, defensa > defesa, pensare > pesar.

17° **ml > mbr**: sim(u)lante > sembrante, tum(u)lu > tombro (arc.) com(u)lu > combro (arc.).

18° **mr > mbr**: um(e)ro > ombro, num(e)ro > nombro (arc.), cam(e)ra > cambra (pop.).

19° **nd > ndr**: ad + cin(e)rare > acendrar, ingen(e)rare > engendrar.

20° **nf > f**: inferno > iferno (arc), infante > ifante (arc.).

21°) **nl > ll > l**: lun(u)la > lulla > lula, coron(u)la > corolla > corola, mol(i)nariu > mollairo > moleiro.

22°) **ld > ld e rd**: cal(i)du > caldo, cal(i)daria > caldeira, pal(i)du > pardo.

23°) **x (cs) > ss, s ou ix**: sexaginta > sessenta, excusare > escusar, expaventare > espantar, mataxa > madeira, saxu > seixo.

Vejamos abaixo o resumo desses grupos mediais latinos:

Quadro 09:

| Grupos mediais | |
|--|--|
| 1°) Grupos próprios: <i>cl, fl, pl, bl e gl</i> . Os três primeiros precedidos de consoante dão <i>ch</i> e todos precedidos de vogal dão <i>lh</i> . Posteriormente transformaram-se em <i>cr, gr, fr, br, pr, vr, gr, tl</i> . | Ex: masc(u)lo > macho, spec(u)lu > espelho, grac(u)lu > gralho, implere > encher, scop(u)lu > escolho, trib(u)lu > trilho, coag(u)lu > coalho, affligere > afrigir, duplare > dobrar, reg(u)la > regra, nob(i)le > nobre, etc. |
| 2°) Grupos Próprios: <i>br, cr, dr, fr, gr, pr e tr</i> (precedidos de consoante ficam inalterados, mas todos, exceto <i>dr e gr</i> precedidos de vogal modificaram-se em <i>vr, gr, br, dr</i>). | Ex: membru > membro, proscriptu > proscrito, exfricare > esfregar, libru > livro, scalpru > escopro, sup(e)rare > sobrar, intrare > entrar, putre > podre, escribere > escrever, etc. |
| 1°) Grupos Impróprios: <i>ct, lt, pt, gd, gm, gn, bs, lc e lp</i> (precedidos de vogal, dá-se a vocalização da primeira consoante geralmente). | Ex: actu > auto, alt(e)ru > outro, absentia > ausência, palpare > poupar, ruptu > roto, regnu > reino, conceptu > conceito, calce > couce, pugnu > punho, signu > sino, etc. |
| Com estes grupos impróprios: <i>ps, rs, dv, mn, ns, mt, sc, ml, bt, rb, mr, nr, nf, nl, ld, x(cs)</i> . (dá-se a assimilação da primeira consoante à segunda). | Ex: gypsu > gesso, persona > pessoa, adversu > avesso, com(i)te > conde, pisce > peixe, mensa > mesa, subterrare > soterrar, coron(u)la > corolla > corola, um(e)ro > ombro, hon(o)rare > ondrar (arc.), sexaginta > sessenta etc. |

7. Grupos de três consoantes

Nunes (1975) classifica os grupos de três consoantes em latinos e românicos. Nos latinos, todas as consoantes persistem quando próprios, isto é, os constituídos pelas duas últimas, por exemplo: comp(e)rare > comparare > comprar, approbare > aprovar, dispreiare > desprezar, apprendere > apprehendere > aprender, su(bil)la umbra > soombra > sombra, ostrea > ostra, suff(e)rere > sufferre > sofrer, etc. Nos impróprios, cai geralmente a consoante intermédia, por exemplo: ulctus > ultus, torctus > tortus, torqmentum > tormentum, cinctu > cinto, sanctu > santo, pinctare > pintar, punctu > ponto, etc.

Nos grupos românicos, a segunda das consoantes também se mantém nos grupos próprios. Nos outros, ou assimila-se à imediata ou cai o que acontece ao *d* ou ao *t* antes de *c* e *m*, por exemplo: pull(e)tru > poldro, episc(o)pu > bispo, promptu > pronto, comp(u)tu > conto, comp(u)tare > contar, campsare > cansar, und(e)ce > undecim > onze, quind(e)ce > quindecim > quinze, vind(i)care > vingar, mast(i)care > masar. O grupo *rps* deu *ss* em português: excarpsu > escasso e o grupo *ngl* passou para *nlh* ou *nh* em português, por exemplo: sing(u)lariu > senheiro (arc.), singulos > senlhos(arc.), ung(u)la > unlha > unha.

Por fim, veremos as consoantes seguidas das semivogais *i* e *u* já que merecem tratamento à parte pelas transformações que apresentam. No latim vulgar ainda no séc. I, o *e* em hiato passou a *i* ficando, portanto, o grupo em que aparecia sujeito às mesmas alterações que aqueles.

8. Grupos de consoante e semivogal

8.1. Consoantes seguidas da semivogal -i-

Segundo Nunes (1975: 142), nestes grupos a consoante ora se palatiza, ou assibila fundindo-se os dois elementos num único som, ora a consoante não se altera e a semivogal muda de lugar. Dessarte:

1º **si** > **ij**: basiu > beijo, caseu > queijo, ecclesia > igreja (arc) > igreja, phasiano > feijão (arc.) > faisão, visione > vijon (arc.).

2º **ssi** > **ix**: basseu > baixo, passione > paixão.

3°) **di + vogal > j**: fodiu > fojo, hodie > hoje, invidia > inveja, vídeo > vejo. Em palavras semicultas cai o *d* e precedido de consoante ou ditongo, dá ç: fastidiu > fastio, mediu > meio, radiu > raio, Frondea > França, vercundia > vergonha (arc.), perdeu > perço (arc.) áudio > ouço, adiutare > ajudar, etc.

4°) **li e ni** transformam-se respectivamente em *lh* e *nh*: filiu > filho, muliere > mulher, alienu > alheio, palea > palha, excolligere > escolher, virilia > virilha, alliu > alho, malleu > malho, consiliu > conselho, aranea > aranha, baneu > balneum > > banho, teneo > tenho, poneo > ponho, linea > linha, pinea > pinha, seniore > senhor, montanea > montanha, juniu > junho, etc.

5°) **ci ou ti dão ora z, ora c e ch, quando o ti está precedido de s**: judiciu > juízo, cinicia > ciiza > cinza, ratione > razão, vitiare > vezar, pretiare > prezar, avistrutio > avestruz, tristitia > > tristeza, facie > face, minacia > ameaça, lancea > lança, palatiu > paço, cupiditia > cobiça, acutiare > aguçar, comestione > comichão, bestia > bicha, capitia > cabeça, avaritia > avareza, oratione > oração, etc.

6°) **mni > nh**: somniu > sonho.

7°) **gi > j**: fugio > fujo, spongia > esponla, corrigeo > corrigo > correjo (arc.).

Nos grupos seguintes, a consoante não se altera, apenas a semivogal se deixa atrair pela tônica com a qual forma ditongo, exceto se é idêntica a ela fundem-se num único som.

8°) **pi, bi, vi, ri e mi**: apiu > aipo, mancipiu > mancebo, rabia > raiva, rubeo > ruivo, nubiu > noivo, pluvia > chuiva (arc.), coriu > coiro, vicariu > vigairo (arc.), matéria > madeira, monasteriu > moasteiro > moesteiro (arc.) > mosteiro, aguriu > agoiro, operariu > obreiro, etc. Em caveolha > gaiola houve a queda do *v*.

8.2. Consoantes seguidas da semivogal -u-

Nestes grupos a semivogal pode ser atraída para a vogal tônica anterior e com ela formar um ditongo ou cair absorvida pela vogal seguinte, por exemplo: capui > coube, sapui > soube, aqua > auga (arc.) > água, equa > euga > égua, aequale > iugal (arc.) > igual, consuere > coser, duodecim > dodece > doze, januella > janela, mortualia

> mortalha, nunquam > nunca, quaternu > caderno, aquila > águia, al(i)quem > alguém, nequa > nega (arc.), nunqua > nunca, battuere > bater, manuaría > maneira.

Nunes (1975) assinala que em muitos casos, a queda da semivogal se deu já no latim vulgar pela tendência que ele tinha a fazer o hiato desaparecer nas palavras: battuere > bater, consuere > coser, conspuere > escupir (arc.) > cuspir, february > fevereiro.

O *u* ainda cai nestas palavras precedido de consoante e seguido de *u* átono: antiquus > anticus, > coquus > cocus, equus > ecus. Segundo Coutinho (1976: 130) isso se deu no latim vulgar por volta do séc. I.

Terminado o estudo das consoantes, veremos agora como se constitui a sílaba em português.

9. A sílaba em português

Para Câmara Jr. (1980), do ponto de vista fonético, tem sido um árduo problema definir a sílaba. Primeiro porque tem se partido do efeito auditivo (sílaba sonora), da força expiratória (sílaba dinâmica) e ainda do encadeamento articulatorio na produção contínua dos sons vocais (sílaba articulatória). Além de todos esses pontos de vista, o autor ressalta um movimento crescente culminando num ápice (o centro da sílaba) e seguido de um movimento decrescente. Por isso a vogal funciona em todas as línguas como o centro da sílaba por ser “*o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular*”.¹³

De acordo com o mestre, a estrutura da sílaba depende desse centro e do possível aparecimento da fase crescente ou decrescente, ou de uma e outra em torno dele, isto é, nas suas margens chamada simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal. Logo temos os tipos silábicos: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa crescente), VC (sílaba complexa crescente-decrescente). Conforme a ausência ou a presença de V e CV de um lado, e de VC e CVC de outro, temos a sílaba aberta e a sílaba fechada.

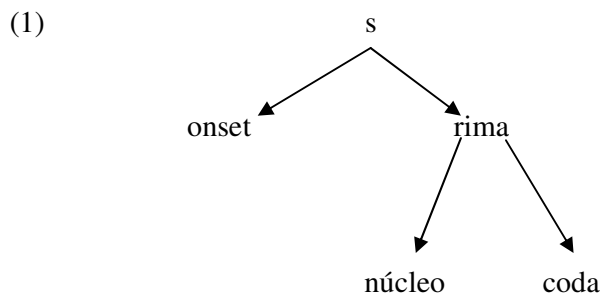
Nos postulados de Câmara Jr. (1980), em português, somente a vibrante /r/, a lateral /l/, o arquifonema fricativo labial /s/ e o arquifonema nasal N (nas vogais nasais)

¹³ É possível em algumas línguas consoantes com maior grau de sonoridade ocuparem a posição de núcleo silábico.

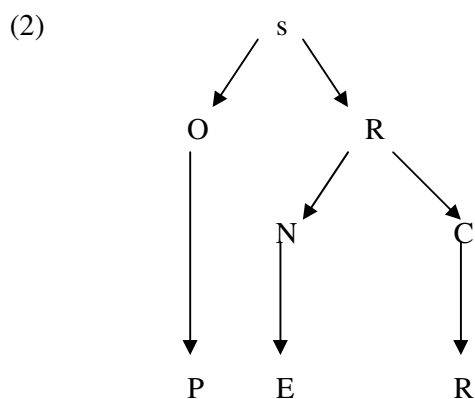
funcionam na parte decrescente da sílaba, isto é, em posição de coda., por exemplo: pas-ta, sol-to, mar-te, sols-tí-cio, can-to.

Por outro lado, além dessas consoantes pós-vocálicas, há autores que consideram as vogais altas /i/ e /u/ como alofones assilábicos por funcionarem como consoante. Para Câmara Jr (op. cit) embora funcionem como tal, são de natureza V. daí surge o problema de representar tais sílabas como CVC ou CVV. Mas para o autor, isso não passa de mera questão de alternativa de representação.

Segundo a teoria métrica, baseada em propostas elaboradas por Pike e Pike (1947) e Selkirk (1982) uma sílaba consiste em um ataque (a) (ing. onset) e em uma rima (R); por sua vez, a rima consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Vale lembrar que qualquer categoria pode ser vazia, exceto o núcleo. Nesta teoria, os elementos que constituem as sílabas são organizados em forma de árvore e é a partir deste padrão que as estruturas mais complexas ou mais simples são formadas como se pode ver abaixo em (1):¹⁴



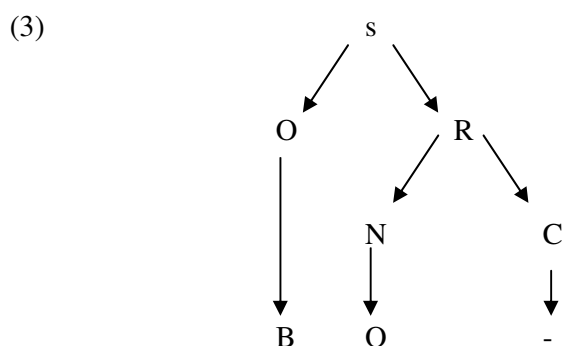
Na palavra ‘perto’ a sílaba ‘per’ teria a seguinte representação:



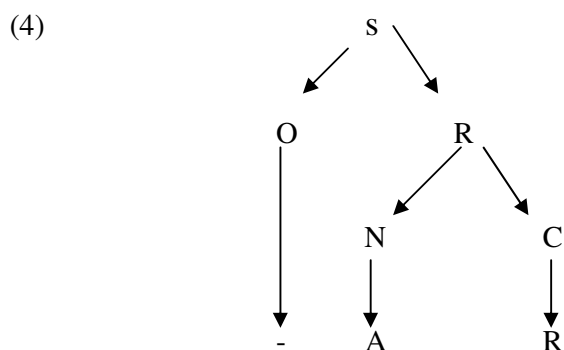
¹⁴ Neste trabalho apenas apresentamos a representação da estrutura da sílaba e não estamos assumindo interpretação teórica sobre a sílaba do português. Como é suficiente aos nossos propósitos, seguimos a apresentação de Câmara Jr. (1980).

Câmara Jr. (1980) chama de sílabas travadas ou fechadas as que têm um segmento ligado à coda, como se observa no exemplo da palavra ‘perto’ em (2).

Por outro lado, todo segmento tem um lugar no molde silábico. Mas alguns podem se desligar como é o caso da coda na sílaba ‘bo’ da palavra bola, que está representada abaixo em (3).

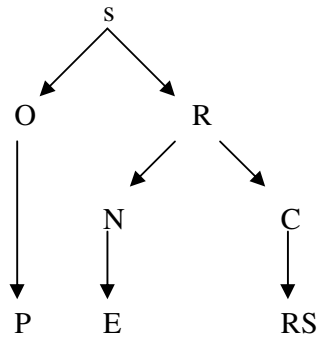


O autor ainda chama de sílaba aberta a que não possui coda e termina no núcleo. Como foi visto acima. As sílabas podem também não apresentar o ataque (onset), com no caso da sílaba ‘ar’ de armazém, representada em (4).



Por fim, Câmara Jr. (op.cit.) assinala que uma sílaba aberta terminada em vogal curta é determinada de sílaba leve. Sendo, portanto CV seu molde silábico. Mas se a sílaba é aberta e a vogal de seu núcleo é longa ou um ditongo ela é chamada de sílaba pesada, sua representação será, portanto, CV ou CVV (quando há ditongo). O autor considera também sílaba pesada qualquer sílaba fechada não importando quantas consoantes tenha na coda, como se vê em (5) na sílaba ‘pers’ de Perspicaz.

(5)



A seguir, veremos a análise do *corpus*, o sistema ortográfico do português brasileiro no séc. XIX e por fim o levantamento e a classificação dos casos encontrados nas cartas analisadas.

CAPÍTULO IV

Análise do *corpus*

1. O Português brasileiro impresso no séc. XIX

Depois de apresentar as características históricas dos sistemas vocálico e consonantal, partiremos para a análise das cartas publicadas no jornal Diário de Pernambuco a fim de conhecer o sistema gráfico do português da época. Para tal, foi examinado um *corpus* de 26 cartas entre os anos de 1827 a 1873 do século XIX. Os textos¹⁵ em questão são correspondências ou publicações a pedido de diferentes autores. No geral, o que se percebe nestes textos é a inexistência de uma convenção ortográfica estabelecida, já que não havia uma orientação para a maneira de grafar as palavras. Entretanto, segundo Gonçalves (1992), alguns critérios ortográficos foram utilizados na época, tais como: o etimológico, o analógico, a pronúncia e o uso.

2. Levantamento e classificação dos casos

Quando examinamos os textos, nosso objetivo era verificar a grafia existente através do levantamento das variações gráficas em um mesmo autor e entre autores, já que tínhamos 26 cartas e 26 autores diferentes distribuídos em um período de 46 anos¹⁶. Deprendemos, pois, que nesses documentos os mesmos sons eram representados por letras diferentes, quer se tratasse de vogais, quer se tratasse de consoantes, por exemplo: a vogal *i* ora era representada por essa letra, ora era representada por *y* (ley e lei). O som /z/ ora era representado por *s*, ora era representado por *z* (criminoso e criminozo) Feito isso, identificamos os seguintes casos de variação que decorrem tanto de processos fonológicos quanto de diferenças de notação gráfica.

¹⁵ Os textos (do acervo do Departamento de História da UFPE) foram transcritos por Marcelo Bernardo e Ronaldo Fonseca, bolsistas do PIBIC, e compõem hoje os corpora do núcleo de estudos históricos de manuscritos e impressos (NEHMI), do Departamento de Letras da UFPE.

¹⁶As cartas poderão ser vistas nos anexos.

| Casos |
|--|
| 1) Sibilante início de sílaba <i>s/z</i> , <i>ss/c</i> , <i>ss/ç</i> , <i>x/ch</i> , <i>s/c</i> e fim de sílaba <i>s/z</i> |
| 2) Ditongo final |
| 3) Ditongo nasal |
| 4) Ocorrência do “h” mudo ou nos dígrafos <i>ph</i> , <i>th</i> , <i>ch</i> e <i>rh</i> : |
| 5) Lexicalização |
| 6) Vogais pretônicas (alçamento, abaixamento) |
| 7) Vogais tônicas (mudança vocálica) |
| 8) Vogais postônicas (alçamento e -> <i>i</i> , <i>o</i> -> <i>u</i>) |
| 9) Acentuação gráfica |
| 10) Consoantes mudas e travamento consonantal |
| 11) Metátese |
| 12) Abreviaturas |
| 13) Consoantes duplas |
| 14) Vogais nasais em posição final de vocábulos |
| 15) O plural dos nomes terminados por “l” |
| 16) O apóstrofo |
| 17) O uso do Y |
| 18) O til |

2.1. Sibilante início de sílaba: *s/z*, *ss/c*, *ss/ç*, *s/c*, *x/ch* e fim de sílaba: *s/z*

O som que o *s* tem no fim de sílaba era representado por *s* ou *z*, por exemplo: *assás* e *assaz* (do provenç. *assatz* < lat. ad. *satie*). As formas verbais do verbo *querer* (do lat. *quaerere*) eram grafadas com *z* (*quis*, *quizera*), *tres* e *trez* (do lat. *três*), *paiz* (do lat. *pagense*).

Por outro lado, o som sibilante */s/* no início de sílaba em meio de palavra variava e podia ser representado por *s* ou *z*, *ss/ç*, *ss/c*, *s/c* ou *x/ch* como podemos observar nos seguintes exemplos: *presidente* e *prezidente* (do lat. *praesidente*), *razão* e *rasão* (do lat. *ratione*), *casa* e *caza* (do lat. *casa*), *fazenda* e *fasenda* (do lat. vulg. *facenda*), *acho* e *axo* (do lat. vulg. *aflare* por *afflare*), *enchutas* (do lat. *exsucare*), *virtuozo* (do lat. *virtuoso*), *crize* (do lat. *crise*), *uzarei* (do lat. *usare*), *recuzava* (do lat. *recusare*), *confuzão* (do lat. *confusione*), *acuzador* (do lat. *accusare*), *tranquilisar* (do lat.

tranquillu), anciosamente (do lat. *anxiare*), expansão (do lat. *expansione*), falcidade (do lat. *falsitate*), inserção (do lat. *insertione*), endereçado (do lat. *indirectiare*), oussa (do lat. *audire*), promessa (do lat. *premissa*), assacinato (do fr. *assassinato*), analizar (do gr. *análysis*), concluzão (do lat. *conclusionone*). Parece que a etimologia da palavra não era observada no caso das sibilantes. Os sufixos *oso/osa* eram grafados ora com *z*, ora com *s*: virtuozza (do lat. *virtuosu*), criminoso e criminozo (do lat. *criminosu*), miraculoso (do lat. *miraculosu*), glorioso (do lat. *gloriosu*), religioso (do lat. *religiosu*), venenosa (do lat. *venenosu*), asqueroso (de *ascoroso*), milagrozo de milagre (do lat. *miraculu*), escrupulozo (do lat. *scrupulosu*), portuguez, portugueza (do lat. *portucalense*), Francez (do fr. ant. *franceis*), marquez (do lat. *tardio markense*), Inglez, ingleza (do fr. ant. *angleis*). Veja que mesmo a palavra primitiva tivesse *s* a palavra era grafada com *s* ou *z*.¹⁷

2.2. Ditongo final

No ditongo *eu* (latino), o segundo elemento passou a *o* na linguagem popular. Talvez isso explique essa mudança em palavras escritas no século XIX como podemos ver nas cartas, por exemplo: réo, deo, meo, ceo, seo, Deos, correo, perdeo, procedeo, aconteceo, etc. Mas a partir de 1830 já aparece o ditongo *eu* como podemos ver nos seguintes exemplos: Deus, perdeu, seu, cedeu, soffreu, meu.

No ditongo *ei* (românico), a semivogal ora aparece escrita com *i*, ora aparece escrita com *y* (ley ou lei). Conforme Gonçalves (1992), o *y* aparece nas palavras de origem grega ou então de forma arbitrária para representar a semivogal /j/. ex: ley, rey. Por outro lado, nas formas verbais dos verbos de primeira conjugação no pretérito perfeito e no futuro do presente, com exceção de haver e ser, na primeira pessoa permanece a semivogal *i*, por exemplo: dei (do lat. *dare*, no pretérito perfeito *dedi* > *dei*), tornei, cooperei, neguei, deparei, pensei, despachei, jurei, deneguei, hei (do lat. *habere* > *haver*, no presente do indicativo *haio* por *habeo* > *hai* > *hei*), sei, lançarei, perderei, passarei.

O ditongo *au* (latino) aparece escrito nas cartas com *ao*, por exemplo: Nicoláo, páo, máo, gráo. O ditongo *iu* usado hoje no sistema era escrito na época *io* nos verbos

¹⁷ Essas complicadas relações entre sons e letras podem ser vistas com mais detalhe em Lemle (1988), Faraco (2003) e Silva (1981). Essa última autora em seu livro “Leitura, Ortografia e Fonologia” trata das relações entre o lado fonêmico e o lado grafêmico da representação da língua.

de terceira conjugação no pretérito perfeito, por exemplo: constetui, descobri, dirigi, abri, impedi, saí, assisti, consegui, ouvi, assumi.

Já os ditongos crescentes *io*, *ia* aparecem nas cartas supracitadas inalterados, por exemplo: judiciário, diário, cartório, natalício, negócios, princípio, António, glória, vitória, família, necessária, consequência, vigilância, etc. Na palavra António, a vogal tônica aparece com o acento agudo, porque em Portugal pronuncia-se essa vogal com o timbre aberto e não com o timbre fechado como no Brasil.

Quanto ao ditongo *ou* no final dos verbos, este permaneceu inalterado como se vê nos seguintes exemplos: acuzou, regressou, organizou, assignou, comprou, chegou, sou. Contudo, esse mesmo ditongo no interior da palavra alternava-se na língua com o ditongo *oi* (cousa, coisa, tesoura, tesoura doudo, doido).

2.3. Ditongo nasal

A queda do *n* intervocálico deu origem aos ditongos nasais [ãu], [õi] e [ãi] como em: mão (do lat. manu), corações (do lat. corationes), cães (do lat. canes). Como se pode observar nas cartas, os ditongos nasais *ãi*, *ẽi*, *õi*, *ũi*, *ãu* não sofreram alterações na passagem para o português, por exemplo: dão, acções, escritães, coração, confusão, mandarão, reflexões, execuções, alemães, capellão, tão, tem, também, porém, etc. A desinência verbal do passado e do futuro era escrita com o ditongo nasal *aõ*: vieraõ, achariaõ, foraõ, antecederaõ, incumbiraõ, mandaraõ, trataõ, gostaõ, diziaõ, bebiaõ, sejaõ, eraõ, disseraõ, compareceraõ, principiaraõ, operaõ, supozeraõ, etc.

2.4. Ocorrências do “h” mudo ou nos dígrafos ph, th, ch e rh

Embora o *h* inicial em geral não fosse escrito, encontramos-lo em vocábulos que não existia no étimo latino, como por exemplo: hum (do lat. unu), sahir, sahida (do lat. salire), cahir, cahiria (do lat. cadere), hotem (do lat. ad noctem), exuberantemente (do lat. exuberante + mente), he do verbo ser (do lat. sedere), surprehendido (do fr. surprendre), exuberante (do lat. exuberante).

No entanto, há palavras nas cartas em que o *h* permanece porque proveio da origem latina: exhibio, exibido (do lat. exhibere), proibiu (do lat. prohibere),

reprehensíveis (do lat. reprehensibile), extrahiram (do lat. extrahere), compreender, compreenda (do lat. comprehendere), inerente (do lat. inhaerente).

Quanto ao uso de <k>, <ch> e <ph> segundo Gonçalves (1992) o ortografista Madureira Feijó incluiu a primeira letra no seu abecedário no século XVIII, embora reconhecesse que essa letra só tinha uso em algumas palavras estrangeiras. Para ele, esse grafema constituía uma sobrecarga em relação ao sistema português uma vez que tinha o mesmo valor de <gu>, <c> e <ch>. Como exemplo de *ch* com som de *k* citaremos: *machina*, *monarchia* e *tachigraphia*.

Feijó ainda incluiu no seu sistema o <ch> e o dígrafo grego <ph> = /f/ embora não o introduzisse no alfabeto. Para o autor, os portugueses não deveriam usar esse dígrafo já que temos o *f* latino com o mesmo som. Além desses dígrafos <ch> e <ph>, Feijó acrescentou ainda <th> e <rh> no seu sistema ortográfico, mas não no alfabeto.

Vale lembrar que alguns filólogos chamaram esses dígrafos de sinais exóticos. Sendo assim, só a etimologia justifica o uso desses grupos no século XIX. Vejamos, pois, alguns exemplos: *authoridade* (do lat. *auctoritate*), *tezouro* (do gr. *thesaurós*, do lat. *thesauru*), *excathedra* (do gr. *kátedra*, pelo lat. *cathedra*), *epitheto* (do gr. *epítheton* pelo lat. *epithetu*), *thema* (do gr. *théma* pelo lat. *thema*), *methodo* (do gr. *méthodos*), *machina* (do gr. *machané* pelo lat. *machina*), *monarchia* (do gr. *monarchía*, pelo lat. *monarchia*), *philantropia* (do gr. *philanthopía*, pelo lat. *philanthropia*), *aritmética* (do gr. *arithmetiké*, pelo lat. *aritmética*), *orphãos* (do gr. *orphanós*, pelo lat. *orphanu*), *phantástico* (do gr. *phantastikós*, pelo lat. *phantasticu*), *phases* (do gr. *phásis*). Não foi encontrado o dígrafo <rh> nos documentos analisados.

2.5. Lexicalização

Esse fenômeno, nas cartas estudadas, ocorreu nas seguintes classes de palavras: no substantivo *malgrado* (máo grado), nos advérbios *talvez* e *doravante* que eram escritos às vezes separados (*tal vez* e *do'ora a vante*), nos pronomes pessoais do caso oblíquo *comigo* e *consigo* ora separados, ora juntos (*com migo* e *com sigo*), na junção das palavras *tão + bem* (*tãobem*) e nas conjunções *contanto que*, *portanto* e *porquanto* que aparecem, às vezes, escritas separadas (*com tanto que*, *por tanto* e *por quanto*). Isso mostra que provavelmente na época as palavras eram escritas ou pautadas na pronúncia por não haver ainda uma uniformidade, isto é, uma convenção ortográfica ou por não

terem assumido ainda o sentido novo, ou por causa da etimologia como acontece com o advérbio talvez (de tal + vez), da conjunção portanto (de por + tanto) e por fim do pronome pessoal comigo (da prep. latina cum + mecum > mego (arc.) > migo).

2.6. Vogais pretônicas (alçamento, abaixamento)

Neste fenômeno, a vogal *i* quando seguida de *a* átona sozinha na sílaba podia ser representada por *e* ou por esta letra, como podemos observar nestas palavras: criado, creado, criada, creada (do lat. creare), criador, creador, creadora (do lat. creatore), criminoso, creminoso, criminozo (do lat. criminosu), deficit (do lat. difficile), participou (do lat. participare), demetido (do lat. demittere), deligencias (do lat. dilligence), derigida (do lat. dirigere), fededigna (do lat. fidedignu), adquerido (do lat. acquirere), escrevaes (do lat. scriptu). Veja que em deficit, participou, demetido, deligencias, derigida, fededigna, adquerido e escrevaes as palavras eram escritas com *e* embora no latim existisse um *i*. O mesmo acontecia com a vogal *e* que na posição pretônica era representada por *i* talvez pela influência latina: semelhante, semelhança (do lat. similiare), involver, envolvem (do lat. involvere), dispesa (do lat. dispensa). Da mesma forma o *u* átono podia ser representado por *o* e vice-versa, por exemplo: podesse, podessem (do lat. potere), bulletim (do it. bollettino), surpresa (do fr. surprise).

2.7. Vogais tônicas (mudança vocálica)

Como sabemos, as vogais tônicas, diferentes das átonas, foram as que menos sofreram mudança na passagem para o português. Elas podiam às vezes sofrer influência de sons vizinhos. Contudo, embora alteradas, continuaram a subsistir na palavra com a sílaba de que faziam parte. Nestas palavras idifferança, idifferença, differança (do lat. differentia) encontradas nas cartas, observa-se a mudança vocálica de *e* para *a*. Parece que quando escritas com *e* imitavam a forma latina.

2.8. Vogais postônicas (alçamento E – I e O – U)

Já vimos no capítulo 2 que em posição átona final o sistema português se reduz a três vogais: /a/, /e/ e /o/. No entanto, nessas palavras retiradas das cartas figuram as vogais átonas finais *i* e *u* para *e* e *o*, vejamo-las: *quasi* (do lat. *quasi*), *ondi* (do lat. *unde*) e *tribus* (do lat. *tribu*). Teyssier (2007) nos lembra que a vogal átona final *e* era pronunciada [i] na primeira metade do século XVIII. Nos verbos terminados em *uir* a vogal átona final era escrita com *e* e não com *i* como hoje: *possue* (do lat. *possidire*, por *possidere*).

2.9. Acentuação gráfica

Nas cartas analisadas, a acentuação gráfica também variou em algumas palavras, por exemplo: a conjunção *porém* ora aparece com acento, ora aparece sem acento. A forma verbal *pode* do verbo *poder* era escrita *póde* ou *pode* e no plural *pódem* ou *podem* e ainda com acento grave *pòde*. Enfim, o substantivo *grau* aparece escrito nas cartas ora com acento, ora sem acento na vogal *a*: *gráo* ou *grao*.

2.10. Consoantes mudas e travamento consonantal

Como vimos no capítulo 3, os grupos de origem latina *bd*, *pt*, *cç*, *ct*, *gm*, *gn*, *mn* e *mpt* e os de origem helênica *th*, *ph*, *ch*, *rh* e o *y* foram transmitidos ao nosso sistema pelos latinos. Gonçalves (1992) nos lembra que no contexto cultural dos séculos XVIII e XIX esses grupos supracitados foram inseridos no nosso sistema por questão de gosto da época, uma vez que havia uma supervalorização da erudição greco – latina. Segundo a autora, por exemplo, o ortógrafo Feijó considerava o <c> um elemento indicador para a vista, mas nem sempre para o ouvido. Nos termos feijoense, o <c> em *effectivo*, *effectuar*, *director*, *dialecto*, etc, é uma consoante muda, diferente, portanto, em palavras como: *fictício*, *invicto*, *pacto*, etc, em que de fato o <c> tem um valor.

Dessarte, assinala Gonçalves, esses grupos justificar-se-ão na ortografia portuguesa pela etimologia ou pelo uso dos bons autores da época. Nessa perspectiva, só a relação com o étimo justifica grafias tais como: *auctor* (do lat. *auctore*), *redactor* (do lat. *redactu*), *effectivo* (do lat. *effectivu*), *augmento* (do lat. *augmentare*), *alumno*

(do lat. *alumni*), *triumpha* (do lat. *triumphare*), *parochias* (do gr. *paroikía*, pelo lat. *paroecia* < *parochia*), *geographia* (do gr. *geographia*, pelo lat. *geographia*), *catholico* (do gr. *katholikós*, pelo lat. *catholicu*), *calumnia* (do lat. *calumnia*), *prompto* (do lat. *promptu*), *acção* (do lat. *actione*), *fracção* (do lat. *fractione*), *esculptura* (do lat. *sculptura*), *effectuar* (do lat. *effectuare*), *solemne* (do lat. *solemne*), *signal* (do lat. *signale*), *assignante* (do lat. *assignante*), *inscrição* (do lat. *inscriptione*), *inspector* (do lat. *inspectore*), *saptisfazer* (do lat. *satisfacere*), *adoptar* (do lat. *adoptare*), *optimamente* (do lat. *optimu*), *circumtancia* (do lat. *circumstancia*), *baptista* (do gr. *baptistés*, pelo lat. *baptista*), *escripto* (do lat. *scriptu*), *affecto* (do lat. *affectu*). Mas eles manter-se-ão na ortografia portuguesa até o período da reforma proposta por Gonçalves Viana em 1904.

Por outro lado, vemos que o grupo consonantal impróprio *pt* figura no verbo *saptisfazer* e no substantivo *circumtancia* embora não existisse no étimo latino como mostrei acima.

Além desses grupos, ainda há o grupo consonantal *sc* de origem latina que perdeu o elemento inicial na passagem para o português. Citaremos dois exemplos encontrados nas cartas: *scena* (do gr. *skéné*, pelo lat. *scena*) e *sciencia* (do lat. *scientia*).

Não raro encontramos o travamento consonantal nas cartas do século XIX. Mas a tendência no sistema português é criar sílabas sem coda, ou melhor, como nos afirma Mattoso Câmara (1980) sílaba aberta CV ou VC e não sílaba fechada CVC. Esse fenômeno ocorre nas cartas por causa do uso dos grupos latinos *ct*, *cç*, *pt*, *mn*, *gn* e *gm*. Vejamos, pois, alguns exemplos: *signal* (do lat. *signale*), *augmento* (do lat. *augmentare*), *actual* (do lat. *actuale*), *acta* (do lat. *acta*), *victima* (do lat. *victima*), *escripto* (do lat. *scriptu*), *redactor* (do lat. *redactu*), *assignalado* (do lat. *assignare*), *adoptar* (do lat. *adoptare*), *solemne* (do lat. *solemne*), *alumno* (do lat. *alumni*), *calumnia* (do lat. *calumnia*), *exacto* (do lat. *exactu*), *conflicto* (do lat. *conflictu*), *acção* (do lat. *actione*), *inspector* (do lat. *inspectore*), *conducta* (do lat. *conducta*).

Nesse caso das consoantes mudas e travamento consonantal, a variação ocorreu em algumas palavras nas cartas, a saber: *autoridade* e *authoridade*, *autor* e *auctor*, *conflicto* e *conflicto*, *satisfeito* e *saptisfeito*.

2.11. Metátese

A ocorrência desse fenômeno apareceu nas seguintes palavras: descubretas (de des + cobrir), pretencessem (do lat. pertinescere), pormessa (do lat. promissa), prespicacia (do lat. perspicácia). A variação ocorreu em duas palavras apenas: *pertencer* e *pretencer*, *promeça* e *pormessa*. Assim sendo, o que podemos inferir desse fenômeno é que talvez as pessoas nessa época pronunciassem essas palavras dessa maneira criando, assim, a metátese.

2.12. Abreviaturas

As abreviaturas que aparecem nas cartas do século XIX também variam. São bastante diferentes das que usamos hoje. Só Dr. (doutor), Dr^a (doutora) e Sr. (Senhor), Srs. (Senhores) permaneceram. Por exemplo: para Senhor também usavam (Snr) e Senhores (Snrs). Para Vossa Mercês > vossemecê > vosmecê > você (Vmc e no plural Vmcs). Para Excelentíssimo (ora Exm, ora Esm). Para Doutores (Drs). Para Ilustríssimo (Illm,) além de outras encontradas nas cartas, tais como: VV. EE. SS. V.S. D'. M.M. V.M/I. M.I.

2.13. Consoantes duplas

Como sabemos, as consoantes geminadas latinas *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp* e *tt* no interior das palavras quando passaram para o português reduziram-se a consoantes simples. Contudo, isso só ocorreu depois da reforma ortográfica de 1904. Não encontramos nas cartas nenhum caso de variação das consoantes geminadas. Como é sabido, no século XIX, o uso dessas consoantes era freqüente devido à etimologia das palavras, como se pode ver nestes exemplos retirados das cartas. Sabbado (do hebr. shabbath, pelo lat. sabbatu), villas (do lat. villa), ocorrem (do lat. occurrere), attenda (do lat. attendere), attento (do lat. attentu), annos (do lat. annu), commum (do lat. commune), affecto (do lat. affectu), opprimir (do lat. opprimere), oppõe (do lat. opponere), grammatica (do gr. grammatiké, pelo lat. grammatica), mappa (do lat. mappa), cavallo (do lat. caballu), commeter (do lat. committere), commissario (do lat. medieval commissariu), soffreu (do lat. sufferere), fallo (do lat. fabulare), aquelle (do

lat. vulg. *eccum + ille*), *collegio* (do lat. *collegiu*), *commercio* (do lat. *commerciu*), *accupado* (do lat. *accupare*), *collega* (do lat. *collega*), *officio* (do lat. *officiu*). Só no verbo falar aparecem dois *ll* embora o verbo latino fosse (*fabulare*) talvez por causa da analogia com outras palavras.

2.14. Vogais nasais em posição final de vocábulo

As vogais nasais em posição final de vocábulos resultaram da perda de elementos finais, isto é, da apócope que fez a nasal etimológica fechar a sílaba e nasalizar a vogal anterior desde o português arcaico, por exemplo: *coratione* > *coraçõn*, *cane* > *can*. Como sabemos, em alguns elementos gramaticais a nasal fecha a sílaba igual ao latim, como nas preposições *em* (do latim *in*) e *com* (do lat. *cum*).

Silva (1996) afirma que algumas vogais nasais finais resultaram da fusão de vogais da mesma faixa de altura por causa da queda da nasal intervocálica etimológica. Vejamos alguns exemplos retirados das cartas: *algum* (do lat. *alicunu* > *algũu* > *algum*), *um* (do lat. *unu* > *ũu* > *um*), *fim* (do lat. *fine* > *fii* > *fim*). Sendo assim, o sistema português vai apresentar cinco vogais nasais em posição final: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/. Mas nesses documentos encontramos palavras em que a vogal nasal final [ã] aparece seguida de *m* ou *n*: *afan*, *Afghanistan*, *Mazaranderan*, *Yran*, *Jurisdicãm*, *Teheran*, *Afghan*. A consoante *n* em *afan* pode ser explicada pela forma latina: *afan* (derivada de *afanar*, do lat. *affanare*) mas não em *jurisdicãm* (do lat. *jurisdictione*). Só em duas palavras encontramos a vogal nasal /ã/ no final: *vãas* (do latim *vanu* > *vãõ*, fem. *vã*) e *grãa* (do lat. *granu* > *grãõ*, fem. *grã*).

2.15. O plural dos nomes terminados em “l”

O plural dos nomes terminados por “l” no século XIX era feito com a queda dessa consoante resultando na seqüência vocálica *ae* e não *ai* como usamos hoje. Nas cartas analisadas não aparecem exemplos de variação. Mesmo assim citaremos alguns exemplo desse caso: *judiciaes* (do lat. *judiciales*), *signaes* (do lat. *signales*), *tribunaes* (do lat. *tribunales*), *rivaes* (do lat. *rivales*), *nacionaes* (do lat. *nacionales*), *geraes* (do lat. *gerales*), *sociaes* (do lat. *sociales*), *officiaes* (do lat. *afficiales*), *taes* (do lat. *tales*).

2.16. O apóstrofo

O apóstrofo ocorria com frequência no século XIX talvez por questão de uso na época. Eis alguns exemplos retirados das cartas: d'esse, a'possuido, d'Alagoas, d'hoje, q'estabeleceo, do'ora, d'um, d'aquêle, etc. Nos documentos analisados não houve variação desse caso.

2.17. O uso do “y”

O y foi uma herança que os latinos herdaram dos gregos. Ele aparece nas cartas somente em alguns nomes próprios (Yran, Ayres) e em palavras de origem grega, latina e inglesa, por exemplo: hymno (do gr. hymnos, pelo lat. hymnu), typographia (de tipo + grafo), sympathia (do gr. sympátheia, pelo lat. sympathia), jury (do ingl. jury), ley (do lat. lege), grey (do lat. grege). Nos termos de Gonçalves (1992), muitas palavras foram escritas na época baseadas na analogia. Sendo assim, encontramos as palavras ley e grey escritas com y mesmo que essa letra não existisse na forma latina (lege) e (grege) possivelmente por analogia com outro vocábulo. A variação ocorreu apenas na palavra *lei*, escrita ora com y, ora com a semivogal *i*.

2.18. O til

Nas cartas analisadas, até o ano de 1835, o til em ditongos nasais era colocado sobre o *o* e não sobre a vogal *a*, como se vê nos exemplos: maõ, naõ, coração, nação, saõ, constituição, delegação, opinião, etc. Todavia, a partir desta data, ele passou a ser colocado sobre o *a*: prizão, atenção, razão, grão, interdicção, expectação.

O futuro e o passado dos verbos eram marcados com a desinência *ão*, ora com o til no *a* ora com o til no *o*, vejamos os exemplos: vieraõ, achariaõ, foraõ, antecederaõ, incumbiraõ, mandarão, trataõ, gostãõ, diziãõ, bebiãõ, sejiãõ, erãõ, disserãõ, comparecerãõ, principiarãõ, operãõ, supozeraõ, etc. A variação ficou por conta das palavras *não* e *mão* escritas também com o til no *o*.

3. Classificação dos casos quanto aos critérios ortográficos

Nesta subsecção, dividiremos os casos decorrentes da etimologia e da analogia, depois veremos os casos decorrentes da pronúncia e, por fim, os de uso. Para tal, partiremos da sessão anterior e encaixaremos os casos levantados exemplificando-os com palavras das cartas numa seqüência temporal.

3.1. Casos decorrentes da etimologia e da analogia

| |
|--|
| <p>1° Ocorrência do “h” mudo ou nos dígrafos ph, th e ch</p> <p>Ex.: 1827: autoridade, thezouro, sahirei, hum, huma. 1829: huma, thezoureiro, hum, he. 1830: huma, he, hum, huma. 1831: excathedra, reprehensíveis, dahi. 1835: autoridade, huma, sahi. 1837: huns, sahe, huma, tachigraphes, hum. 1839: huma, he. 1841: he, inherente, hum, prohibio, epitheto, sahir. 1843: he. 1847: thema, Raphael, he. 1851: typographia, he. 1853: methodo, homepathica, he. 1855: exhuberantemente. 1857: ahi, Teheran, golpho, sympathicas, phases, he, cahira, parochias. 1859: philantropia, typographica. 1861: exhibio. 1863: catholico. 1865: hontem, recahir, sahido. 1867: orphãos, triumpha. 1869: cahir. 1871: comprehenda, exhibido, machina, cathegoria, phantastico. 1873: extrahiram, surprehendido.</p> |
| <p>2° Consoantes mudas/ Travamento consonantal</p> <p>Ex.: 1827: redactor, objecto. 1829: actual. 1830: redactor, acções, affecto, assignado. 1831: objecto, conducta, redactor, acto. 1833: redactor. 1835: projectado, inspecção, Baptista, saptisfaço, inspector, instrucções, exacção, escriptor, signal, redactor. 1837: redactor, saptisfação. 1839: redactores, activar, conducta, activar. 1841: calumniador, assignado, acta, redactores. 1843: redactores, objecto, axacta, calumnia, conducta. 1847: redactores, conducta, solemne, protector, calumnia. 1849: redactores, calumnias, victimas. 1851: calumniadores, inexacta. 1853: redactores, actos. 1855: alumnas, escripta, directora, exacto. 1857: facto, affecto, actividade, directa, signal, interdicção, acção, adoptar, manufactura, objecto. 1859: redactores, acto. 1861: redactores, assignante. 1863: direcção, distincto. 1865: facto, desafectos, director, conflicto, calumnia. 1867: factos, assignada, affectnou. 1869: redactores, districto, calumniador, circumpstancia. 1871: spectaculo, acto, victima, reflectir, jurisdicções. 1873: assignado, actual, victoria, distincto.</p> |

3º Consoantes duplas

Ex.: 1827: excellentissimo, illustrissimo, attenda, fallo. 1829: notto. 1830: accudindo, affecto, delle. 1831: publicações, elle, excellente, Mello, naquelle. 1835: officios, occupado, attenção, differença, effeito, Mello, diffirir, attribuindo, communicado, mappa, ella, accusar, occulto. 1837: anno, dalli, daquella, bello, bellissimo, opprimir, commercio. 1839: commoda, collegas, encommodo. 1841: affogado, accorreo, commarca, commandara, officio, communicou, cavallo, apelida. 1843: aquelles, allegada, della, officiado. 1847: communicado, occupa, illibada. 1849: officialidade, officiaes, commandante, immediatos, sufficientemente. 1851: offendido. 1853: aquelles, attendivel, attentiosas, sufficiente, soffrimento, applicações, reapareceu, summa, occasião. 1855: intelligencia, affabilidade, oculares, collegio, daquelles. 1857: attestam, ellas, brittanico, desaparece, illudido, commandante, affecto, alliaça, soccorros, communicação, differença, annunciada, collegas, commissario, ella, ecclesiastico, funcionou, occasião, intellectual, effeito, soffrer, bulletim, sucessivamente. 1859: aquelle, summa, inflammação, occasião. 1861: aquelle, naquillo, oppunham, vallado, remetteste, occupe, attentioso, elle. 1863: apparecer, aquella, naquelle, innocular-se, opposição, idifferença. 1865: illmo, atenções, offerecimento, occasião, collocados, suffocar, aquelle, bella. 1867: attenção, anno, appropriar, illudir, allegar, somma, elle, interdiccio, illude, affectnou, occupo. 1869: demettido, offendida, innocente, apparecer, commetti. 1871: attentado, supplicio, immoral, innocencia, official, offerecem, aparente, commandante, engommar, commerciantes, affirmam, apparecer, illustram, immaculadas, recommenda, aquelle, immuidade, immolar, opprimir, indifferentissimo. 1873: aquella, illms, soffreu, daquelles, anniversarie.

4º O uso do “y”

Ex.: 1827: ley, leys. 1833: ley. 1847: analysar, analyzar. 1851: typographia. 1857: sympathicas, Yran, paralysa, grey, pennys, jury. 1859: typographica. 1861: Ayres.

5º Ditongo final

Ex.: 1827: individuo, sei, tornou, consequencias, lançarei, judiciario, ley, império, provincia, hei, erario, meu, meo, aconteceo, mandou, seu. 1829: seminario, seu, chegou. 1830: memoria, aureo, meu, constetuiuo, vou. 1831: António, findou, conservou, acuzou, ministerio, pugnou, aceitou, seo, commissario, regressou, consciencia. 1833: gloria, ley, anuncio, contrario. 1835: officios, seus, meus, urgencia,

lei, diligencias, Antonio. 1835: meus, municipaes, lei, negocio. 1837: hespanhoes, commercio, fiquei, 1839: legoa, seu. 1841: occorreo, officio, participou, correo, noticia, assignou, ondenou, contrario, esperarei, diligencias, paciencia. 1843: meu, dous, familia, despachei, lei, diario, tocou, legoa, foi, seus, sou, apresentarei. 1847: foi, seu, calumnia. 1849: deparei, seo, correspondencia, officiaes, Antonio. 1851: correspondencia, familia, meu. 1853: beneficio, achei, praticou, memoria, familia. 1855: propria, ardua, maternas, seu, consciencia. 1857: rivaes, substancia, grey, Persia, dous, perguntou, Nicolao, circumstancias, seu, parochias. 1859: leis, seus, Deos, assistio. 1861: sitio, meu, dous, exhibio, seu, principio. 1863: dous, incendiarios, seus. 1865: meu, policia, procedeu, taes, ponderei, adulterou, dignou. 1867: meu, seu, mentaes, reis, negarei, jamais, correspondencia. 1869: autorisou, subio, sciencia, guiou, abusou, sou, conseguiu, servio, fui, locaes, historia, convenceu. 1871: judiciaes, supplicio, necessario, seus, consequencias, diligencias, innocencias. 1873: beneficiencia, seu, Deus, dispendio, circumstancias, mostrou.

6° Ditongo nasal

Ex.: 1827: corporação, não, porém, mão, nação, correições, reflexões, achariaõ. 1829: não, opiniaõ, publicação, administração. 1830: expansão, correição, acções, ressurreição. 1831: votações, considerações, mão, dão. 1833: mão, apparecerãõ, 1835: não, inspecção, attenção, razão, execuções. 1835: reputação, concidadãos, forçarão, razão, opiniaõ. 1837: dizião, saptisfação, forão. 1839: tenhaõ. 1841: occasião, eleições, pretendiãõ, não, insertão. 1843: reputação, certidões, não, decizão, concluzão. 1847: não, capellão. 1849: prisões, constituição. 1851: imputação, não. 1853: não, mão, occasião, applicações. 1855: não, educação. 1857: expectação, pretenções, terãõ, são, contradicção, questão, mãos, negociações, Napoleão, exaltação. 1859: ficarão, não. 1861: razão, não, reclamação. 1863: opposição, não, direcção, vãõ. 1865: detenção, prisão, occasião, imputações, não, attenção. 1867: não, orphãos, intimação, posição. 1869: reputação, mão, não, demissão, machinações, explicação. 1871: não, instrucção, ninguem, restrições, região, jurisdicções. 1873: não, tão, explicações.

7° O plural dos nomes terminados em L

Ex.: 1835: quaes. 1847: quaes. 1849: officiaes. 1857: rivaes, arsenaes, eleitoraes, taes, espirituaes. 1865: nacionaes, taes. 1867: quaes, mentaes, tribunaes. 1869: tribunaes, locaes. 1871: judiciaes, signaes, tribunaes, sociaes, individuaes.

3.2. Casos decorrentes da pronúncia

| |
|--|
| 1º vogais pretônicas (alçamento, abaixamento) |
| Ex.: 1827: podesse, podessem. 1829: empreça. 1830: creado, creminoso, constetiuo. 1835: escrevães, deligencias. 1841: participou, podesse, deligencias. 1843: fededignas, supozeração, semelhante. 1847: revaltante. 1851: envolvem. 1855: adquerido. 1859: creador. 1865: podesse. 1869: demettido, surpresa, defícil, descutido. 1871: deligencia. |
| 2º Vogais tônicas (mudança vocálica) |
| Ex.: 1863: idifferança, differança. |
| 3º Vogais postônicas (alçamento e >i, o >u) |
| Ex.: 1829: quasi. 1831: possue. 1859: quasi., 1861: cavalcanti. 1857: tribus. 1837: ondi. |
| 4º Metátese |
| Ex.: 1830: pertenderem, prespicacia, descubretas. 1835: profia, pretencessem, preguntar. 1867: pormessa. 1873: porvedor. |
| 5º Vogais nasais em posição final de vocábulo |
| Ex.: 1835: jurisdiçam. 1855: afan, 1857: Teheran, Afghanistan, Yran, Mazaranderan, afghan. |
| 6º Lexicalização |
| Ex.: 1827: por quanto, com sigo. 1829: tãobem. 1830: com tanto que. 1831: tãobem. 1835: tal vez, tãobem. 1841: tãobem. 1843: com migo. 1853: por tanto. 1853: por tanto. 1859: mão grado. 1867: por tanto. |

3.3. Casos decorrentes do uso

| |
|---|
| 1º Sibilantes Início de Sílabas s/z, ss/ç, x/ch e fim de sílabas s/z |
| Ex.: 1827: Fasenda, Brazil, thezouro, criminozo. 1829: thezoureiro, empreça, 1830: expansão, voses, promeça, coiza, empreza, milagrozo. 1831: acuzou, escrulozo, crizes, perigozas. 1835: prizão, caza, dicesse. 1837: meza, fasenda, francezes, disia, casualmente. 1841: precize, uzar, freguezia, mez, couza, meza, quiz. 1843: assacinato, quizera, defeza, apresentamos, dezejar, acuzação, falcidade, couza, decisão, cazo. 1847: analyzar. 1951: amisade. 1853: anciosamente. 1855: francez. 1857: pretenções, |

inglêzes, utiliza, autorisação, horisonte, defesa. 1859: fraternisação. 1865: portuguez, quizesse. 1869: autorisou, surpresa, despresivel. 1871: sedulas. 1873: portuguez.

2º Ausência de acentuação gráfica

Ex.: 1827: constituido, individuo, porem, publico, provincia, ridiculo, titulo. 1829: porem, publica. 1830: prespicadia, possuido, saude, licito, surucucú, integerrimo, comparável. 1831: correspondencia, Antonio, reprehensíveis, natalicio, provincia, comissário. 1833: parabens, autografo, diario, contrario, publico. 1835: officios, diligencias, constituida, urgencia, cartorio, porem, necessaria, pacifico. 1837: varios, commercio, alfandega, trez, tachigraphes. 1839: legoa, audiencias, commoda. 1841: paiz, publico, diligencias, correspondencia, paciencia. 1843: insuficiencia, porem publico, pronuncia, exercicio, incomodos, familia, licitos, saude, dificil, possivel, diário. 1847: póde, apregoa, periodicos, calumnias, parahiba. 1949: calumnias, correspondencias, credito infortúnio. 1951: pódem, correspondencia, anonimo, duvida, familia, ignácio. 1853: correa, saude, attendivel, publico, methodo, familia, restituíram. 1855: candida, gráo, grammatica, arithmetica, ministerio, consciencia, porfírio. 1857: correspondencia, exercito, obstaculo, negocios, necessarios, persico, substancia, Russia, commissario, proxima, extraordinaria, numero, ecclesiatico, indulgência. 1859: porem, artistica, correspondencia, família. 1961: diligencia, possivel, divisoria, vinculo, principio, 1863: desagradavel, incendiarios, respeitavel, tambem, periodico, sciencia. 1863: catholico, apostholico, periodico, porem, respeitavel, applicavel, sciencia, horrível. 1865: policia, haviamos, proprias, musicas, exercicio, obstaculo, viuva. 1867: correspondencia, tres, publico, juizo, denuncia, conveniencia, injuria, memoria, diário. 1869: circumsptancias, jesuíticas, despresivel, deficil, silencio, sciencia, publico. 1871: consequencia, phantastico, espirito, indicio, inimitavel, victima, ridiculo, supplicio, principio, Antonio, sedulas, vicio. 1873: victima, Antonio, circunstancias, podem, póde, prestimo, beneficiencia, victoria, dispendio.

3º Abreviaturas

Ex.: 1827: Sr. VV. E E. S S. S.M.I, Vm. 1829: Srs. Sr. 1830: Snr. Sr. 1831: Snr. Sr. 1833: Vmc. N. Snr. 1835: V.S. Illm. Snr. Dr. M. Exm. 1837: Sr. S.S 1839: Snr. 1841: Vms, Snr, Sr, G.N. P.P. 1843: Srs. 1847: Srs. Sr. P. Dr. 1949: Srs. Sr. 1951: Sr. Dr. S.S. 1853: Srs. Sr. Dr. Drs. 1853: Srs. Sr. Drs. Dr. 1855: Exm^a. Sr^a. D. Sr. Dr. Illm. 1857: SS. Exm. M. M. Sir. 1861: Srs. Sr. Vmcs. 1863: Srs. Sr. Exm. 1865: Sr. Srs. Dr.

| |
|--|
| Drs. Illm. 1867: Sr. Srs. 1869: Sr. Srs. Esm. 1871: Sr. 1873: Srs. Sr. Illm. Dr. S. Bento. |
| 4° O Apóstrofo |
| Ex.: 1827: n'elle, d'esta. 1830: d'aureo, n'hum. 1831: d'Alagoas, d'azevedo, d'estado, q'estabeleceo. 1933: d'hoje. 1835: d'um, d'espírito. 1853: d'aquelles. 1855: desi'arte. 1857: n'uma, d'israeli, do'ora a vante, por a'fim. 1869: Dest'arte. 1871: d'esses, d'aquele. |
| 5° O Til |
| Ex.: 1827: uzaõ, naõ, maõ, corporaçãõ, formaçãõ, vireraõ. 1829: naõ, taõbem. 1830: ações. 1833: naõ, mãõ, apareceraõ. 1835: naõ, razão, participação, forãõ, prizãõ, forçarãõ, capitãõ, gostãõ. 1837: diziãõ, disserãõ, saptisfaçãõ, naõ. 1839: tenhaõ, naõ. 1839: naõ. 1841: occasiãõ, consideraçãõ, apareceraõ, compareceraõ. 1843: naõ, razões, deciziãõ, concluzãõ, regozijãõ, acuzaçãõ. 1847: mãõ, naõ, explicaçãõ. 1849: prisões, naõ, constituiçãõ. 1851: naõ. 1953: naõ, occasiãõ. 1857: grãõ, questãõ, pretenções, sessãõ, grãa, authorisaçãõ, mãõ, naõ, occasiãõ. 1859: patrãõ, irmãõ, naõ, tãõ, occasiãõ. 1861: razão, naõ direcçãõ. 1863: naõ, direcçãõ, religiãõ, opposiçãõ. 1865: naõ prisãõ, indagações, imputações, uniãõ, detençãõ. 1867: naõ orphãõs, interdiciãõ. 1869: naõ, tãõ, publicações. 1871: tãõ, naõ, vãas, jurisdiccões, sãõ, execuçãõ. 1873: naõ, dedicaçãõ. |

Para finalizar este capítulo, mostraremos as palavras que variaram nas cartas em um mesmo autor e entre autores com o objetivo de observar como e por que essa variação se deu durante o século XIX. Assim sendo, dividimos os casos para uma melhor observação. Veremos os seguintes casos em que a variação ocorreu com mais frequência: o “h” mudo; as consoantes mediais; consoantes no final do vocábulo; as vogais pretônicas e postônicas; os ditongos; as abreviaturas; a acentuação gráfica; a metátese; a lexicalização; as consoantes mudas e o travamento consonantal e por fim o uso do “y”.

1) Ocorrência do “h” mudo

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) hum | 6 | 1 | | 4 | | | | | 3 | 1 | 5 | | |
| um | | | | | 5 | | | 3 | | 2 | | 4 | 5 |
| 2) huma | 6 | 1 | | 2 | | | 1 | | 1 | 1 | 2 | | |
| uma | | | | | | | | | | 1 | | 3 | 1 |
| 3) he | 2 | 1 | 1 | 2 | | | | | 3 | 1 | 3 | 5 | 1 |
| é | | | | | 5 | | | | | | | | |
| 4) oje | | | | | | | | | | | | | 1 |
| hoje | 1 | | 1 | | | 1 | | 2 | | | 1 | | 1 |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) hum | | | | | | | | | | | | | |
| um | 1 | 2 | 3 | 2 | 10 | 3 | 4 | 1 | 3 | | 8 | 13 | 1 |
| 2) huma | | | | | | | | | | | | | |
| uma | 1 | 1 | 2 | 1 | 27 | 1 | 2 | 1 | 3 | | 1 | 7 | 2 |
| 3) he | | 1 | 2 | | 10 | | | | | | | | |
| é | | | | | | | | | | | | 9 | 3 |
| 4) oje | | | | | | | | | | | | | |
| hoje | 1 | | | | 1 | | 1 | | 1 | 1 | | 1 | 1 |

2) Consoantes mediais

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|----------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) rasão | 1 | | | | | | | | | | | | |
| razão | | | | | | | 2 | 1 | | | | 1 | |
| 2) fasenda | | | | | | | | | 1 | | | | |
| fazenda | 6 | | | 4 | 3 | | | | | | | | |
| 3) analysar | | | | | | | | | | | | | 1 |
| analyzer | | | | | | | | | | | | | 1 |
| 4) couza | 2 | | | | | | | | | | 1 | 1 | |
| cousa | | | | | | | 1 | | | | 2 | | 1 |
| 5) casa | | | | | | | | | | 1 | | 1 | |
| caza | | | | | | | | 2 | | | | | |
| 6) assassinado | | | | | | | | 1 | | | | | |
| assacinado | | | | | | | | | | | | 1 | |
| 7) assassinato | | | | | | | | | | | | | |
| assacinato | | | | | | | | | | | | 4 | |
| 8) dizia | | | | 1 | | | | | 1 | | 2 | 1 | |
| disia | | | | | | | | | 1 | | | | |
| 9) presidente | | | | | | | | 1 | | | 1 | | |
| prezidente | 2 | | | | | | | | | | | | |
| 10) presos | | | | | | | | | | | | | |
| prezos | | | | | | | | | | | | 1 | |
| 11) mesa | | | | | | | | | 1 | | | | |
| meza | | | | | | | | | 2 | | 3 | | |

| | | | | | | | | | | | | | |
|---------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| 5)difícil | | | | | | | | | | | | 1 | |
| defícil | | | | | | | | | | | | | |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) despeza | | | | | | | | | | | | | |
| dispeza | | | | | | | | | | | | | |
| 2) creminoso | | | | | | | | | | | | | |
| criminoso | | | | | 1 | | | | | | | | |
| 3) empreça | | | | | | | | | | | | | |
| impresa | | 5 | | | | | | | | | | | |
| 4) criado (a) | | | | | | | | | | | | | |
| creado (a) | | | | | 1 | | | | | | | | |
| 5) difícil | | | | | | | | | | | | | |
| defícil | | | | | | | | | | | 2 | | |

5) Vogais postônicas

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|---------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) quasi | | | | | | | | | | | | | |
| quase | | | 1 | | 1 | | | | | | | | |
| 2) Cavalcante | | | | | 1 | | | | | | | 1 | |
| Cavalcanti | | | | | | | | | | | | | |
| 3) onde | | | | 1 | 1 | | | | | | | | |
| ondi | | | | | | | | | 1 | | | | |

| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| 1) seu | 1 | | | 5 | 14 | 5 | 4 | 1 | 1 | 6 | 3 | 9 | 6 |
| seo | 1 | | | | | | | | | | | | |
| 2) meu | 1 | 2 | 3 | 1 | 1 | | 3 | | 1 | 9 | | | |
| meo | | | | | | | | | | | | | |
| 3) ley | | | | | | | | | | | | | |
| lei | | | | | 1 | 1 | | | | 2 | | 2 | |
| 4) dois | | | | | | | | | | | | | |
| dous | | | | | 3 | | 1 | 3 | | | | | |
| 5) cousa | | | | | 2 | | 1 | | 1 | | | | |
| coiza | | | | | | | | | | | | | |
| 6) Deus | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Deos | | | | | | | | | | | | | |

7) Abreviaturas

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) Sr. | 8 | 1 | | 2 | 2 | | | | 4 | | 29 | 1 | 3 |
| Snr. | | | | 2 | 11 | 1 | 1 | 4 | | 1 | 3 | | |
| 2) esm. | | | | | | | | | | | | | |
| Exm. | | | | | | | | 1 | | | | | |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) Sr. | 4 | 4 | 6 | 1 | | | 8 | 4 | 7 | 3 | 2 | 4 | 6 |
| Snr. | | | | | | | | | | | | | |
| 2) esm. | | | | | | | | | | | 1 | | |
| Exm. | | | | 14 | | | | 2 | | | | | |

9) Metátese

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|--------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) pertencer | 1 | | | | | | | | | | | | |
| pretencer | | | | | | | | 1 | | | | | |
| 2) promeça | | | | 1 | | | | | | | | | |
| pormessa | | | | | | | | | | | | | |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) pertencer | | | | | | 1 | 1 | | | | | | |
| pretencer | | | | | | | | | | | | | |
| 2) promeça | | | | | | | | | | | | | |
| pormessa | | | | | | | | | | 1 | | | |

10) Lexicalização

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) tãobem | 1 | 2 | | | 1 | | | 1 | | | 1 | | |
| tão bem | | | | | | | | | | | 2 | | |
| 2) portanto | | | | | | | | | | | | 2 | |
| por tanto | | | | | | | | | | | 2 | | |
| 3) comigo | | | | | | | | | | | | | |
| com migo | | | | | | | | | | | | 1 | |
| 4) tal vez | | | | | | | 1 | | | | | | |
| talvez | | | | | | | | 1 | | | | | |

| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
|---------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| 1) autoridade | | | | | 1 | | | | 3 | | 1 | 1 | |
| autoridade | | | | | | | | | | | | | |
| 2) conflicto | | | | | | | | | 4 | | | | |
| conflicto | | | | | | | | | 1 | | | | |
| 3) satisfeito | | | | 1 | | | | | | | | | |
| saptisfeito | | | | 1 | | | | | | | | | |

12) O til

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) mão | 2 | | | | | | | | | | | | |
| mão | | | | | 1 | 1 | | 1 | | | | | 2 |
| 2) não | 13 | 2 | 2 | 1 | | | 1 | | | | | 12 | |
| não | | | | 1 | 10 | 2 | 13 | 8 | 3 | 1 | 24 | 11 | 1 |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) mão | | | | | | | | | | | | | |
| mão | 2 | | 1 | | 3 | | | | | | 1 | | |
| 2) não | | | | | | | | | | | | | |
| não | 1 | 4 | 4 | 5 | 13 | 3 | 1 | 3 | 10 | 13 | 12 | 14 | 5 |

13) O uso do “y”

| Cartas | | | | | | | | | | | | | |
|----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Palavras | 01 1827 | 02 1829 | 03 1829 | 04 1830 | 05 1831 | 06 1833 | 07 1835 | 08 1835 | 09 1837 | 10 1839 | 11 1843 | 12 1843 | 13 1847 |
| 1) ley | 5 | | | | 1 | 1 | | | | | | | |
| lei | | | | | | | 2 | 1 | | | | 2 | |
| | 14 1849 | 15 1851 | 16 1853 | 17 1855 | 18 1857 | 19 1859 | 20 1861 | 21 1863 | 22 1865 | 23 1867 | 24 1869 | 25 1871 | 26 1873 |
| 1) ley | | | | | | | | | | | | | |
| lei | | | | | 1 | 1 | | | | 2 | | 2 | |

Como dissemos antes, nosso objetivo era mostrar as palavras que variaram nas cartas em um mesmo autor e entre autores. Quanto à consoante inicial, só encontramos o *h* em poucas palavras (*hum/um*, *huma/uma*, *he/é*, *oje/hoje*). Contudo, o uso dessa consoante inicial ocorreu com mais frequência entre os anos de 1827 a 1847 nos artigos indefinidos *hum*, *huma* e na forma do verbo *ser* na 3ª pessoa, “*he*”. Quanto às consoantes mediais e finais encontramos muitas palavras que variaram principalmente ao que se refere ao emprego de *s* ou *z*, *ss* ou *ç* já que não havia uma uniformidade ortográfica na época. Nas consonates finais, encontramos dois exemplos: *assas* e *assaz*, *tres* e *trez* mais uma vez variando o uso de *s* ou *z* por questões vistas acima.

No sistema vocálico, encontramos alguns exemplos em que as vogais pretônicas e as postônicas variaram, talvez por causa da pronúncia de alguns falantes, mas não ocorria o mesmo com as tônicas que passaram quase inalteradas para o português. O ditongo “*eu*” apareceu escrito com “*eo*” nos pronomes *seu* e *meu* e o ditongo “*oi*” ora era escrito “*oi*” ou “*ou*” como se pode ver em (*dois*, *dous*, *coisa*, *cousa*). Além disso, o ditongo “*ei*” a semivogal aparece escrita com *y*. Como sabemos, essa letra foi uma herança que os latinos herdaram dos gregos. Nas cartas, há muitas abreviaturas, mas só duas variaram *Sr.* e *Exm.* A acentuação também variou em algumas palavras por não haver ainda uma convenção ortográfica. A metátese ocorreu em duas palavras: *promeça* e *pormessa*, *pretencer* e *pertencer* provavelmente fosse a pronúncia de algumas pessoas

da época. A lexicalização apareceu em cinco palavras: em *tãobem*, nas conjunções *portanto e por quanto*, no pronome *comigo* e no advérbio *talvez* possivelmente porque ainda não tinha assumido o sentido novo. Por fim, o til variou em duas palavras apenas: *mão* e *não* que aparecia também sobre a vogal “o” uma vez que esse sinal era usado sobre essa vogal no século XVIII.

Pelo exposto, podemos perceber que a variação na ortografia do português brasileiro no século XIX se deu por falta de uma convenção que uniformizasse a nossa grafia.

CONCLUSÃO

A análise dos fenômenos identificados nas cartas de leitores em jornais de pernambuco no capítulo 4, permitiu o estabelecimento de uma linha de observação sobre o sistema ortográfico do português brasileiro. Como vimos, eram freqüentes as variações ortográficas em um mesmo autor e entre autores. Não raro encontramos a mesma palavra grafada de maneira diferente. Isso pode ser constatado nos quadros que apresentamos a partir da página 113 do capítulo 4 do nosso trabalho.

Por outro lado, durante a análise dos casos, observamos, de início, que não havia uma uniformidade na grafia. A acentuação gráfica variou em algumas palavras. Havia problemas quanto ao emprego de algumas letras principalmente as silabantes tanto no início de sílabas quanto no final. Encontramos ainda irregularidades no emprego das vogais átonas pretônicas, nas tônicas, nas postônicas, no ditongo final, nas vogais nasais finais e nas abreviaturas.

Uma das principais conclusões a que chegamos neta pesquisa foi a constatação de que, na verdade, a ortografia no século XIX no Brasil era pautada, segundo Gonçalves (1992), nos critérios de etimologia, de analogia, de pronúncia e de uso. Tem razão Gonçalves (op. cit.) quando postula que, em perfeita consonância com o contexto cultural da época, os gramáticos tentaram descrever a língua portuguesa baseados nos modelos greco – latinos, ideal de perfeição e de pureza. Mas o que percebemos é que embora o critério etimológico estivesse em voga na época, mesmo assim havia transgressão à regra, isto é, palavra escrita com *s* na etimologia, mas grafada com *z* e vice – versa, por exemplo: *caza* (do latim *casa*), *creminozo* (do latim *criminosu*), *analyzar* (do gr. *analysis*). O mesmo ocorreu com as vogais pretônicas *e* e *i* às vezes não seguia a sua etimologia, por exemplo: *creminoso* (do lat. *ciminosu*), *deficil* (do lat. *difficile*), *partecipou* (do lat. *participare*), *derigida* (do lat. *dirigere*). Inferimos daí que, além do critério etimológico, provavelmente outro era utilizado com muita freqüência: o da pronúncia. Talvez houvesse alguém que as pronunciasse assim, já que encontramos as duas formas nas cartas: *creminoso* e *criminoso*, *creado* e *criado*, *creador* e *criador*, *coisa* e *cousa*, *Deus* e *Deos*, *meu* e *meo*.

Outra conclusão a que chegamos foi a de que os autores na ânsia de imitar a tradição greco – latina, por questão de gosto ou “extravagância ortográfica”, como nos

afirma Gonçalves (op. cit.), utilizavam os grupos consonantais *ph*, *th*, *rh*, *ch* (com som de k) e *y* de origem helênica. Acreditamos que, em virtude de serem desnecessários para o nosso sistema, esses grupos não aparecem na *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana de 1904. a mesma sorte ocorreu com as consoantes mudas e as consoantes duplicadas de origem latina tão usadas na época. É por tudo isso que Kemmler (1996) nos assevera que Gonçalves Viana propôs um sistema coerente de uma ortografia portuguesa simplificada. Segundo Kemmler, não só a *Ortografia Nacional*, mas também o *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa* de Vasconcelos Abreu serviram de base para a elaboração da ortografia simplificada oficializada no âmbito da reforma de 1911.

Depreendemos ainda que a inserção da imprensa no contexto cultural no início do século XIX trazida da Europa pela corte joanina corroborou de forma significativa para a difusão da língua escrita. Mas não podemos deixar de citar aqui a importância do trabalho dos ortógrafos a partir do século XVI visto no capítulo 1, a começar com Fernão de Oliveira e *A Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de 1536 até Madureira Feijó e sua obra *A orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza* publicada em Lisboa em 1734, considerada um *vade-mecum* da época. Como sabemos, esses autores se destacaram por suas soluções ortográficas para a Língua Portuguesa.¹⁸ Por exemplo, conforme Kemmler (op. cit.), os nexos consonânticos *ct*, *gd*, *gm*, *gn*, *bd*, *cç*, *mn*, *ps*, *pt* e *mpt* de origem latina alcançaram somente com Feijó todo o poder que iriam manter nos séculos XVIII e XIX. Também os dígrafos *th*, *rh* e *ph* manter-se-iam em palavras de origem grega, como vimos em alguns exemplos retirados das cartas, no capítulo 4.

Acreditamos que alcançamos o objetivo proposto neste trabalho de analisar o sistema ortográfico do português brasileiro observando como e por que as palavras variavam no mesmo autor e entre autores em cartas de leitores de jornais de pernambuco do séc. XIX. Esperamos que os resultados encontrados nesta pesquisa não se fechem nesta conclusão, mas possam incitar outras pessoas a abrir o leque de novas análises, tais como:

- A verificação da acentuação gráfica no século XIX.
- A pontuação em cartas impressas do século XIX.
- A paragrafação nas cartas de leitores do séc. XIX

¹⁸ As soluções ortográficas propostas por esses autores podem ser vistas em Kemmler (1996).

- A coesão e a coerência textuais em cartas impressas em jornais do séc. XIX.
- A comparação do sistema ortográfico utilizado no Diário de Pernambuco com outros jornais em circulação na época.

Ademais, esperamos que os casos levantados na análise do corpus possam contribuir para suscitar reflexões acerca do sistema ortográfico do português brasileiro em cartas impressas no século XIX.

Finalmente, sugerimos que esta perquirição também possa ser utilizada como material didático por professores e alunos de graduação do curso de letras e áreas afins.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Moreira de: *Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro*. IN Revista do I.H.O.B Parte 2º vol. Rio de Janeiro, 1965.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

BATTISTI, Elisa. VIEIRA, Maria José Blaskouski. In. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português brasileiro* org. Leda Bisol. 3ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, Leda. *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. D.E.L.T.A. São Paulo, vol. 5, nº 2. 1989.

_____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* / Org. Leda Bisol. 3ª ed. – Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955.

BURKE, Peter e Porter, Roy. *História Social da Linguagem*. Peter Burke e Roy Porter (orgs). Tradução Álvaro Hattnher. – São Paulo – UNESO, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. Luiz Carlos Cagliari. Editora Scipione, São Paulo, 1995.

_____. *Análise Fonológica: Introdução à Teoria e a Prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Luiz Carlos Cagliari. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Padrão – Livraria - Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1980.

CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Universidade Aberta. Lisboa. 1990.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e Apagar: Cultura e Literatura/ Roger Chartier*, Tradução Luzmara Curcino Ferreira – São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Os ditongos decrescentes <ou> e <ei>: esquema de um estudo sincrônico e diacrônico*, in *Dialectologia Portuguesa*, col. Nova Universidade – Lingüística, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1983.

COLLISCHONN, Gisela. *A Sílabas em Português*. In. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português brasileiro/ org. Leda Bisol*. 3ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Ismael de Lima Coutinho. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro, 1976.

CUESTA, Pilar Vázquez e Luz, M.ª Albertina Mendes da, *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, 1971.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística História. Uma Introdução ao Estudo das Línguas*. Editora Ática, São Paulo, 1991.

_____. *Escrita e Alfabetização*. Carlos Alberto Faraco. 6ª edição. São Paulo: Contexto 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Repertório muito completo. Contém os brasileirismos mais correntes, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J. E. M. M, Editores LTDA. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª Edição – Revista e Ampliada Editora nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1986.

FLEXNER, Stuart Berg. *Random House College Dictionary*. Wester's. New York. 1995.

FRAGA, Rose Mary. *O Envolvimento na Linguagem Jornalística do séc. XIX – Cartas de leitores*. IN: PESSOA, Marlos de Barros. *Língua, Textos e História (Manuscritos e Impressões na História do Português Brasileiro)*. Marlos de Barros Pessoa (org.) – Programa de Pós – Graduação da UFPE, 2005.

GILMONT, Jean – François. *Reformas protestantes da leitura*. In: Cavallo, Guglielmo/Chartier, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*, 2. Trad. De Cláudia Cavalcanti et alli São Paulo. Ática, 1999.

GOMES, Valéria Severina. *História do Editorial Jornalístico em Pernambuco: O que Mudou e o Que Permaneceu no curso desta tradição Discursiva?* IN. PESSOA, Marlos de Barros. *Língua, Textos e História (Manuscritos e Impressões na História do Português Brasileiro)*. Marlos de Barros Pessoa (org.) – Programa de Pós – Graduação da UFPE, 2005.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó/ ortografista do séc. XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Maria Filomena Gonçalves. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

GUEDES, M. e Berlinck, R. (orgs). *E os Preços Eram Commodos... Anúncios em Jornais Brasileiros – séc. XIX*. São Paulo: Humanitas, 2000.

HAUY, Aminí Boainain. *História da Língua Portuguesa: Séculos XII, XIII, XIV*. Editora Ática, São Paulo, 1989.

HOUAISS, Antônio. *A Nova Ortografia da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1991.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*/ Antônio Housaiss e Mauro de Salles Villar. Elaborado no Instituto Antônio Housaiss de lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C LTDA. Rio de Janeiro; Objetiva, 2001.

HYMAN, Larry M. *Phonology: Theory and Analysis*. Copyright. By Holt, Rinehart and Winston all Rights Reserved. Printed in the United States of América, 1975.

KEMMLER, Vorgelegt Von Rolf. *Esboço Para uma História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do séc. XVI, até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Tese de Mestrado. Na Neuphilologische Fakultät der eberhardkarls – Universität tübingen, 1996.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. Miriam Lemle. Editora Ática. São Paulo, 1988.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Curso Médio. Prefácio de Serafim da Silva Neto, 12.ª Edição, F. Briguiet & Cia, Edições, Rio de Janeiro, 1967.

LOPEZ, Bárbara S. *The Sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese (Doutorado, PhD) – Los Angeles: University of California, 1979.

MICHAELIS, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo; Companhia Melhoramentos, 1998.

MONARETTO, Valéria N. O. et. all. In. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português brasileiro*/ org. Leda Bisol. 3ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1ª ed.. 2 vols., Confluência, Lisboa, 1952-1959; 3ª ed., 5 vols., Confluência, Lisboa, 1977.

NETO, Serafim da Silva. *História da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952-1957; 2ª. Ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1970; 3ª., MEC/Presença, Rio de Janeiro, 1979.

_____. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1956; 2ª ed., Grifo, Rio de Janeiro, 1976.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. (Fonética e Morfologia)*. José Joaquim Nunes. 7ª Edição Lisboa, Livraria Clássica ed. 1975.

OLIVEIRA, J. Gonçalves de. *Subsídios A História da Imprensa Oficial em Pernambuco*. Recife, 1986.

OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Fernão de Oliveira. Por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 1975.

ONIONS, C. T. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. C T. Onions With The Assistance of G. W. S. Friedrichsen and R. W. Burchfield. Oxford University Press, 1966.

PESSOA, Marlos de Barros. *Da carta a outros gêneros textuais*. In: Maria Eugênia Lamoglia e Dinah Callou, orgs. *Para a história do português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos*. – vol. IV. Rio de Janeiro, UFRJ/FAPERJ, 2002a.

_____. *O Gênero Notícia no Brasil; notas para uma História*. Trabalho apresentado no V Seminário do Projeto “Para a História do Português Brasileiro” Ouro Preto, 17 a 21 de setembro de 2002b.

_____. *Língua, Textos e História (Manuscritos e Impressões na História do Português Brasileiro)*. Marlos de Barros Pessoa (org.) – Programa de Pós – Graduação da UFPE, 2005.

PIEL, Joseph Maria. *Estudos de Lingüística Histórica Galego – Portuguesa*. Estudos Gerais. Série Universitário. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

PIKE, K., PIKE, E. *Immediate constituents of Mazateco syllables*. International Journal of Applied Linguistics, 1947.

ROBINS, R.H. *Pequena História da Lingüística / R. H. Robins*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico; Brasília: INL, 1979.

SAID ALI, Manoel. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª Ed. Ver. E Atualizada. Brasília, Ed.da Universidade de Brasília, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Ferdinand de Saussure. Editora Cultrix – São Paulo, 2006.

SELKIRK, Elisabeth. The silable, HULST, Harry Van Der, Smith. *The structure of phonological representations* (part. II). Forions, Dordrecht, 1982.

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lisboa, 1789, 10ª ed., 12 vols., Confluência, Lisboa, 1949-1959.

SILVA, Myriam Barbosa da. *Leitura, Ortografia e Fonologia*. São Paulo: Ática, 1981.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *O Português Arcaico: Fonologia*/ Rosa Virginia Mattos e Silva. 3ª Ed. – São Paulo Contexto, 1996.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. Thaís Cristóforo Silva. 9ª edição – São Paulo: Contexto, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil / Nelson Werneck Sodré*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Inalda Rodrigues de. *A Língua Portuguesa: Uma Introdução Histórica*/ Inalda Rodrigues de Souza. Recife: ed. Universitária da UFPE, 1990.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Paul Teyssier. 3ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TRUBETZKOY, N. *Grundzüge der Phonologie*. Gottingen: Vandenhoeck; Ruprecht, 1939.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. *Lições de Filologia Portuguesa, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1946.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*, 1ª ed., A. M. Teixeira, Lisboa, 1911; 2ª ed., Biblioteca Nacional, Lisboa, 1926; 3ª ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia Nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904.

WILLIAMS, Edwin B[ucher]: *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Biblioteca Tempo Universitário 37, 5.ª Edição, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1991.

ANEXOS

Diario de Pernambuco No 30

Hoje Quinta Feira 8 de fevereiro de 1827

Havendo o Povo Braziliense mui / espontaneamente dado ao Sr. Pedro I (ilegível) ainda antes do Brazil estar / constituido, o titulo de Imperador, / claro està que que como tal lhe compete o / tratamento que se lhe dá. M. I., / não constando, porém Sr. Redactor, / que o Povo Braziliense por si, ou por / seus representantes tivessem concedido / a mais individuo, ou corporação al- / guma hum tal titulo, não sei porque / rasaõ com que direiro, ou porque au- / thoridade Illama. / Junta da Fazenda / Publica d'esta Província, arroga-se o / tratamento de M. I. , tratamento que não tem nem o poder legislativo da Nação pela Constituição que na mes- / ma se há jurado, e que por Junta / conhecer-lhe não competia já o havia / deixado de mão, mas que em 1826 / tornou a assumir.

Nas devações geraes a que proce- / dem os Corregedores em correições / nas Cidades, e Villas do termo de suas / comarcas, inquirem testemunhas so- / bre aquellas pessoas que uzaõ do ti- / tulo de Dom sem lhes pertencer, em / consequencia de huma de nossas leys / a qual impoem penas as pessoas que / convencidas são de hum tal crime; / ora, se quem usza do titulo de Dom / sem lhe pertencer he criminozo, o que será a Illma. Junta da Fazenda da Porvincia, que exige o de M. I. , sem / que para isso esteja authorizada por / ley, alvará, ou decreto algum de legi- / tima authoridade ?

Ainda que muitas reflexões occur- / rem agora a minha imaginação sobre este objecto Sr. Redactor, para não ser / estenço, somente lançarei mão das se- / guintes. A cada passo se vê o ridiculo / de exigir a Illma. Junta da Fazenda a / qual nenhuma delagação tem de sobe- / rania Nacional, o tratamento de M. / I. , que só compete aos tres grandes / poderes do Estado; que dizer, a os / poderes legislativo, Executivo e Ju- / diciario.

Quando os homens Sr. Redactor; / deixando o estado da natureza se vie- / raõ reunir em o de sociedade, não foi / certamente para que cada hum fizesse / n'elle o que quizesse, se não para se- / rem mais felizes n'este do que n'aquel- / le, fazendo somente aquillo que a de suas repartições, corpora- / ções, e mesmo cada hum de seus mem- / bros podessem fazer o que lhes aprou- / vesse, sem respeito a ley nem as Au- / thoridades legitimamente constituidas, / esse Povo não gozaria de nenhuma das / vantagens que com sigo tras ao ho- / mem o estado de sociedade, porque / tudo seria confuzão e desordem, e to- / dos n'elle se achariaõ piores do que / se estivessem vivendo no estado primiti- / tivo.

Como quer o tratamento de M. I. / a Illustrissima Junta da Fazenda d'es- / ta Província, a qual, não só manda o / Ministro do Thezouro Publico da Cort- / te do Imperio, como também o Ex- / cellentissimo presidente do Governo/ da mesma ? Pois o Presidente do Go- / verno de huma Província tãobem man- / da a S. M. I. ?

Suponhamos Sr. Redactor, que te- / nho de fazer certo requerimento a S. / M. I. (porem attenda Sr. Redactor, / que fallo agora de S. M. I. o Sr. D. / Pedro I rezidente no Rio de Janei- / ro; e não de S. M. I. a Illustrissima / Junta da Fazenda da Província,) cu- / jo requerimento depende de huma in- / formação da Illustrissima Junta, e que / para

obviar delongas quero requerer / a mesma para que haja de informar mi- / nha petição; como hei de requerer ? / Se disser – Diz F., que tendo de re- / querer a S. M. I. tal couza que de- / pende de informação de VV.EE. e SS. – não recebem no Erario meu / requerimento, como não há muitos di- / as aconteceu com hum do Dezembargador Caetano Xavier Pereira de Bri- / to, que o Contador Joaquim Xavier / Ferraz de Campos mandou o Procura- / dor do dito Dezembargador fizesse ou- / tro requerimento dando a Illustrissi- / ma Junta o tratamento de M. I. Se / requerer dizendo – Diz F., que tem- / do de requerer a S. M. I. tal couza / que depende de informação de V. M. / I., e que V. M. I. haja por bem de / informar a S. M. I. – sem duvida passarei por doudo; e assim confesso-lhe Sr. Redactor, que de laberinho / tal não sei como sahirei.

Porem Sr. Redactor, como eu vi- / va em hum Paiz que não está debaixo / de huma despotica forma de governo, / no qual so o Soberano he livre e mais / ninguem, por isso, me dirijo a Vm. / para que incerte em seu jornal esta / carta a fim de vermos a Illustrissima / Junta da Fazenda nos apresenta a ley, / que regula o tratamento que exige, / pelo que muitissimo obrigado ficará a / Vm. Quem lhe

De Vm.
Attento venerador
Hum Pernambucano.

Anno de 1829

Diario de Pernambuco

Segunda Feira 5 de janeiro.

Bem longe d'entreter opiniaõ contraria / áquella, que sempre entretive do Thezou- / reiro, e mais agentes do Loteria Publica em / favor do Seminário de Olinda, notto porem que se não tenha publicado huma Lista Ge- / ral, empreça, porque em realidade quem ar- / riscou o seu dinheiro, e na melhor fé, quer taõbem na mesma boa fé, ter um dezenga- / no em forma. Eu ví Srs. Redactores, quei- / xumes contra o Thezouzeiro, que precedeo / o actual, e não me atrevo a dizer, que fos- / sem bem fundados, mas se assim he, elles taõbem revertem agora sobre o Sr. Martino.

Sou Srs. Redactores.

O Amigo dos Esclarecimentos

Nos estamos bem informados por via / do Impressor da nossa folha, que o actual / Thezouzeiro nenhuma culpa tem na demora / da publicação da lista exigida: assim como / estamos persuadidos da boa fé de qualquer / dos Empregados nessa administração; casos há, que se não podem prevenir, mas quanto / á nós, se se não tivesse dado tanto apreço / aos gritos de corra a roda, a lista não leva- / ria quase 15 dias sem ser impressa pois nos / consta, que hoje (4) he que ella chegou / a Imprensa.

Os Redactores.

O Cruzeiro
Quinta feira 1º. de julho de 1830

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor.

Muito lhe agradeço o favor que/me fez, publicando a minha carta em/o numero 35 do seu estimável Cruzeiro,/dando desta arte mais expansão e publi-/cidade aos milagres do bem aventurado/Jacobino, digno por certo de ser colo-/cado em alto e vistoso nicho para per-/petua memoria dos que pertencerem(sic) na/tepor Justiça a milagres d'aureo cunho./ Sim meu caro Redactor, eu prometi, e/pedi licença a Vm. Para continuar com/ a narração dos ilagres do meretissimo/Juiz, e como sou escravo da minha pa-/lavra, sija-o Vm. Da sua promessa, dan-/do ao que vou referir a mesma publicida-/de: oussa.

Marcelino de tal, foi possuidor de huma Fazenda denominada Santa Ma-/ria sita no termo da Villa de C__bres:/foi este Marcelino cazado porem não te-/vê herdeiros, mas tendo creado como/filho hum sobrinho de sua molher de/nome Vicente Ferreira da Costa, por/sua morte constetuiu o seu herdeiro e tes-/tamenteiro: o Testador he finado a mas-/is de 20 annos, e por outro tanto tem-/pó a'possuido o dito Costa esta Fazen-/da sem encontrar o menor obstáculo,/por parte mesmo de todos os Ministros/que ali forão de correição, antes do mi-/lagroso Jacobino; este integérrimo Mi-/nistro porém, que tem huma prespica-/cia alem de toda a penetração de todos/esses toleirões que o antecederão, desço-/brio (o'medula das descubretas !) nuli-/dade no Testamento, e julgou a Pro-/priedade na balança da Justiça e dos/milagres...

Então, accudindo o tal vicente todo/cheio de respeito e esperanças – exclama:/ - Snr., eu conheço que não sou digno/ e nem tão pouco merecedor de possuir/ a Fazenda sem os auxilios da vossa gra-/ça, mas conforme a praica das vossas acções e palavras a minha fazenda se-/ra' salva: - disse, e coiza pasmosa !) desenrolando da cintura aurea e inros-/ cada surucucú precipita-a na couxa dos/milagres, e n'hum momento pende o pa-/ra ella o venal fiel, ficando todos em/santa paz. Computa-se o valor da curu-/cucú em 1050\$000! animalzinho este,/ que o tal Vicente fadigas e/suores. Permita-me agora Sr. Reda-/ctor que eu dirija as minhas preces a es-/te miraculoso Jacobino: sim o' *glorioso e bem aventurado* Jacobino ! Permitti que/de *bem longe* vos saúde, vos admire, e/que as minha voses chegando ao Trono/ da imparcial Astrea, tenha de caber (ilegível)/a honra de ser o pregoeiro da Justa re-compensa dos vossos méritos assignala-/dos. Eu bem sei que não sou digno da/vossa honra por que justamente conhe-/ceis o quanto acanhada a minha al-/ma repugna tão sublime dom, mas se/he licito ao vosso encomiasta receber por/tal preço hum ar do vosso affecto, eu me/ valho delle para rogar-vos, que recon-/centreis vossos milagres no meio dessas/*almas fortes*, aonde igualmente os eflu-/vios da vossa graça dão fortaleza a hum/*bem aventurado* João Barbosa, Cara-/peba &c. &c.; embora fassais, de com-/mum cordo com elles creminoso e in/(legível) vingador da

virtuosa Mãe dos/ 11 Orfãos por traspassar o negro coração/do monstro assassino, ainda que o de-/via fazer e a todos os de mais (perdoai me/o excuso) que lhe incumbirão a vil em-/preza: embora! Com tanto que pague a/caro os milagres desse gadazio formido-/loso ! Aproveitai-vos Sr., eu vo-lo-ro-/go; as redes habilmente langadas n'um pescueiro, podem dar-vos peixe de ato-/la dente, ate a ressurreição dos capu-/xos, em nada comparável a ninharia do 1050\$000 de, Vicente Ferreira da Cos-/ta.

Eu sou do milagrozo e integérrimo/Ministro O Pregoeiro, e do Sr. Redá-/ctor criado muito venerador.

O Amigo do Bem Publico.

Snr. Redactor

Anno de 1831
16

Sexta Feira 21 de Janeiro

Numero

Diario de Pernambuco

-Pede-se a publicação da seguinte correspondencia

Meo bom amigo

Quem deverer nomeiado para Depu- / do ? Deverá ser reeleito o Snr. Olanda / Cavalcante ? Eis o que me perguntas, e / o que faz oje o objeto de quaze todas as / conversasões. Alguns dizem que elle deve / ser reeleito; e outros indigitão ao Snr. Dou- / tor Antonio Peregrino Maciel Monteiro, ou / ao Snr. Antonio Joaquim de Mello. Prece-/ damos a escrupolozo exame sobre cada um dos trez Candidatos, principiando pelo mes- / mo Snr. Olanda.

Em a legislatura, que findou em 1829, o / Snr. Olanda conservou na Augusta Câmara / dos Snr. Deputados a melhor, e mais pa- / triotica conducta, combatendo, sempre, e / com o maior denodo, as arbitrariedades do / Governo: foi elle quem em 1829 acuzou ao / Ministro da Guerra, pela criação da Comis- / são Militar n'esta Povincia. Em 1830 tor- / nou-se original em suas votações, e ultima- / mente aceitou a Pasta da Fazenda. Mas se- / rá isso sufficiente para excathedra, afirmar-se / que o Snr. Olanda já não é o mesmo ho- / mem, e que se bandeou ao partido do pó- / der ? Em verdade são bem reprehenciveis / as originalidades do Snr. Márquez de Par- / naguá, segundo corre, impera como senhor / absoluto escoltado pelo Snr. Conde do Rio / Pardo: porem não julgamos isto bastante / para o supormos mudando, queremos dizer, / sectário dos inimigos na Nação, por cujos / interesses elle tanto pugnou, e antes nos in- / clinamos a crer, que aceitou a pasta na per- / suasão de ser util á sua Patria; e nem nos / pode servir de regra o que disse o Redactor / da Nova Luz, nas reflexões insertas no Dia- / rio N°13 porque não devemos já mais ju- / rar sobre a palavra de qualquer, sem que / nos convençamos da sua justeza. Vejamos / agora qual tem sido a conducta do Snr. O- / landa depois que entrou para o Ministerio. /

A Aurora o elogia por ter mandado pu- / blicar todos os Actos do seo governo; e que / a despeito de todas as conciderações manda- / ra proceder contra o ex-Comissario Albino / Gomes Guerra, por portaria de 23 de No- / vembro; que recuzára tomar em conta a despeza que a Junta da Fazenda d'Alagoas / fizera para festejar o Dia Natalício de S. M. / a Imperatriz, por não ser determinada essa / despeza na Ley: que dimitira

alguns Escri- / vaens Deputados, que não mandarão os ne- / cessarios orçamentos, sendo um delles An- / tonio Mariano d'Azevedo; e que ultimamente / se dizia, querer elle deixar a pasta. O Snr. / Olanda tem contra si a sua mesma opinião, / emitida quando Deputado, de que a Nova / Luz lançou mão. Mas taðbem não axo su- / ficiente esse motivo, embora seja o prinei- / pio estabelecido por elle mesmo; porquanto / seria o maior dos absurdos perder um Cida- / dão a confiança, que justamente merecera / da Nação unicamente pelo fato de ser Mi- / nistro d'Estado, pois que dahi resultaria / não o querer ser, se não o homem venal e / corrompido. Este principio q'estabelesceo / o Sr. Olanda é mais uma prova da sua tão cen- / surada originalidade. Passemos aos outros.

O Sr. Doutor Maciel Monteiro possui / grandes conhecimentos, e é eloquentissimo. / Tem francamente patentiado desde que a es- / ta Provincia regressou da França, onde fô- / ra estudar, os sentimentos os mais liberaes, / e se não me engano, será um excellente / Deputado.

O Sr. Antonio Joaquim de Mello não / possui tão grandes conhecimentos como o Sr. Monteiro; mas é de um caracter inveria- / vel; e o seu patriotismo está reconhecido a / prova de bomba; em fim é um liberal ex- / perimentado nas crises as mais perigozas.

Tenho expendido o que sinto a res- / peito dos três indicados para serem eleitos. / mas a qual deveremos preferir ? Eis o que / não me cumpre decidir; e por isso digo-te / que votes naquelle, de quem formares me- / lhor conceito, dirigindo-te unicamente pelo que te ditar a tua consciencia.

Anno 1833
25

Quarta Feira

30 de Janeiro

Numero

Diario de Pernambuco

Correspondencia

SNR. Redactor - Queira Vmc. Aceitar / os parabéns que por meio de sua folha dou / aos Guardas Nacionaes do recife em com- / seqüência de já se achar criado o Conselho / de Disciplina, ainda que ignoramos quan- / do principiarão os seus trabalhos, no entre- / tanto o Senhor N. Zangado deve ter a glo- / ria de ter motivado esta execução da Ley / aproveito esta ocasião para em duas pala- / vras responder ao seu anuncio do Diario d'hoje a respeito do Senhor Breck-mesfreg, / que com toda a sua dignidade não pòde dei- / xar de mentir no momento em que lhe deu / a satisfação de não Ter visto o autografo da / sua mão visto que o contrario disse a pés- / soas muito capazes as quaes se for preciso / aparecerão ao publico.

Seu venerado
O Nacional Moderado.

A Quotidiana Fidedigna. Periódico Poletico, Moral, Literario, e noticioso.
Segunda feira, 9 de fevereiro de 1835.

Publicação a pedido

A repetição de seus officios que tenho/em vista, com que tanto tem acrizolado a/minha circunspecção; me deixa o desengano/de que V. S. tem projectado sempre meno- /cabar a minha authoridade publica: alias,/não inculcaria a respeito do Serviço publico/sobre cousas de mera etiqueta, não desco/nhecida pelos de bom senso.

Tal vez, como me disse, por intender os/seus deveres pelo diverso modo, com que in-/tendo os meus: presumindo V. S. desse mo-/do Ter inspecção, ou, mesmo authoridade/para impor-me onus, e marcar-me respon-/sabilidade, senso imaginaria, sem attenção/a differença do Emprego, avaliando assim os/seus mesmos deveres com superioridade so-/bre os que me compete dados ao Cargo/que desentamente tenho occupado. E com ef-/feito, se assim V. S. não o imaginara, naõ/insistiria á profia sobre matérias alheia, de/que não se addançaria pedir-me informações;/que me não tocão; e somente cabem á quali-/dade subalterna, e não a huma authoridade/constituída.

Nem menos se deve presumir; tenho a/ponderar-lhe, sobre exigir de mim instru-/ções, que apenas as deve solicitar e pedi-llas/ ao Cartorio; como para isso autorize a Lei aos/escrevães, como independencias de mandados/de Juiz. Se pois V. S. attentamente advertis/se, não se revolveria a maltratar-me, e pro-/vocar-me com dicerios sem delicadeza nos/seus repetidos officios, de que se queixa,/não responder-lhe; não repeteria officiar-me/sem razão marcada na Lei, ou que man-/de diffirir-lhe, e responder-lhe a tudo officio-/zamente: não exigiria de min finalmente /informações, com urgencia, em tom de Ma-/gestrado sobre negócios apartados do Circulo/da minha Jurisdiçam; o que é mais notável;/como me empraça, e insta sobre o negocio da/prizão de Joaquim Baptista, e Mello, de que tratão os seus Officios de 4 a 5 do corrente,/tendo inutilmente me escripto; por dever de/estar certo V. S., que me escuzado a/este respeito no Officio de denuncia, que lhe/tornei, onde Jurei suspeição: logo pois co-/mo me provoca, e me torce a carreira, sem/formalidade, attribuido-me razão de deli-/gencias, ou, execuções, em que me não em/volvi, nem cooperei, ou sube; pois nada ti-/nha a fazer, pela mesma escruza a respeito/desse réo ? E por consequencia em todo o/procedimento, que pode lhe dizer respeito,/e do outro pronunciado.

Todavia saptisfaço o seu pedido com a co-/pia, que ordenei, e passou a informa-me o/Escrivão, que assas(sic) justificativa esta execução da/prizão feita pelo Inspector com elle; e reco-/nhecerá assim V. S. a exacção da minha com/duta Publica: e igualmente lhe envio a par-/ticipação dos Feitos remitidos a este Juizo,/ o que formou o mesmo Escrivão no, quadro/do mappa, que lhe vai as mão, em virtude/do Art. 38 das instrucções; e que eu, quan/do antes, havia recomendado, lhe fossem/communicados, com outros lhe forão, pelo/Officio de 30 de Setembro do preterito. Deus/Guarde a sua pessoa &. Olinda 7 de janei/ro de 1835. – Illm. Snr. Dr. Promotor M. Lourenço Trigo de Loureiro – Francisco Antonio de Oliveira Rozellis, Juiz de Paz.

Anno de 1835

Sexta Feira 30 de Janeiro

Numero 513

Correspondencia.

Snr. Redactor.

Pezando sobremaneira a minha reputação, e de-/vendo apresentar aos meus concidadãos os motivos, /que me forçarão a acompanhar por algumas horas no/21 do corrente ao chefe dos sediciosos Francisco/Carneiro Machado Rios, facto que bastante disfigurado/vem no seu Diario N. 588, eu o passo a fazer com sin-/geleza, e verdade, esperando que Vmc. dê publicida-/de em sua mesma folha como escriptor imparcial.

Achava-me no exercício de Major de Legião, e pre-/parava-me para comparecer na Parada em frente de/Palacio, em virtude das ordens do Exm. Snr. Pre-/sidente, quando soou o signal da revolta: nesse mesmo/tempo sahi para me ir apresentar ao chefe de Legião,/ o encontrado ja no tal Campo dos Canecas, que é mes-/moem minha porta porção pequena de gente ar-/mada, e com ella o dito Francisco carneiro, o qual/vendo-me dirigio-se a mim, com estas formaes pala-/vras – não é Major de Legião? – Respondi-lhe que/estava exercendo esse lugar – Pois então acompanhe-me – Confesso, Snr. Redactor, que faltou-me a ne-/cessaria presença d'espírito e coragem, dote que a/natureza não deo a todos, para responder-lhes como/devia; mas d'um lado a presença de um homem furi-/oso respirando só vinganças; d'outro lado vendo-me/cercado d'assassinios a seu mando, fizerão que eu o/obedecesse, e acompanhasse: fui com elle ao Quartel/dos Municipaes, de lá ao largo de Palacio, e na scena/que teve lugar entre elle, e o digno Juiz da Paz, o Snr. Gusmão(que segundo me consta é um do meus/maiores perseguidores; não sei porque...) fui eu,/e não o dito Carneiro quem vedei a que atirassem, no/Senhor Gusmão. Voltamos ao tal Campo, e ahi po-/dendo illudir a vigilancia do Chefe dos sediciosos, me-/ti-me em minha caza ordenando a minha família, que/se alguém me procurasse decesse que ainda não tinha/voltado. Não fui a Boa-vis, nem acompanhei ao ou-/tro Chefe A. Carneiro como Vmc. avança. Eis a pu-/ra verdade. E poderei ser criminisio por ter sido com-/duzido a forca as fileiras dos rebeldes? Não estiverão/ali tãoobem por igual modo muitos inferiores, e G./N. Hoje desembaraçados, e até aquartelados prestan-/do serviços? Cidadão pacifico, obediente a lei, cui-/dando só na manutenção de minha família, eu nunca/ me envolvi em questões Políticas de natureza alguma,/e pouco conhecido era até quando fui eleito Capitão da/6^a Companhia do Batalhão N., deste Bairro, e que co-/mo tal unicamente entrei a ser mais conhecido. Não sei em que pude desafiar a cólera de um punhado de/inimigos gratuitos, que não cessão de accusar-me, al-/guns dos quaes talvez pretencessem ao numero dos re/beldes, mas que sendo dos que gostão de tirar a sardi-/lha com a mão do gato, e vendo, que o negocio gorou/ tornão-se hoje vis denunciantes dos seus companhei-/ros; e outros dos que chamando por quanta esquina/há nesta cidade a favor do governo, e contra os a-/narquistas tiverão a cautela de dias antes porem os se-/us corpinhos a salvo occultando-se.

Tenho com luido, Senhor Redactor, minha fiel ex-/posição; acho-me occulto, sofrendo não pequenos pre-/juizos em meus interesses, auzente de minha família/&c. &c. Sem ter cometido crime; porem fiado em/que a verdade, tão clara como a luz meridiana, por/si mesma se faz conhecer espero, que ella subirá ao/Tribunal da Razão, e da Opinião Publica, e que em-/tão se fará a justiça de que é credor o acusado sem cri-/me,

Sou Snr. Redactor

De Vmc.

Attento Venerador e Criado

Antonio Prisco da Fonceca Carneiro.

Anno de 1837.

Quinta Feira

19 de Janeiro n. 15.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactores.

Este anno ainda me não foi ir/tratar de negócios nem a alfândega nem á mesa das diversas Rendas, mas casualmen-/te passando pela praça ouvi varios negoci-/antes queimarem-se de estado daquellas du-/as repartições, dalli huns dizião “nada/isto não vai bem:” daquella parte outros/” He preciso que isto leve volta.” Os/Ingleses “my god” os de/mas em pire” os Hespanhoes. “Caram-/ba” em finm Srs. Redactores só os trapi-/cheiros, he que descançadamente bebião/nos diversos botequins o sue refresco com/muita saptisfação; para me desenganar subi logo a Meza das Diversas Rendas e as/primeiras palavras que ouvi pronunciar/forão “despacho de Barricas não sabe no/mesmo dias em que entra.” Bello Bellissi-/mo. Srs. Redactores que quer diser isto?/Pois quer o Sr. Administrados que os vo-/lumes pequenos sejam repesados nas balan-/ças publicas, e que passem toda a noite/expostos ao mão tempo? As Balanças/dos Particulares terão falta de azeite? Na-/da aqui há huma das duas ou S. S. quer/ opprimir o Commercio; ou há aquella/certeza do grão composto; sofra embo-/ra o commercio S.S. com isto nada sof-/fre. Fiquei desenganado que era justo o/que se disia relativo a esta repartição, e/ fui incontinente a Alfandega ondi vi o ac-/tual Inspector cercado de povo coberto/de suores, em cada papel que pegava o-/lhava para os (ilegível) novos regulamentos que/ tinha hum a bombordo e outro a este/bordo e nestas olhaduras se levava todo/o tempo do expediente; disserão-me ali que/os despachos tinham tarja a maneira de/requerimento e que erão lançados antes/da sahida da fazenda, diriji-me logo a me-/za dos lançamentos e julgado alli encon-/trar 4 Tachigraphes encontro 4 Escreven-/tes que em cada hora trabalharão hum/quarto sendo os outros trez para aparar/(ilegível), conversar, e tomar rapé. A-/vista disto fiquei persuadido

Queira publicar estas (ilegível) linhas na/sua folha.

O Boxas.

Anno de 1839, Sexta Feira 11 de Janeiro Numero 9.

Correspondencia

Senhores Redactores. – A entrada de um novo anno, dá-nos lugar a perdi-lhes tenhaõ a bondade activar alguns em-/pregados, particulamente ao Snr Bento/joaquim de Miranda Henrique Juiz do/Cível da terceira Vara, a bem cumprirem seus deveres. Terá este Senhor a bonda/de de marcar para suas audiencias huma hora/mais commoda, que as onze do sai, como/seja as nove e dez, emq eu a dão os ou-/tros seus Collegas? Não continuará elle a/faltar ainda a essas horas, e a ir ao meoi/dia com manifesto encommodo e prejuizo das partes? Deixará elle de se retirar por/dias para sua casa de campo no Poço da/Panela, forçando as partes a cami-nhar mais de uma legoa para obterem um/despacho, que ali mesmo he demorado por horas, porque o senhor Juiz ora está no banho, ora jantando, ora sentado, e o/ra no almoço e jantar? Vigiem, comi-/go Senhores Redactores a conducta dos Magistrados, e se a não fa-/zer lhes as merecidas observações e cenu-/ra, e contem com a volta de...

Hum dos prejudicados.

Anno 1841 Quinta Feira 11 de Janeiro Num. (ilegível)

Snrs. Redactortes

Bem que o Sr. Manoel Joaquimdo Rego e/Albuquerque, Sub-Prefeito da Freguezia/(ilegível) Affogados, tenha boas amizades nesta Ci-dade, goze de consideração e estima; e por/isso não precise de minha faca penna, (a não querer usar da sua) para o defender refutan-/do a correspondência que pelo seu Diario fez/publicar em 2 do mez corrente o Sr José Al-/ves de Souza Ranchel, tachando o mesmo Sr./Rego e Albuquerque de pouco circumspecto e/ calumniador; todavia em a vista desse proce-/dimentoinjusto do Sr. Ranchel, e estando a/ par de quanto ocorreo nos Affogados por oc-/casião das Eleições, não posso conservar-me/silencioso, e justo he, que em abono da ver-/dade, diga alguma cousa a tal respeito. Não/intendo tecer elogios ao Sr. Rego e Albuquerque/que, pois que he elle bem conhecido em/Pernambuco, seu paiz natal; e menos pré-/tendo apresental-/o ao Publico a par do Snr./Ranchel para que sejam confrontados as quali-/dades e capacidade de cada hum, porque o/mais míope homem pode ligeiramente decidir/de que parte feca a superioridade,visto que qve/a desigualdade he bem palpável: meus fins são mostrar, que o Sr. Rego e albuquerque/não podia ser tachado de pouco circumspecto,/e calumniador por qualquer pessoa (a não ser o Sr. Ranchel) por dizer em seu officio, fir-/mado em dias do mez de Dezembro do anno/ p.p., dirigido ao Sr. Prefeito da Commarca,/espondo quanto ocoreo no dia 14 do mesmo/mez, por ocasião das eleições Primarias; que estava informado; que o Sr. Ranchel fi-/cará postado com huma força armada de G./N., paizamos e escravos, entre Piranga e/Remedio, disposto a cumprir as ordens dos/que pretendião perturbar a ordem publica./ O Snr. Sub-Prefeito cumprir hum dever/inherente a seu

cargo dirigindo essa parte ao Sr. Prefeito, e quando disse que estava in-/cimado que o Sr. Ranchel commandara essa/Força &c. Participou o que dizia a voz publi-/ca, pois que correo geralmente essa noticia/nos afogados (ainda hoje passa por certa) e/dizem que ouvida de G. N. Que comparecerão/armados para votar na eleição. Assim poiso/Sn. Rego Albuquerque dizendo que estava in-/formado, que não affirmou que alli esteve o/Sr. Rangel, e sim communisou o que/ chegou a sua noticia. Como a vista desse/ modo de fallar pode ser tachado de calumnia-/dor? O Sr. Rangel procurou saber se appa-/receraõ essas noticias nos Afogados? Estou./ que não. Se indagou. Constou-lhe que um-/ca se desse tal cousa? Duvido. Fica por/ tanto demonstrado que o Sr. Ranchel, dei-/xando de justificar-se do que se dizia a seu/respeito, só quis chamar pouco circumspec-/to, e calumniador ao Sr. Rego Albuquerque.

Eu concedo, e sempre concedi que o Sr./Ranchel não occupou esse comando de/que se trata, porque o conheço, e divizo/nelle muito desembrço para fallar: e bas-/tante receio para obrar: talvez esteja eu em-/ganado. O simples offerecimento que faz o Sr. Rangel de 13 Cidadãos, cujo merito e/capacidade eu reconheço (posto que não co-/nheça o ultimo de que falta) que o virão du-/rante o dia 13 nos Bairros do recife, parece/que não prova bem que não podia ter estado/tãobem nos afogados nesse dia, e concorrido/com algum serviço para quanto se tentava pôr/ali em pratica; porquanto esses Srs. Aponta-/dos, e muitos outros o podiaõ ver toda a ma-/nha no Recife, e mesmo em algumas horas/montar no seu cavallo, e seguir ligei-/ramente ao ponto que fosse destinado; e/porque não podesse ser representada a For-/ça, voltar caladinho a apresentar-se no Reci-/fe, e ser visto de muitas pessoas.

He tão longe o afogado que não possa isso/Ter lugar? Certo que não De hum dos Em-/penhados na força sei eu, que depois das 4/horas da tarde foi visto nos bairros do Recife/conservando com varias pessoas; mas não fal-/tou na Povoação dos Afogados a hora marca-/da. Por tanto eu acho acertado que o Sr./Rangel dê melhor sahida a este negocio do/que o fez na citada correspondencia. Prin-/cipie por provar que tendo entregado a sua/lista para Eleitores, e a meza aceitando-a,/não assignou com seu nome huma represen-/tacion derigida ao Exm, Presidente da Pro-/vincia, dizendo que os nella assignados não tinham votado por a meza não aceitar seus vo-/tos &c. Mostre tão bem que não ordenou aos/ G.N. de sua companhia que fossem votar/armados na tarde do referido dia 14, tendo o Sr. Ran-/gel visto a meza Parocial no dia 13/fechar a urna, e declarar, que não recebia mais votos, por motivos que d evem constar/da respectiva acta; e que ao contrario phohi-/bio tal votação armada, por della só esperar-/se desordem. Finalmente, mostre o Sr. Ran-/gel (o que não lhe hade custar muito) que das/4 horas da tarde até as sete do dia 14 foi visto/sem interrupção no Recife, e então terá a/palma que pretende; sem que porem fique ao Sr. Rego Albuquerque o epitheto de ca-/luminador, e pouco circumspecto a vista do/que exposto fica. Bem pode ser que o Sr./Rangel, em lugar de fazer o que lhe acon-/selho, me tache tambem tal aperto uzarei de paciencia, e esperarei que hum terceiro/(sem ser do Carmo, ou de outra ordem) ap-/pareça dizendo mais alguma couza a respeito/do Sr. Rangel na questão das Eleições dos Afogados. De passagem seja-me concedido/dizer, que o sr. Rangel (que se appella o cabocolinho da Varzea) fez as precisas deli-/gencias para não ver seu nome sahir do nu-/mero dos Eleitores dos Afogados: não operou/com furor para esse fim (como diz que o fez o Sr Rego Albuquerque) e por isso perdeu: /eu o consolo Sr. Rangel. Uze de paciencia./espere por outras Eleições, e então faça me-/lhores deligencias: opere tão bem para si, e não se contente só com o que os mais para o/Sr. Rangel operão, e por fim terá o que tan-/to deseja. Tenho sido assaz anfadonho, Srs. Redactores, mas confiado na bondade de Vms./atrevi-me a ser hum pouco mais extenso, do/que lhes peço desculpa. Rogo-lhes a inser-/são destas linhas do de

Vms. Obrigadíssimo Ven.
O Afogadense.

Anno de 1843

Quarta feira

11 de Janeiro Anno XIX N. 8.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores. – Eu quizera demorar/por mais algum tempo a defeza, da minha re/putação mordida pelo diario novo até que me/fosse possível apresentalla com documentos/obtidos de pessoas fededignas da comarca de/Garanhus e certidões dos autos, que fazem/o objecto da minha argüição, porem como/talvez se persuada alguem, que eu com essa/demora tenho em vistas me ir esquivando de/justificar-me de uma argüição, de que os/meus inimigos talvez digão, que eu me não posso defender, e por outro lado, como es-/as demora pode dar lugar a alguns juízos te-/merarios de pessoas, que me não conhecem,/e que não podem Ter uma informação axac-/ta do acontecido, eu vou expor fielmente ao/publico tudo, quanto se passou sobre o cazo,/contentando-me somente em dezafiar aquel-/les, que estiverem persuadidos do contrario/ a contestarem-me, e protestando sempre a-/prezentar os documentos, que prometi.

Tendo sido assassinado na comarca de Ga-/ranhuns o infeliz José Cavalcante de Albu-/querque forão processados pelo delegado do/termo as pessoas, que nesse assassinato se/ supozirão ter tomado parte, a saber o bacha-/rel Francisco Macahdo dias, o alferes Mano-/el Antonio Pereira, e um preto es-/cravo do primeiro, remetido o processo para/o meu juízo, eu como juiz municipal susten-/tei a pronuncia dos tres individuos; mas não contentes os dous primeiros com o meu des-/pacho, recorrem d'elle para o juiz de direito da comarca;concedil-/lhes o recurso, e apre-/zentados os traslados e razões dos recorrentes/dentro de cinco dias na forma da lei a par-/te acuzadora não pediu vista para as impug-/nar, passados outros cinco dias, que para/ esse fim a lei lhe concede, sobre o recurso pa-/ra a minha concluzão, e vendo eu a insufi-/ciência d eprovas allegada pelos recorrentes./ache de justi/ça reformar o meu despacho de/sustentação de pronuncia, absorvendo os dous/recorrentes; vinte e quatro horas depois de/publicada e intimada esta minha decizão, ap-/parece-me um requerimento da parte acuz-/dora recorrendo della paro o juiz de direito;/tendo eu nesse dia dado parte de doente e of-/ficiado ao meu substituto para entrar em axer-/cicio, despachei que a elle requeresse, es-/te meu procedimento alem de legal, e ser/indispensavel aos meus incomodos de saúde,/em nada prejudicava a parte acuzadora, pois/que o meu substituto proveris, ao que por ella fosse requerido.

A vista disto digão os meus detratores, que/recurso neguei eu a parte acuzadora.

Não parou ainda aqui a calumnia derra-/mada. O Diario novo não satisfeito em a-/firmar, que eu deneguei o recurso a parte/acuzadora, apregooa, que se dizia, que eu tambem participava do assassinato Senho-/re redactores, nascido e criado neste Recife/o publico sabe mui bem, que a minha com-/ducta sempre foi livre de qualquer crime mes-/mo leve, que pertença a uma familia, que/sempe acupada em seus meios de vida lici-/tos e decentes, he conhecida com alguns/merecimentos; por outro lado, que motivo/havia para eu dezejar tal mal ao defunto Ca-/valcante? Que não sabido, que/ elle alem de ser um dos escrivães do meu juízo, era pessoa, que se dava um pouco com migo. Que todos os dias mesmo sem estar em serviço hia a minha casa?

Para que pois o Diario novo avançar a u-/ma propozição inventada pelos meus inimi-/gos para detratar-me?

Oito testemunhas forão inquiridas pelo de-/legado, no processo pelo referido assassinato,/nenhuma dellas tocou em meu nome, os reos/forão interrogados, nenhum delles Como/pois he que corria similhante boato? Mui-/to pode o genio do mal, quando quer brotar/contra qualquer! As pessoas gradas da co-/marca sabem da verdade do que levo dito,/ellas conhecem a minha incapacidade para tal proceder; e se assim não acontecesse, não/seria somente as tres individuos referidos os prezos, processados, e pserguidos, eu não/me teria concervado na villa de Garanhuns dous mezes depois do assassinato, sem me a-/contecer couza alguma. Portanto he claro/que so algum meu inimigo, que so algum/daquelles, que se regozijão, quando vem/deprimida a reputação alheia a tal avançaria. Senhores Redactores, eu conheço, que o que acabo de expor não está documentado, mais eu dezafo dos meus inimigos, para que contestem; pois meus documentos de mais de sessenta legoas tem de vir. O Diario no-/vo deve saber que eu, como juiz municipal/de Garanhuns, não sou instrumento deste/ou daquele partido, e que só procuro acer-/tar no cumprimento dos meus deveres; bem/sei que essa vereda he difficil, e que muitas/vezes a fraqueza humana desvia della o vian-/dante, mas a boa fé neste cazo justifica os/seus passos. Tenho portanto demonstrado a falcidade da acuzação que me foi feita, resta/pedir ao publico que desculpe algumas faltas,/asseverando, que o mais breve, que me for/possível apresentarei meus documentos. Sou/ Senhores Redactores Vm. Venerador e Cria-/do – Joaquim José Rodrigues de Sousa.

Diario de Pernambuco 1847

Correspondencia

Srs. Redactores – Sem Ter costume de ler periodi-/cos, muito principalmente hoje que a desenfreada li-/cença de escrever tem chegado ao ponto de se não/respeitar nem mesmo as cousas mais sagradas, ca-/sualmente veio-me as mão o n. 68 d eum papeluxo,/ que se intitula *Nazareno*, e ao passar por elle os olhos/deparei com um artigo quetem por thema estas pa-/lavras do evangelho - *Nihil est occultum, quod non re-/veletur* - : pensei que fosse o tal artigo uma explicação/religiosa do evangelho; mas qual goi a minha admi-/ração, quando encontrei a mais revaltante calum-/nia que se podia estampar no espirito publico! O/inculta maior que se pôde fazer a honra, a probida-de e a virtude! O homem menos fleumático se dei-/xaria possuir da maior ingignação, vendo manchar-se/ a conducta de tres sacerdotes respeitaveis e virtuosos/de um modo tão insólito, e com tanto elastério, que/de alguma sorte este ultraje vai affectar o nosso res-/peitavel e virtuoso prelado diocesano. Deixando de analyzar todos os periodos do supradito artigo, só/me refito ao seguinte: - *Um amigo nosso da Parahiba/ (eis a revelação), em cuja probidade muito confiamos, in-/forma-nos agora que existe alli um padre que apregoa/do modo mais solemne que o Sr. P. Sobreira lhe dissera/em confiança que o único protector que elle tivera no/concurso fora o seu dinheiro, habilmente distribuído/por algum dos examinadores.* – He até onde pôde che-/gar a impudencia! Podia eu analyzar palavra por pa-/lavra deste trecho; mas a indignação que ora me/occupa o peito, me dispensa desse trabalho, e só di-/go ao autor do communicado, que o desafia do mo-/do mais solemne, para que me apresnete esse seu a-/migo, e esse padre, a quem eu tal disse: do contra-/rio, permite que lhe diga que o não acredito; porque/o tenho por vil calumniador, e infame embusteiro./ Felizmente o

publico conhece a illibada conducta dos/ examinadores, os quaes foram os Illms. E Reveren-/diddimos Srs., conego Manoel da Costa Palmeira, na-/cião respeitavel, Dr. Joaquim Raphael da Silva, cujas virtu-/dês são incontestáveis, tres sacerdotes cheios de es-/pirito religioso e tão inteiros, que só o pensar em/suborno lhes causa a maior indignação e horror.

Queira, Srs. Radactores, inserir estas linhas na/ sua conceituada folha; rogando-lhes eu o especial/favor de dizerem ao tal autor do communicado que/não mais responderei ás novas calumnias quem elle/inventar; pelo que lhes será muito grato o seu revê-/rente capellão

O padre Manuel Joaquim Xavier Sobreira.

Diario de Pernambuco 1849

Correspondencia.

Srs. Redactores. – Lendo alguns numeroes do cor-/reio mercantil, publicaos na corte, deparei com al-/guns artigos, que mais merecem o nome de calumnias/que de communicados. Querendo pintar-se a sorte/de infelizes, aquelles que querem a todo custo em-/polgar o poder sacrificando assim estes, que hoje se acham presos a bordo dos navios de guerra, deni-/gre-seo comportamento da brilhante officialmente desses navios, assacando-lhe injurias propiras da/mesquinhez das almas dos autores dessas corres-/pondencias quanto ao tratamento daquelles duran-/te o tempo de suas prisões. Sendo eu uma dessas vietimas, forçoso he que levante a minha fraca voz/para faltar em favor dos beneméritos commandantes/e officiaes da fragata *Constituição* e corveta *Euterpe*./Durante todo o tempo que tenho estado preso, te-/nho recebido delles o melhor tratamento possivel,/e se ha barbaridade dar de comer a desgraçados,/que para ahi teem ido, vesti-los em sua nudez, tra-/ta-los em suas enfermidades, como tem acontecido/com mais de duzentos prisioneiros que aqui teem/estado, praza aos céos que em todos os frances cri-/ticos da minha vida por que tenho de passar eu os/soffra. Desenganem-se homes que só servem para/sacrificar pobres victimas, que, trilhando a senda da/calumnia, nunca poderão airoosamente chegar aos seus fins.

Declaro, pois, que tenho recebido dos Srs. Com-/mandantes, immediatos e officiaes de fragata *Cons-/tituição* e corveta *Euterpe* o melhot tratamento, as-/sim como os meus companheiros de infortúnio, e/termino com as palavras do muito digno comman-/dante da fragata, em um artigo publico hoje: “O Sr. Primeiro-tenente Siqueira, e os officiaes da/fragata *Constituição* teem o seu credito de homens de/bem e de militares briosos sufficientemente estabele-/cido, e por isso não temem a venenosa baba do/réptil da calumnia.”

Bordo da fragata *Constituição*, 17 de janeiro de ja-/neiro de 1849.

Antonio Francisco da
Cunha,
Tenente da guarda nacional reformado.

Anno XXVII
N.3

Sabbado 4 de Janeiro de 1851.

Correspondencia.

AO PUBLICO

Acabo de ser informado por pessoa de/minha intima e sincera amisade, que Sr./Dr. Pedro Autran da Malta e Albuquerque/acha-se sentido e queixoso contra mim, por/lhe haverem dito, que uma asquerosa e im-/moral correspondencia, que em avulso espa-/lharam contra S. S. Fôra impressa na mi-nha typographia.

Esta gratuita imputação, he tão inexacta/que me escusaria de responder; mas para/que tire do Sr. Dr. Autran, que tão traçoei-/ra e vilmente foi offendido, qualquer juizo/injusto, sem duvida, a meu respeito, des-/afio a esse ou esses calumniadores, que pro/vem a vil e baixa imputação. Sinto, que o/sr. Dr. Autran só menos por momento acre/ditasse, que um pai de familia consentiria/ que em sua typographia se imprimisse em/avulso que não respeitou o mais sagrado da/familia; sem embrago desculpo, e peço a S./S., que acreditando na minha sincera pala-/vra, atire para longe imputação que só ini/migos meus o fariam acreditar.

Eu vi esse asqueroso avulso – e mal pu-/de findir sua leitura, he impresso em ty-/pographia 10, não sou eu só que tenho typographia;/e para mais convencer peço a quem quer/que seja esse anonimo, que em honra a ver-/dade declare se foi em minha typographia impresso o dito avulso.

Tenho regeitado muitos impressos até/contra politicos, quando nelles se/involvem a honra ou o sagrado das familias;/a pouco tempo regeitei um impresso contra/o Sr. Dr. Francisco João Carneiro da Cunha,/e como consentia um contra o Sr. Dr. Au-/tran, em que não se respeitava a honra nem amisade?

Para tal não se presta a minha typogra-/phia; e sinto que haja ainda duvida a res/peito.

Sou pai de familia e sei avaliar o apreço/da honra, peço justiça porque tenho direito a ella

Recife, 3 de janeiro de 1851.

Ignacio Bento de Layola.

CORRESPONDENCIAS.

Srs. Redactores. – Eu seria havido como ingrato,/se não rendesse um publico reconhecimento aquelles/á quem abaixo de Deos, devo o restabelecimento de/minha saude tão gravemente abalada; restabeleci-/mento duplicamente attendivel, quer pelo bene-/ficio que a mim me trouxe conservando-me a exis-/tencia, quer pelo bem da minha familia cujo desam-/paro impedio. No meu agradecimento publico duas/pessoas devem Ter o primeiro lugar – os Srs. Drs./Firmo e Moscozo. O primeiro empregou todos os disvelos que a medicina denominada official sóe em-/pregar nos casos criticos em que me achei, nada pou-/pando para restituir-me ao estado de saúde; suas/maneiras attentiosas e delicadas são outros tantos/titulos de eterno reconhecimento, que nunca se de-/lirão de minha memória. Receiando que o metho-/do antigo de curar não fosse sufficiente, recorri a/medicina homeopathica, e o Sr. Dr. Moscozo, a/quem me dirigi, prestou-se com o mesmo disvelo,/desde que começou em mim a applicação do novo methodo de curar, a enfermidade, como que por en-/canto foi desaparecendo; a febre, que há muitos/dias era continua, cedeu milagrosamente; as anci-/as desapareceram e a minha saude reapareceu/depois de muitos dias de soffrimento, cumprindo no-/tar que decorri ao segundo methodo depois de con-/fessado e sacramento. Não tenho palavras para/significar ao Sr. Moscozo toda a minha gratidão, não só pelas acertadas applicações que restituíram a uma família o seu chefe moribundo, como pelo dis-/velo, pela delicadeza, com que fe houve para co-/migo. Com que recompensarei ao Sr. Dr. Moscozo ?/ Nem palavras tenho ! Só por tanto me resta dedi-/car-lhe os meus puros sentimentos e os de uma família reconhecida. O prazer de ter feito um bem/he para os corações nobres a melhor recompensa; e / Deos, que ouve os votos do homem agradecido, he/ so quem pode recompensar actos da ordem d’aquel-/les que para comigo praticou o Sr. Dr. Moscozo.

Aproveito a occasião para agradecer a todas as/pessoas, que se dignaram visitar-me na minha mo-/lestia e interessar-se pelo restabelecimento. Bem quizera eu, ainda tropego, ir pessoal-/mente beijar as mão a tantas pessoas que por tal/modo me honraram; mas todo o mundo reconhece/a impossibilidade em que estou de desempenhar es-/te dever. E, pois, quem teve a summa bondade de/mostrar interesse pela minha saude, tenha de mais/a de aceitar por este meio meus agradecimentos, na certeza de que nada mais anciosamente desejo na minha vida, do que achar um momento de mostrar-/lhe que, a minha memória nunca esquece actos que/nunca se devem olvidar.

Recife, 11 de julho de 1853.

Joaquim Corrêa da Costa.

CORRESPONDENCIA.

Tendo no dia 5 de dezembro do anno próximo/passado, servido de examinador das alumnas do col-/legio de Nossa Senhora da Divina Provincia, si-/tuado no aterro da Boa Vista n. 8, e derigido pela/Exm^a. Sr^a D. Cândida Rosa Mc. Dermol da Costa, não possp deixar de levar ao conhecimento do pu-/blico, o elevado grão de aproveitamento, que mostraram as alumnas do mesmo collegio nas materias,/que alli se ensinam, e que são: leitura, escripta, grammatica portugueza, arithmetica, geografia e francez, ao que optimamente responderam. Deixando inteiramente satisfeito, não só a mim, como aos demais senhores examinadores.

Tive, pois, de observar com minuciosidade atten-/cão, não só a urbanidade, polidez da Exm^a. Directo-/ra, que a todos recebia com especial affabilidade e/cortezia, própria d'uma acrisolada educação, como/também o bom regimen, aceio, regularidade e gran-/de numero de alumnas existentes em seu collegio, e/que tudo exuberantemente prova o desvelo e cui-/dado, que emprega no exacto cumprimento do seu ministério.

E, portanto, a Exm^a. Sr^a . D. Cândida, merecendo-/ra dos maiores encomios pelos encaçaveis esforços,/que tem empregado no desenvolvimento das tenras intelligencias das jovensalumnas que tem sido com-/fiadas aos seus maternas cuidados, formando-as desi'arte para virem como dignas mais de famílias; adqueridos a mesma Exm^a . Sr^a para si um nome/respeitável no numero daquelles, que se empregam/na árdua, e assas espinhosa tarefa da educação da/mocidade.

Foi, porém sentida a falta de assistência á aquelle/acto, daquelles, senhores que alli tem suas filhas edu-/cando-se, ao menos a daquelles, cujas filhas tinham/de ser examinadas, pois que se assim o tivessem feito, não só mais abrilhantariam esse acto com suas pre/senças, encorajaram as examinandas, como seriam/testemunhas acculares do bom adiantamento com/que se distinguiram naquelle acto essas jovens alumnas; o que unicamente fez o Illm. Sr. Dr. Alcanfo-/rado, pai de umas das examinadas.

Receba, pois, a Exm. Sr^a D. Cândida, meus sin-/ceros emboras, pelo afan com que tem procurado dar um subido grao de engrandecimento e esplendor ao/seu bem conceituado e quiçá, o principal collegio/do sexo feminino, ora existente em nossa provincia,/e releve, se eu levado unicamente pelo impulso da/minha consciência publicamente lhe tributo os lou-/vores que com justiça são devidos ao seu acrisolado/merito.

Bem conheço não ser eu habilitado para tecer elo-/gios dignos da Exm^a . Sr^a . D. Cândida, e que certa-/mente ficarei muito a quem do fim, a que me pro-/ponho, mas anima-me a lembrança do dito do anti-/go Vale de Sulmona: - Onde faltam as forças su-/pre a vontade. – Ut desint vires, tamen est laudan-/da voluntas.

Boa- Vista 8 de janeiro de 1855.

Porfírio da Cunha Moreira Alves.

Exterior

Sexta Feira 13 de Março de 1857

Correspondencia do Diario de Pernambuco.

Paris 6 de fevereiro de 1857.

As correspondências de S. Petersburgo attestam/as symphatia que se consagram a alliança franco-/russa, cuja expectação sempre inspira tão mão hu-/mor á Inglaterra: <<Segundo ellas, este facto uma vez consumado, a liberdade dos mares já não tem nada a temer da audácia do pavilhão britânico, cu-/ja superioridade relativa pederá então as suas pre-/tenções gigantescas; qualquer eventualidade de uma guerra marítima desaparece, e ainda em terra um exercício completo será do'ora a vante impossível.

Esta alliança comporta elementos de grandeza e/prosperidade, que a alliança ingleza das duas nações, nos votos dos/dous imperadores, por'a fim em toda a Europa com-/tinenta a um regimen de paz armada, que só utiliza/á manutenção de contingentes militares, e a todos os /obstáculos que se oppoe ao desenvolvimento das in-/dustrias rivaes da sua. Os grandes estados se reco-/nheceram illudidos pela política do gabinete de San/James, reconheceram a necessidade de mudar esta/situação a todo custo. Trabalha-se com actividade/para este fim, redigiram-se medidas sobre asta quês-/tão, e no momento actual as negociações são troca-/das em segredo entre os gabinetes. Quando terão/ellas um resultado, ou antes quando se fará conhecer/este resultado á Europa ? Ninguém poderia dize-lo/de uma maneira precisa. Tudo depende de uma mul-/tidão de circumstancias, da marcha dos acontecimentos, das complicações que dahi poderiam surgir. Mas/como quer que seja, sejam quês fores os obstacu-/los que se opponham a este grande acto, á conclu-/são desta alliança depende de intereses mui poderosos, está/nas necessidades da situação, para que não seja crea-/da irrevogavelmente. O futuro proverá que as mi-/nhas informações emanavam de boa fonte.>>

Reputamos de grande interesse para o imperador/estas poucas linhas do correspondente de San Peters-burgo.

Uma questãoem que os interesses inglezes ainda/se acham em contradicção com os interesses russos e/a questão persa, com tudo menos envenenada hoje,/pois que algumas conferencias não tido lugar entre o/ministro dos negócios estrangeiros da corte de Tehe-/ran, enviado em missão especial ao Golpho Pérsico, e/o commandante em chefe da expedição ingleza,/muito dos poderes necessários. Em consequencia/destas conferencias, proposições de paz não sido fei-/tas, segundo cujos termos, renunciando os Inglezes a/exigir a substituição do grão-visir actual, a quem o/Shah dedica um affecto todo particular, exigiram em/seu favor um reconhecimento do direito de formar/um estabelecimento permanente no Golpho Pérsico,/e Ter ahi uma estação naval. O Shah, a quem todo/o Afghanistan se mostra favorável, aceitaria as pro-/posições inglezas, e a Rússia interviria na questão/pormeio de uma circular. Até então os Inglezes, re-/clamando da Pérsia a evacuação de Herat, se apóia-/vam nos tratados pela Pérsia, mas que em/substancia Herat esteve nas mãos dos Persas. Como/quer que seja, proseguiram nas ruas expedições no/Golpho Pérsico, as suas tropas de desembarque occu-/ariam a illha de Korrach, e o porto de Bender Bus-/hire. A guarnição persa se

retiraria para o interior,/e o maior parte dos habitantes ficariam. O governo/de Teheran continuava a desenvolver os preparativos de guerra com maior actividade.

N'uma palavra tem se exagerado a importância/desta expedição ingleza, dizendo-se que um exercito/poderia ser facilmente conduzido de Bender Bushire/, a Cheraz, e desta cidade de Teheran: esqueceram-se de que a Inglaterra tinha diante de si nesta questão/outro adversário que não a Pérsia, - a Rússia que he tão interessada que uma grande potencia se não esta-/tabeleça no Yran,isto he, nas ultimas das suas pos-/sessões asiáticas, que se achariam dest'arte compro-/mettidas e sempre ameaçadas. A Rússia que occupa/ sem sahir do seu território uma posição estratégica, que paralysa todos os planos inglezes.

Os Inglezes ou partam do litoral do Golpho Per-/sico, ou venham do valle do eufrates, tinham nece-sariamente que viajar nos dous Khrassaus, procin-ciais centraes da Persia. Ora, o corpo de exercito/russo, que occupa as praias do Mar Caspio podia, no/primeiro signal, invadir o Mazaranderan e dirigir-se/ por esta provincia aos flancos do exercito inglez e/embarga-lo na sua marcha. Quando a' acção dos In-/glezes seobre as tribua Afghan, resulta dos docu-/mentos mais recentes que seria poderosamente neu-/tralisada pela acção da Russia e pela propria Per-/sai, donde se segue que o Afghnistan, fraccionado/ em tres grandes partes, não poderia dar a' Ingleza/terra o concurso com que tem ella contado, e sem, o/qual não teria podido nada contra a Persia. A Rus-/sai torna as suas relações com o Shah mais estreitas/e mais intimas todos os dias, e em troca da concen-/tração dos dous grandes corpos de exercito russo so-/bre a fronteira; recebeu um territorio consideravel,/cuja occupação levanta uma barreira invencivel a/qualquer comunicação directa da Persia com o Mar/Negro.

Dentro dos seus proprios limites, a Inglaterra se/occupa com os seus trabalhos parlamentares. A abertura da sessão teve lugar a 3 de fevereiro. A rainha/não o abriu em pessoa. O seu discurso foi lido pelo/lord commissario. Limita-se a indicar pouco mais/ou menos o estado das cousas e a situação actual da/política ingleza. A propósito do tratado de Paris,/diz simplesmente, que as difficuldades que tinham apparecido foram vencidas, e o espirito do tratado/sustentado. Recorda depois as diversas phases do/negocio de Neufchatel, e reputa a solução proxima./ Estabelece a differençaentre as cortes de Paris, e de/Londres e a de Nápoles, allude a' guerra da Persia/ sem dizer nada acerca do estado das negociações; e quanto ao negocio de Cantão, diz que as medidas/rigorosas que se tomaram, em consequencia de in-/jurias graves e de recusas de reparações da parte do governo de Cantão, foram tomadas com grande in-/dulgencia. Se he isto uma indulgência da Grã Bre-/tanha, qual será a sua severidade ?

O voto de graças será posto pelo conde de Gark/na câmara dos lords, e por Sir John Ramsden ba-/ronete, membro representante o Wigton shire.

Uma crise ministerial foi annunciada muitas ve-/zes, durante estes últimos dias, como eminete. Contudo, he de crer que, se lord Palmerston he um sol ponente, he ainda o único astro que está no ho-/risonte. Com os seus collegas, o marquez de Lans-/downe, lord Clarendon e Sir George Grey, parára há/tempo em certas excentricidades de politica exte-/rior, e que encontravam invenciveis absolutos. M. M./Gladstone e D'Israeli não sido designados, mas na-/da até o presente assegura-lhes a sucessão do nobre lord.

Em França, dizem que os governos absolutos tem/os cachopos, e que algumas vezes restringindo/o porto de actividade publica das massas, am impel-/lem a abdicção absoluta do pouco que lhes dei-/xam. Isto se produz presentemente; o governo de/Napoleão III trabalha em favor do complemento do/dever do voto e litoral, e nesta occasião, a questão/de saber se a distribuição de bulletim eleitoraes he/livte, ou se deve

ser submetida a autorização dos/prefeitos, há sido o objecto de vivas discussões na imprensa.

Porém, mais do que a politica, um processo judi-/ciario teve aqui o privilegio de absorver a atenção/publica: dissemos na ultima vez que um crime me-/donho lançara Parisno luto e na consternação, que/o primeiro pastor da diocese cahira ferido por uma/punhalada, no meio das cerimoniais de culto em/uma igreja, e pela mão de um padre. Este misera-/vel apresentou em presença do seu crime Erostrato, ou se era um louco; n'uma palavra,/se a razão humana tinha sido manchada por uma/acção execrável, ou se a allienação somente devia/soffrer a respectiva responsabilidade nos séculos futuros. A injustiça se apoderou d'elle, e o jury se réu-/nio. Depois de 15 dias de prevenções, o tribunal/funccionou. Durante os interrogatorios da forma/cão da culpa, Verger protestara com a sua vontade/firme, com o seu desígnio reflectido; dissera: dê-/de 31 de janeiro de 1856, em consequencia da in-/terpretação dos meus poderes espirituaes, resolvi ma-/tar S. Exe. Revm^a. Renunciei a este pensamento,/quando tive a esperanza de ser admittido na diocese/de Meaux: não se verificou, e executei-o em com-/sequencia da interdicção pronunciada contra mim/quando me achei nas mesmas privações e me dis-/seram que S. Exe. o arcebispo de Paris não queria,/nem julgar-me, nem ouvir-me.>> Compareceu a/barra dos accusados, e os debates demonstraram que/he uma dessas cabeças péssimas e revoltadas, cuja/ vide se passa em receber beneficios e commeter in-/gratidões uma dessas naturezas violentas, que attri-/buem á propria sociedade e ás suas superioridades,/o que commetem por suas proprias culpas, e si-/tuação pessoal, e o que nunca sabem, e não acei-/tam a lei e o nobre jugo da submissão e do dever./De todos os membros deste santo e zeloso clero de/França, não há talvez, um só, que tenha encontra-/do diante da suas carreira no começo dos seus es-/forços maior numero de mão estendidas para si,/mais soccorros bemfeitores e generosas. Recebido a/custa da superiora dos irmãos de S. Vicente de Pau-/lo, no pequeno seminario de S. Nicolao do Chardon-/net, dahi sahio em 1844 com uma nota que o de-/clarava impróprio para o ministerio ecclesiatico,/revelado mais tarda da severiadde previdente deste/primeiro julgamento, acolhido no grande seminario,/foi afinal ordenado padre. Demitido successivamen-/te da gerencia de duas parochias excluido da dio-/cese de Meaux, successivamente n'uma mise-/ria, do seio da qual concebeu e meditou o seu crime.

Colocado em uma nova situação, foi definitivamen-/te suspenso de ordens a 12 de dezembro de 1856, por/um prelado que esgotou a seus respeito a medida da in-/dulgencia, dos bons conselhos e da piedade. Foi em-/tão que consumado os seus sinistros projectos, co-/roou pelo assaassinato e sacrilégio essa longa e per-/severante revolta da indiciplina e do orgulho. O seu comportamento ante o tribunal dos jurados ex-/cedeu em exaltação insensata, em brutalidads vio-/lentas todos os actos da sua vida. Praticou taes cou-/sas, que foi expulso depois de um debate que mos-/trou ate onde pode chegar a paciencia dos magis-/trados e o respeitp para com a defeza. O jury julgou que havia um crime, que a sociedade tinha precisãso de uma expiração que fosse igual a este cri-/me. – E a 30 de janeiro pela manhã soffreu a pena de morte, soffreu com tanta inercia, quanta fora a sua violência.

Diario de Pernambuco – Quarta feira 13 de julho de 1859

Correspondencias.

Senhores redactores : - Levados pelo dever de/fraternisação, dever que nos é imposto pelas leis/que nos regem, fomos visitar ao nosso irmão o Sr./Carlos Eduardo Muhlert, por occasião de se achar o/mesmo Sr. Bastante doente de uma grande inflam/mação nos rins: e ao mesmo tempo indagamos se/o nosso irmão precisaria de algum recurso, que quase sempre, não grado nosso, soe faltar aos que/professam a classe artística.

Porém qual não foi a nossa admiração quando/ouvimos a narração feita pelo mesmo Sr. Mhlert,/de nada precisar, não porque tivesse feito alguma/reserva á força de economia, porque a isto não lhe/dava lugar a sua pesada família; mas pela grande philantropia e generosidade de seu patrão e soci/honorário da associação a que pertencemos, o Sr./Ino: Edwin Roberts, que se havia então empenha-/do para o seu completo restabelecimento, fornecem-/do-lhe de seu moto próprio tood e preciso para o seu curativo!

Desde logo nutrimos em nós um sentimento im-/posto pela gratidão, de em nome de nossa mãe, a/associação Typographia Pernambuca, e de nos-/so irmão o Sr. Carlos, tomarmos a liberdade de/agradeceremos cordialmente ao Sr. Roberts, esse acto grandioso de beneficiencia, pelo qual somente/o homem póde chegar ao lado do Creador, e por/outro lado vemos no Sr. Roberts um cavalheiro dig-/no renumerador dos serviços prestados por aquelle/que se há esforçado tão bem em prol dos seus ser-/viços. Deos o recompensará.

Queiram, senhores redactores, por mais esta vez,/Ter a summa vondade, que sempre lhes assistio, de/dar publicidade a estas linhas em honra de um ac-/to virtuoso, com o que lhes ficarãograto

Alguns typographos.

Recife, 10 de julho de 1859.

Diario de Pernambuco – Sexta Feira 4 de outubro de 1861

Correspondencias.

Srs. Redactores. – Acontece que mandando o Sr. Major Joaquim de Sá Cavalcanti de Albu-/querque fazer uma cerca pelo lado do norte do/sitio – Água do Curral – pertencente ao vinculo/de Paratibe de Cima, de que sou administrador,/e devendo dita cerca correr pela borda da anti-/quissima estrada que sempre serviu de divisa por/aquelle lado, entre as terras do mencionado si-/tio e as de um outro que hoje pertence ao dito/major, houve engano ou erro da parte de quem/dirigio esse trabalho, apartando-se a cerca em/questão da direcção que devia levar.

Sabendo meu procurador desta eventualidade/foi ter-se com o respectivo feitor, e fez lhe a/reclamação que em tal caso couvinha; e enten-/dendo-se depois com o mesmo Sr. Major, disse-lhe este – que na melhor boa fé estava persuadi-do de que a cerca tinha meu procurador, e attendendo/a uma carta que nesse sentido lhe havia eu em-/deressado, me mandasse dizer que se marcaria/um dia, no qual comparecêsemos eu e elle ma-/jor, para em vista dos nossos titulos examinarmos/essa estrada antiga, e assentarmos naquillo, que/fosse mais justo.

Essa diligencia teve lugar na tarde do dia se-/gunda feira 16 de setembro ultimo; e posto que/o sol já estivesse bastante baixo, comtudo sem-/pre tivemos o tempo que foi necessário para que/o Sr. Major Sá ficasse convencido de que com/effeito se havia dado um engano contra mim na/factura da cerca a que me tenho referido/ e mos-/trado-se o Sr. Major possuído da smelhores in-/tenções, além de outras cousas disse-me em pre-/sença do meu procurador o Sr. Alexandrino Ay-/res da Paixão Berenger, que se não retirava logo/a cerca para fazer por onde devia ella correr,/era isso por dous motivos que se oppunham:/primeiro, por estar já preparado para boar a/moer o seu engenho; e segundo, em razão de/pretender fazer o seu cercado de vallado, o que/teria lugar depois de pejar o seu dito engenho,/avisando-me afim de comparecer no dia em que/se desse principio ao sobre referido vallado: nisto/ficamos justos e concordes.

Confesso, Srs. Redactores, que as boas manei-/rãs e palavras conciliatórias com que tratou/o Sr. Sá, e as demonstrações de boa fé que exhi-/bio, foram muito alem da minha (ilegível) e/por isto entendo que seria faltar á justiça (ilegível)/remettesse ao prelo as linhas que se contem (ilegível)/ mal redigida correspondencia, que espero da /cordeal bondade de Vmcs. Façam com que o mais/breve possível occupe um cantinho do seu muito/importante Diario.

Entretanto sou com estima de Vmcs. Assignante/ attencioso e obrigado.
Salvador coelho de Drummond e Albuquerque.

Pao Amarello 3 de outubro de 1861.

Diario de Pernambuco

Sabbado 3 de outubro de 1863

Correspondencias.

Srs. Redactores. – Como do periodico *Brasil* pu-blicado na Bahia á 19 de setembro ultimo consta,/que alli se está fundando uma propaganda infernal/contra a nossa santa religião por dous Americanos/do Norte, que alli aportaram, já espalhando livros/incendiarios, do protestanismo, já pregado por pa-/lavras, e pelo prelo – as duas péssimas doutrinas,- venho trazer ao conhecimento do respeitável pu-blico tão desagradável noticia, para que della in-/formando-se prepare para congregar suas forças, e/reagir vivamente contra essa infernal propaganda,/se por ventura ella aqui innocular-s, ou appa-/recer.

É isto o rigoroso dever de todo bom catholico/apostólico romano, para que contra a verdadeira/igreja não prevaleçam por tal guiza as portas do/inferno.

Á frente da opposição mais vigorosa possivel/contra essa propaganda, acha-se na Bahia o sábio/e virtuoso Exm. Sr. Arcebispo metropolitano, como/também se há pronunciado o mui digno bispo do/Grão-Pará, o Exm. Sr. D. Antonio de Macedo, sen-/do de esperar, que nessa cruzada hajam de tomar/aqui parte activa o nosso venerando bispo diocesa-/no, e o distincto clero pernambucano.

Oxalá que estas poucas palavras, traçadas muito/á pressa, como o caso exige, sejam devidamente ar-/tendidas por tão respeitáveis pessoas, é por todos/os bons catholicos em Pernambuco, em honra e/brio delles, afim de que aquella horrivel propagan-/da aqui não possa encontrar o menor accesso/como felizmente succedeu naquelles dous pontos do/imperio!

A idifferença nestes casos importará favonear/indirecta e sorrateiramente predita propaganda, o/que será um verdadeiro crime.

Então mui applicavel será o dicto – *quem não é/por nós, é contra nós* – *Qui non est pro me, contra me est.*

Neste sentido queiram, Srs. Redactores, dar bre-/vemente a publicidade os dous artigos, que vão/marcados naquelle periodico, para melhor sciencia/e direcção de todos os seus leitores, o que muito/lhe agradecerá

O verdadeiro catholico.
Recife, 1º de outubro de 1863.

Diario de Pernambuco – Quinta feira 5 de outubro de 1865.

CORRESPONDENCIAS

Srs. Redactores. – Tendo sido recolhido a casa/de detenção no dia 2 do corrente, por ordem do/Ilm. Sr. Dr. Chefe de policia, e posto em liberda-/de hontem, isto é 24 horas depois; é de meu de-/ver levar ao conhecimento do publico o facto que/motivou a minha prisão; não tanto por mim, como/pela sociedade que presido, e que é credora das/minhas atenções, pela maneira porque em sua/totalidade se tem portado; muito embora a entriga/e os calculos de mesquinhos desafectos quizessem/macula-la, fazendo recahir sobre mim, na quali-/dade de seu director a imputação de complicitade/ou responsabilidade por um facto praticado por estranhos a nossa sociedade.

Na noite do dia 1º do andante, voltara a banda/de musica da sociedade *Bella União* do hospital / portuguez onde havíamos tocado, por offerecimento/nosso, e já nos havíamos recolhido a casa de nos-/sos trabalhos, e até já sahido alguns dos socios;/quando no meio de um grupo que nos acompanha-ra, rebentou estrondoso barulho que deu em resul-/tado o ferimento de um escravo da Exma. Viuva/do Sr. Manoel Gonçalves da Silva. Nessa occasião/todos os moradores da rua do Pires, onde está a/casa de nossos trabalhos e perto da qual se deu o/conflicto, presenciaram que tal conflicto foi provo-/cado por alguns guardas nacionaes dos aquar-/telados para o serviço de guerra, sendo que, até/nenhum dos socios sahio de casa para intervir/nelle.

Desgraçadamente sabe toda esta provincia, o que/todos os dias se dá entre esta ordem de gente por/causa de musicas, e não só com as sociedades par-/ticulares que ora existem, mais até a bem pouco/tempo com as proprias musicas militares, sem que/fosse nunca possivel que a autoridade conseguisse/acabar com os conflictos que se davam, mas até,/caso virgem! que fosse responsabilisado o director/de um asociedade pelo que se podesse dar entre o/povo, que nada tem com tal director, e que não/tendo nusca respeitado em taes occasiões os sub-/delegados das respectivas freguezias, por certo não/tinha que respeitar me como director, nem eu se-/ria capaz de intimar cousa alguma, visto como tem-/se por ahi presenciado até onde chega o arrohho /desses que collocados na frente de uma musica,/fazem disso occasião de exercito de crimes. Em-/tretanto no dia acima designado, fui chamado a/presença do Ilm. Sr. Dr. Chefe de policia, a ahi/chegado disse-me S. S. que sendo eu o responsa-/vel pelo que se havia dado, visto como era o di-/rector da sociedade e o conflicto dera em virtu-/de da musica me manda a recolher: ponderei á/S. S. que eu nada podia Ter com semelahn-te facto,/visto como fora elle praticado por gente estranha:/mas nada valeo e fui sempre recolhido.

Não creia ninguém que o que deixo dito, im-/porta uma censura ao digno Sr. Dr. Chefe de po-/licia; não estou hoje convencido de que alguém/ houve que adulterou os factos e exagerou todo o/ ocorrido com o intento de prejudicar-me no com-/ceito que de mim devia formar aquella autori-/dade e não foi senão essa a causa porque fui re-/colhido, sendo que, logo que a verdade foi conhe-/cida, o mesmo Sr. Dr. me mandou

pôr em líber-/dade. Já se vê pois qu não censuro aquella au-/toridade a antes lhe sou grato pela presteza com/que procedeu as indagações precisas.

Entretanto, é necessario dizer alto bom, som. Que/não será por meio de imputações falsas e tão ridi-/cular quanto infames, que hão de conseguir os gra-/tuitos inimigos da sociedade que presido suffocar/os bons desejos que temos de aperfeiçoarmos na/arte que encetamos , e que levaremos avanta a/despeito de todos os abtáculos. Fique pois esta-/belecido que a sociedade *Bella União*, não tem,/nem nunca teve parte em conflicto algum, e que/ se isso se diz, é porque ninguém há que esteja li-/vre da calumnia.

Por esta ocasião agradeço aos Illms. Srs. Drs./chefe de policia e administrador da casa de deten-/cão: a aquella a justiça, a este a delicadeza a at-/tenção com que se dignou tratar-me.

Recife, 4 de outubro de 1865.

Joaquim Ribeiro da Gama.

Diario de Pernambuco - Quarta feira 9 de Outubro de 1867

Correspondências

Atenção.

Deparei no diário de hoje com uma correspon-dencia assignada por meu cunhado o Sr. Major Jo-sé dos Santos Nunes Lima, que entendeu conve-/niente a seus intereses, ou antes aos de certos in-/dividuos que o cercam, lançar contra mim injurias/e factos dasairosos e só próprios de outros que/não eu. Pretende que fui eu, quem promoveu,e/denunciou seu mão estado de saúde perante o jui-/zo de orphãos desta capital, de ficar com sua fortuna,/parte da qual diz existir em meu poder.

Se não fosse o estado em que se acha meu cu-/nhado, de certo que não teria assignado uma tal/correspondência, porquanto se elle tem convicção/de seus actos, seha de lembrar que há três annos/é que recebi a quantia de 8000\$, e por muitos/pedidos sesu, e de solicitações de meu finado so-/gro, cuja somma fora retirada do Novo Banco, que não queria continuar a te-la dando juros.

Também se há de recordar que os juros dessa/quantia elle os recebeu como consta dos recibos e/conta corrente existentes em meu poder, por tanto/veja o publico quem é que illude a boa fé e pro-/cura appropriar-se da fortuna do Sr. Major. Se não lhe falta a memória deve estar lembrando que mui-/to antes de tomar conta desse dinheiro, nunca dei-/xei de lhe prrestar serviços e sommas que então/me pediria. Nunca procurei illudir a boa fé de pres-/soa alguma e muito menos poderia fazer ao illus-/trado juiz de orphãos desta capital que sabe per-/feitamente cumprir suas obrigações não se deixa/levar nem illudir por qualquer pessoa, por isso é/que talvez o meu cunhado, longe de perante elle/defender seu direito procurou o juízo de capellos e/resíduos, estranho e alheio aos factos para reque-/rer oexame de sanidade que se effectnou dias de-/pois di julgamento de interdicção proferido pelo/juízo de orphãos.

Não denunciei nem promovi o processo no juizo/de orphãos, que procedeu ex officio e na forma da lei, como se pode verificar com os mesmo autos,/nos quaes se

encontram a portaria, nomeação de/peritos, exames feitos,audição do Dr. curador geral, julgamento etc.

Assim, pois, a censura irrogada ao digno juiz de/orphãos, nem de leve o pode tocar, mas crendo na promessa que fez, estimarei que meu cunhado pro-/vê em juizo, não só, seu estado perfeito de suas fa-/cuidades mentaes, como que no juizo de orphãos/não se procedeu conforme a lei, depois do que es-/tou convencido se lhe fará a devida justiça, fican-/do patente que não tive a menor parte na denuncia,/e julgamento existente, e assim eu desejo porque é/perante os tribunaes e os magistrados que triumph-/pha a justiça, e se descobrem as intrigas que não/poucas vezes procuram escurecer o brilho deslum-/brante da verdade.

Jamais negarei existir em meu poder a somma/de oito contos de réis pouco mais, como diz o sr./major, mas asseguro que nunca me fora ella pedi-/da, e só depois que se dera o julgamento de inter-/dicção pelo juizo de orphãos é que recebi intima-/cão judicial, para conciliar-me o entraga-la: por/tanto é menos exacto allegar meu cunhado, que/por essa intimação é que fui levado a promover a/sua interdicção.

Julgo Ter respondido a todas as partes da citada/correspondencia, não com acrimônia e injuria com/que fui tratado, mas com a conveniencia devida ao/publico, que nos julga, e a pocição que occupo, e espero conservar, não obstante a maneira grassei-/ra por que foi tratado.

Recife, 18 d eoutubro de 1867.
Joaquim Mauricio Gonçalves Rosas.

Diario de Pernambuco – Quarta feira 6 de outubro de 1869.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Srs. Redactores. – Demettido com geral surpre-/za do cargo de sodelegado do districto de Ma-/lhadinha da comarca do Limoeiro, para o qual/havia sido nomeado logo que subio ao poder o/partido conservador, sem que tivesse sciencia da/causa, que autorisou a minha demissão, e nem/consciência de haver merecido, senti offendido a/minha reputação de funcionario publico, e des-/de logo procurei com maior empenho descobrir o/iníquo plano, perversamente concebido e astuta-/mente realizado.

Carecia tranquilisar a minha consciencia e jus-/tificar-me perante a opinião publica.

Não me foi deficil encontrar a meaba, cujo fio/me guiou ao ponto procurado.

A combinação e concurso de uma serie de cir-/cumsptancias convenceu-me de que fui victima de/torpes machinações de um leproso tão pretencioso/fátuo e richoso, quanto mesquinho, desprezivel,/intrigante e perigoso por suas manhas jesuíticas/e desregradas ambições, a quem tive a infelicida-/de de contrarias em um de seus aulculos menos/confessaveis.

Mas não tendo esse ente repugante e despre-/sivel a coragem de assumir a responsabilidade de/suas torpezas, abusou da boa fé e confiança de um homem a quem respeito/ de quem sou amigo e/a quem conseguiu ferir-me pelas costas, como faz o co-/barde assassino, que emboscado aguarda a inno-/cente victima que deve cair

inanimado, sem ver a/mão que o fere! Pois bem, saiba o publico e saiba o Esm. Sr. Vide-presidente. que não tenho actos na/minha vida, quer publica, quer particular, que não possam apparecer e ser discutidos. Se como autoridade commetti excessos ou abusos, péde a/justiça que eu seja convencido e punido, nunca/porem condemnado indefeso.

Desafio ao meu calumniador para que denun-cie aos tribunaes ou pela imprensa, os autos de/que se serviopara conseguir a minha demissão,/e protesto confundi-lo demonstrando a torpeza do seu vil procedimento.

Não posso, não quero, e nem devo, autorisar/com o meu silencio o desconceito a que me quis/expor um detractor ignóbil e perverso e nem, com-/centir que continue a desenvolver o miserável/plano que concebeu e tem começado a pôr em pratica, de aniquilar o partido conservador nesta/comarca, em cujo seio tem aberto tão profundas/chagas, que defícil, senão impossivel, será a cura.

Limito-me por ora a desafia-lo para que me de-/nuncie; se porem, o não fizer protesto voltar a/imprensa, declinar-lhe o nome, referir toda a ne-/greira do seu procedimento, quer em relação/historia da minha demissão, quer em relação a/todos os actos de sua vida, que possam ser trazi-/dos a publicidade: arrancar lhe-hei a mascara e/expo-lo-hei aos olhos do mundo inteiro tal qual é. Escolha: ou denunciar-me com os factos de que se sérvio para clumniar-me e conseguir a mi-/nhá demissão, ou verá a sua necrologia correr/mundos.

Ao terminar devo declarar que não é o penoso/cargo de subdelegado, de que não tenho sauda-/des, que me fez vir a imprensa: não, pelo com-/trario receberia como alto favor se me fosse com-/cedida a demissão pela mesma forma por que fui/nomeado, ou se consultada as conveniencias lo-/cães, resultasse utilidade ao parido ou ao publi-/co: encommodou-me a demissão pela forma por/que foi decretada.

Tenho concluído, e aguardado o procedimento do/meu calumniador, para voltar a explicação qu/devo ao publico. Recife, 5 fr outubro de 1869. *José Rufino de Miranda.*

DIARIO DE PERNAMBUCO
Terça Feira 10 de Outubro de 1871.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

O SR. TENENTE-CORONEL SEBASTIÃO ANTONIO DO
REGO BARROS Á BARRA DE UM TRIBUNAL POR
CIRME DE SEDULAS FALSAS!!!

Esse espetactulo espantoso, que, revestido de/formas judiciaes, se representa há dias aos olhos/da população de uma capital, toda excitada por/tão grosseira dicção, ainda não está terminado.

Pela mais estulta das concepções, em vez de se/impor silencio a um attentado dessa ordem, jul-/gou-se necessario que figurasse o ministério pu-/blico em seu ultimo acto!

E ei-lo que se deixa arrastar.

Antes de ouvi-lo, devemos dizer-lhe: - A ho-/nestidade publica reclama o encerramento dessa/ peça immoral. A victima escolhida para a execu-/cão de um plano

de elevação, talvez não possa re-/sistir ao prolongamento de tão cruel cupplicio./antes de tudo compreenda que não se deve de-/gradar a exercer actos, que repugnam a suas pro-/pria gidnidade.

Devia recusar-se abertamente como fez ao prin-/cipio, declarando que *á sua custa ninguem se ele-/varia !*

Sua missão é muito nobre e elevada. Para de-/fendre-se da censura, devia antes rotestar alta-/mente contra essa monstruosa subersão ás leis de/instrucção criminal. Se tivesse procedido assim/o seu nome seria recomendado aos altos poderes/de estado, perante quem teria exhibido provas de/inteireza e verdadeiro zelo pela causa da justiça.

Todos sabem que nesse acto não se trata de/descobrir os traços de um crime, que deixa por si/tão vivos signaes, nem de punir o culpado. Tudo/quanto houve acerca do fabrico de sedulas falsas/em Fernando e aqui, não passou de vãs tentati-/vas. Ninguém ignora o que se fez, e quem o fez.

Todos reconhecem a innocencia e pureza da vic-/tima. Não há um só homem nessa capital, que não clame contra esse attentado. Para que, pois,/essas delongas e restrições de formas, exigidas/tão tarde pelo promotor ?

Respondem-nos: - Para justificar a victima, e/evitar que em qualquer tempo possa reviver esse/procedimento official.

A victima regeita a justificação que lhe offere-/cem seus algozes, e nunca póde temer as conse-/quencias dessa invenção absurda.

A iniquidade de certos homens é inimitável.

Fiquemos aqui.

Não é tempo de peneirar as causas secretas desse/procedimento, não é tempo de descobrir essa machina cujo movimento apparente por mais espantoso /que seja, e menos do que os motivos que deter/minam sua impulsão. E nem praza aos céos que nos seja preciso entrar em detalhes tão repugnantes e/vergonhosos.

Não queremos dizer senão o que for impossível/de calar.

Por hoje o nosso fim é reclamar em nome do publico que já conhece o ridículo odioso que ser/ve de base a esse processo contra essas protelações/friamente calculadas.

Quem ouviu em pleno auditório sete testemu-/nhás se referirem ao conto de uma lavadeira,/ como bem qualificou uma dellas, talvez a única/empenhada em dar-lhe a cor e forma de uma re-/velação, não quer mais ouvir; já sabe qual é a/ base do processo, já sabe que o ter dito essa la-/vadeira, que vio em um dos quartos da casa do/ commandante uma porção de sedulas expostas/para serem enchutas por um ferro de engommar/ foi o que servio ao juiz de fundamento ao pro/cesso do coronel Rego Barros. E se reflectir/ que somente foram chamados para jurar nesse/processo sentenciados, com exclusão absoluta de /todos os commerciantes do lugar e empregados/de cathegoria, vendo que esses mesmos sentenciados sem a menor discrepância affirmam não haver/o menor indicio de que se fabricasse em Fernando/sedulas falsas, e que isso alli era impossível de/praticar-se, referindo todos ao conto de uma lavadeira que já não exixste, deve naturalmente/ rir-se de tudo quanto tem praticado o Sr. Paulino/Chaves com referencia ao ex-commandante da ilha/ de Fernando. Em verdade nadamais irrisório do/que a base d'esse processo.

Avante, Sr. Paulino Chaves: Sua concepção é um primor d'arte,é uma d'essas ficções maravi-/lhosas, que não tem por modelo, nem os contos de/Hoffman, nem os traços vivos de Rabellais; é/uma d'essas composições excêntricas, que podem/apparecer copiadas em todos os actos de indaga-/cão criminal,como um supremo esforço das com-/binações do gênio inspirando um juizo em deli-/gencia, e tão phantastico, que divagando na região/ dos mortos evoca a voz de um tumulto para com-/vencer os vivos.

Avante, Sr. Paulino.

Não trema diante da responsabilidade que as-sumio.

O que deve valer em seu espírito, e em seus sentimentos o acto de arrastar a um tribunal por/crime infamante um official de patente superior,/ recomendado por um procedimento sempre hon-/roso, e encanecido sob as armas no serviço de seu paiz?... Nada.

Oh/ se o homem honrado que tem empregado/toda sua vida na pratica de actos que illustam seu nome, cheio de brios, possuído de todos os/sentimentos de honestidade,sacrificando sempre/seus interesses á sua dignidade, esforçando-se no-/brevemente para legar a seus filhos um nome que/só por si o recommenda a estima e respeito publi-/co, pôde sem o menor fundamento para a mais leve suspeita, ser arrastado aos tribunaes por/agentes incosiderados da justiça, quem se julga-/rá em segurança?

Se as reputações immaculadas podem ser impu-/nemente maredaqs pelo sopro impuro de qualquer/jurisdição, ai d'aquelles sobre quem pesar a ini-/quidade de taes jurisdicções, ai d'aquelle que por/fatalidade for encontrado em sua carreira desas-/trada.

E se o juiz que sem attender ao que tem sido/em todos os tempos e lugares objecto de pública/veneração, e usando de tão violento arbítrio gosa/de immuniade e aspira um premio, qual é o (ilegível) a que tendem asw relações sociaes sob a adminis-/tração do poder e autoridade publica?

Que garantias nos offerecem as leis, se em sua/execução só servem para opprimir o cidadão ho-/nesto?

O que são as nossas liberdades individuaes se/audaciosos agentes do poder judiciário pódemim-/punimente confundir o vicio e o crime com a in-/nocencia e a virtude?

Respondam aquelles que teem com o mais frio/e cruel indifferentismo assistido impassíveis a/marcha d'esse attentado, que que se immolar/a innocencia.

Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha.

Diario de Pernambuco – Quinta feira 2 de Outubro de 1873.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Gratidão

O abaixo assignado, filho desta provincia, mora-/dor no termo de S. Bento, tendo relações com o ne-/gociante nesta praça o Sr. Joaquim da Silva Costa,/ há tempos, quando este fazia parte da junta admi-/nistrativa, a convite do mesmo Sr. Costa foi ao hospital Portuguez de Beneficiencia e com aquella/dedicação que por todos é conhecida no referido Sr, lhe mostrou todo o estabelecimento, dando-lhe/as devidas explicações, que com effeito fé-lo ficar/surprehendido com o meritório monumento aqui/levantado com as economias de alguns daquelles/a quem tem a honra de descender, e mal pensaria/que uma terrível enfermidade, lhe havia de conduzir aqui, recolhendo-o ao mesmo hospital/em 26 de agosto proximo passado.

O Illm. Sr. Dr. Pitanga, mui distincto medico/desta casa,com assistência dos Illms. Srs. Drs./Sarmiento e seve, lhe extrahiram uma pedra da/bexiga com mais de oito onças como foi vista em/cima da mesa que estava em seu quarto,dia do/anniversarie.

Tendo estado recolhido ao hospital 33 dias,/ retira-se penhorado a todos os membros da actual/junta administrativa, assim como os empregados/que carinhosamente souberam tratar-lo, e a todos/os seus dedicados amigos, que o visitaram, a to-/dos confessa-se grato, offerecendo de coração o seu limitado préstimo, não podendo findar estar/sem pedir ao mui distincto porvedor o Illm. Sr. Antonio Correia de Vasconcellos e a todos os mais/a quem é deuido tão importante e meritório esta-/belecimento, não recuarem em tão santa institui/cão, que embora tenha contribuído com a diária/que é marcada aos donetes de primeira classe, não se julgará feliz enquanto não uver a honra de/ver o seu humilde nome no quadro de tão dis-/tincta e honrada sociedade, pede á todos estes dis-/tinctos cavalheiros que nesta meciona, não tomem/ este seu agradecimento em outro sentido, alem/d'um voto de gratidão,já que pessoalmente não o pode fazer por retirar-se hoje para o centro onde/vai restabelecer-me da grande operação que soffreu. Pedirá a Deus que continue a abençoar este/santo e meritório estabelecimento, afim de que/aquelles quepor circunstancias chegarem ao seu/estado, contem a mesma victoria, que com peque-/no dispêndio vá bem dizendo do tratamento,/aceio, limpeza e humanidade com que foi trá-/tado.

Recife, 1º de outubro de 1873.

Beruardino Medeiros de Amaral.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)